

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

GABRIELA BRAGA

**Prosódia do português de São Tomé:  
o contorno entoacional nas sentenças declarativas neutras**

Versão Corrigida

São Paulo

2018

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Prosódia do português de São Tomé:  
o contorno entoacional nas sentenças declarativas neutras**

Versão Corrigida

GABRIELA BRAGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

De acordo:



---

Orientadora: Professora Doutora Flavianne Romani  
Fernandes Svartman

4 de abril de 2018

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B813p Braga, Gabriela  
Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional nas sentenças declarativas neutras / Gabriela Braga ; orientadora Flaviane Romani Fernandes Svartman. - São Paulo, 2018.  
191 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Linguística. 2. Fonologia. 3. Prosódia. 4. Entoação. 5. português de São Tomé. I. Fernandes Svartman, Flaviane Romani, orient. II. Título.

BRAGA, Gabriela. *Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional nas sentenças declarativas neutras*. 2018. Dissertação (Mestrado em letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Univeridade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 05 de fevereiro de 2018

### **Banca Examinadora**

Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes Svartman (Presidente)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima

Instituto de Humanidades e Letras do *campus* dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Carolina Ribeiro Serra

Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Livre-docente Luciani Ester Tenani

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

“Linguagem - a fala humana -  
é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores.  
[...]

Para o bem e para o mal,  
a fala é a marca da personalidade,  
da terra natal e da nação,  
o título de nobreza da humanidade”

Louis HJELMSLEV (1975)

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus e ao Universo por todas as pessoas maravilhosas que encontrei pelo caminho. Sem elas não seria quem sou hoje e não teria chegado até aqui.

Agradeço imensamente aos meus pais, Lucilene e Luis Antonio, por terem me ensinado com palavras e ações que estudar é a melhor forma de se tornar alguém. Muito obrigada por me criarem em um lar cheio de amor e de livros. Lucilene e Luis Antonio, sem o carinho, exemplo, apoio e ajuda diários de vocês eu não teria conseguido. Meu eterno ‘obrigada’!

Agradeço com todo meu coração ao meu companheiro Rodrigo, meu mais que marido e amigo, meu “parça”. Obrigada por acreditar em mim, pelas risadas, pelas conversas sem fim sobre linguística, o universo e tudo mais, e por achar um barato tudo isso, tanto quanto eu. Obrigada pelas revisões e edições deste e de tantos outros trabalhos. Somos um lindo time e você é uma das minhas pessoas favoritas no mundo.

Agradeço também ao meu pequeno lindo filho, por tornar a vida mais bonita, mesmo quando este trabalho parecia não ter fim. Lucas, obrigada pelo seu sorriso, pela sua vontade de aprender coisas novas (que me inspira tanto) e por produzir novos fones a cada dia.

Meu ‘muito obrigada’ também à minha irmã Mariana, por seu exemplo de dedicação em tudo o que faz e por fazer parte da minha vida e da minha família.

Agradeço muito a Marta e Nilson, Bruno e Janaína, por me darem apoio e retaguarda para a escrita deste trabalho, cuidando do pequeno e sendo sempre tão gentis comigo.

Agradeço à minha querida orientadora, professora Flaviane R. Fernandes Svartman, por ter me acolhido como orientanda e “filha acadêmica” e por tanto ter me ensinado sobre prosódia e a beleza da música das línguas. Obrigada por ser sempre gentil diante das minhas dúvidas e por acreditar no meu potencial.

Agradeço imensamente às professoras Carolina Serra, Luciani Tenani e Manuele Bandeira, membros da banca de defesa desta dissertação, pela leitura atenta, pelos comentários e sugestões que enriqueceram tanto este trabalho. Quaisquer erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade. Agradeço também aos professores Gabriel Antunes de Araujo, Ana Livia Agostinho e Margarida Petter, por terem aceitado nosso convite para membros suplentes da banca de defesa.

Ao grupo de estudos de prosódia da USP, com quem dividi problemas, dilemas, risadas e congressos, obrigada por todo conhecimento construído e dividido. Meu agradecimento

especial ao Vinícius, por ter me ensinado muito sobre *Praat* e seus scripts, pelos insights sobre partes complicadas da análise de dados e por ser uma voz da prosódia sobre o português na África; à Carol, por ter dividido comigo as angústias de cursar as disciplinas de pós-graduação, pelos cafés, conversas e exemplo de como uma capricorniana deve ser; e ao Matheus, pelo seu jeito leve e jovial de encarar a pós-graduação, que me fez rever minha postura muitas vezes. Obrigada pelo time maravilhoso, eficaz e divertido que formamos.

Agradeço também aos meus professores de graduação e pós-graduação do curso de Letras da FFLCH, por tanto me ensinarem sobre as línguas e como elas recortam e moldam sociedades, em especial à professora Margarida Petter, que me inspira como africanista, e ao professor Gabriel Antunes de Araujo, quem primeiro me apresentou a minha menina dos olhos, que é a Fonologia, e São Tomé, a ilhazinha pela qual me apaixonei.

Meu muito mais que obrigada aos meus queridos amigos e amigas, Manu, Shika, Rogerio, Renata, Wallace, Silmara, Karina, Vivian e Kaye, pela paciência comigo durante todos esses anos (não só de mestrado) e por sempre me inspirarem a ser uma pessoa melhor, em todas as instâncias. Agradeço muito o carinho de cada um de vocês e carrego vocês sempre comigo, por mais distante que o trabalho me faça ficar. Amo vocês.

Um agradecimento especial à Ana, madrinha e amiga tão querida, a quem tenho como modelo de mulher, linguista e pesquisadora.

Agradeço à Unilab – campus da Liberdade (Redenção - CE), que me acolheu e me disponibilizou salas e auditórios em que eu pudesse realizar as gravações necessárias para a realização deste trabalho. Agradeço imensamente às estudantes santomenses que se disponibilizaram a me ajudar na adaptação do *corpus* do RLD, e principalmente à MAQJ, NDR e JRB, que colaboraram como informantes deste trabalho.

Por último, mas igualmente importante, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro através da bolsa de mestrado DS e aos funcionários da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, por serem sempre tão solícitos nas necessidades acadêmicas cotidianas.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivos (i) descrever e analisar o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do português falado na ilha de São Tomé (PST), em São Tomé e Príncipe, especificamente a relação entre associação de eventos tonais ao contorno entoacional e a formação de domínios prosódicos, tanto em fala controlada quanto em fala espontânea, assim como (ii) comparar os resultados encontrados para o PST com aqueles descritos na literatura para outras variedades de português já estudadas sob a mesma perspectiva teórica: variedades lusitanas, brasileiras e de Guiné-Bissau, variedade africana assim como o PST. Nossa hipótese é que do ponto de vista entoacional o PST se distancie do SEP (*standard european portuguese*, o português falado em Lisboa), embora esta seja considerada a variedade de prestígio no país e tida como alvo pela população, ensinada nas escolas e veiculada na mídia. Para alcançar os objetivos estabelecidos, nos valem do aparato teórico da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica, para a investigação da associação de eventos tonais ao contorno entoacional, numa abordagem integrada à Fonologia Prosódica, para verificarmos a formação dos constituintes prosódicos e identificação dos domínios relevantes na atribuição de eventos tonais. Dentre as características prosódicas e entoacionais que encontramos, destacamos (i) a alta densidade tonal do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras em PST; (ii) a associação de acentos tonais (*pitch accents*) a todas as palavras prosódicas nas sentenças de fala controlada; (iii) a associação obrigatória de acento tonal à palavra prosódica cabeça de sintagma entoacional, seguido de um tom de fronteira associado à sua fronteira direita; (iv) a possibilidade de associação de acento frasal (*phrasal accent*) à fronteira de sintagmas fonológicos; (v) a configuração de contorno nuclear majoritariamente baixa (L\* L%), embora também seja possível a realização de um contorno nuclear descendente (H+L\* L%) para as sentenças declarativas neutras dessa variedade de português. Através desta dissertação, apontamos características entoacionais e prosódicas do PST que o afastam do SEP e que podem ser consideradas como argumentos para a consolidação do PST como uma variedade que possui (assim como o PB) uma gramática entoacional própria, não se tratando de uma produção considerada irregular da variedade tida como padrão.

**Palavras-chave:** Fonologia; Prosódia; Entoação; português de São Tomé.



## ABSTRACT

This study aims to (i) describe and analyze the intonational contour on neutral declarative sentences in the Portuguese spoken on São Tomé island, in São Tomé & Príncipe (PST), specifically the relation between the association of tonal events with the intonational contour and the formation of prosodic domains, either on controlled or spontaneous speech and (ii) compare the results achieved on PST with the ones described on previous papers on other Portuguese varieties already studied under the same theoretical perspective: Lusitanic varieties, Brazilian varieties, and from Guinea-Bissau, an African Portuguese variety, like PST. Our hypothesis is that from the intonational point of view, PST stands far away from the SEP (standard European Portuguese), although that is the prestige variety and seen as a goal by the population, taught in schools and used by the media. To accomplish these objectives, we used the theoretical apparatus supplied by the Metric and Autosegmental Intonation Phonology to investigate the association of tonal events to the intonational contour, approaching it while integrated to the Prosodic Phonology, to verify the formation of prosodic constituents and the identification of relevant domains to the tonal event attribution. Among the prosodic and intonation characteristics we found, we highlight (i) the high tonal density of the intonational contour of the neutral declarative sentences in PST; (ii) the association of pitch accents with every prosodic word in the controlled speech sentences; (iii) the mandatory association of pitch accent to the intonational phrase head prosodic word, followed by a boundary tone associated to its right-side edge; (iv) the possibility of associating the phrasal accent to the phonological phrase edge; (v) predominantly low nuclear contour configuration ( $L^* L\%$ ), although it is also possible to perform a top-down nuclear contour ( $H+L^* L\%$ ) to the neutral declarative sentences in this Portuguese variety. With this paper, we point out PST's intonational and prosodic characteristics that ward it off from SEP that may be considered as arguments for the consolidation of PST as a variety possessing (just like the PB) its own intonational grammar, proving it is not a production considered as irregular when compared to the standard one.

**Keywords:** Phonology; Prosody; Intonation; São Tomé Portuguese.

## LISTAS DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE.....	7
<b>FIGURA 2:</b> CONTORNOS NUCLEARES DE SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS (FOCO AMPLO) ENCONTRADOS NAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS JÁ DESCRITAS NA LITERATURA SOBRE FONOLOGIA ENTOACIONAL (ADAPTADO DE FROTA ET AL., 2015, P. 248) ..	28
<b>FIGURA 3:</b> REPRESENTAÇÃO ARBÓREA DA HIERARQUIA PROSÓDICA, SEGUNDO NESPOR E VOGEL (1986; 2007), ADAPTADO DE SERRA (2009, P. 19).....	31
<b>FIGURA 4:</b> ANOTAÇÃO DA SENTENÇA “A NORA LOIRA MEMORIZAVA DILEMAS”, PRODUZIDA POR NDR, EXTRAÍDA DO CORPUS DE FALA CONTROLADA. ....	50
<b>FIGURA 5:</b> ANOTAÇÃO DA SENTENÇA “FORRO MESMO, SÓ”, PRODUZIDA POR MAQJ, EXTRAÍDA DO CORPUS DE FALA ESPONTÂNEA. ....	50
<b>FIGURA 6:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A NORA LOIRA MEMORIZAVA DILEMAS”, PRODUZIDA POR NDR EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	55
<b>FIGURA 7:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A NORA LOIRA MIRAVA VELHINHAS LINDAS”, PRODUZIDA POR NDR EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA.....	59
<b>FIGURA 8:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A BOLIVIANA LEVAVA LIRAS NA MALA”, PRODUZIDA POR JRB EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	60
<b>FIGURA 9:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A NORA MORENA DA VELHA LEVAVA DINHEIRO LIBANÊS NA MALA”, PRODUZIDA POR NDR EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA.....	61
<b>FIGURA 10:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A LOIRA MEMORIZAVA UMA MELODIA MARAVILHOSA DO MARINHEIRO”, PRODUZIDA POR NDR EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA.....	63
<b>FIGURA 11:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A NORA LOIRA MIMAVA MENINOS”, PRODUZIDA POR NDR EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	64
<b>FIGURA 12:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A LOIRA GRAVAVA UMA MELODIA MARAVILHOSA”, PRODUZIDA POR MAQJ EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	74
<b>FIGURA 13:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A BOLIVIANA MEMORIZAVA UMA MELODIA DO MARINHEIRO”, PRODUZIDA POR MAQJ EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	74
<b>FIGURA 14:</b> ASSOCIAÇÃO DE EVENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “O NAMORADO MEGALÔMANO DA BRASILEIRA GRAVAVA UMA MELODIA”, PRODUZIDA POR JRB EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	75
<b>FIGURA 15:</b> NÃO REALIZAÇÃO FONÉTICA DE T% ASSOCIADO À FRONTEIRA DIREITA DE IP FINAL DA SENTENÇA “A LOIRA FALAVA DO NAMORADO”, PRODUZIDA POR JRB EM CONTEXTO DE OBTENÇÃO DE FALA NEUTRA CONTROLADA. ....	79
<b>FIGURA 16:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “O NAMORADO MEGALÔMANO DA BRASILEIRA GRAVAVA UMA MELODIA MARAVILHOSA DO MARINHEIRO”, PRODUZIDA POR NDR. ....	81
<b>FIGURA 17:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “A MULHER LOIRA MARAVILHAVA VELHINHAS LINDAS”, PRODUZIDA POR JRB. ....	82
<b>FIGURA 18:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “QUANDO NÃO SE ENTENDE UMA LÍNGUA FICA MEIO DIFÍCIL INTERAGIR”, PRODUZIDA POR MAQJ EM FALA ESPONTÂNEA.....	89
<b>FIGURA 19:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “POR EXEMPLO OS GUINEENSES FALAM CRIOULO O TEMPO TODO”, PRODUZIDA POR JRB EM FALA ESPONTÂNEA. ....	93

<b>FIGURA 20:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “É LÍNGUA QUE TODO MUNDO FALA, TODO MUNDO ENTENDE”, PRODUZIDA POR MAQJ EM FALA ESPONTÂNEA. ....	102
<b>FIGURA 21:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “SE TIVER ALGUM ASSUNTO ASSIM DA UNIVERSIDADE OU COISA ASSIM, NÓS FALAMOS”, PRODUZIDA POR MAQJ EM FALA ESPONTÂNEA.....	103
<b>FIGURA 22:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DO ENUNCIADO “QUASE DE TODA NACIONALIDADE”, PRODUZIDO POR NDR EM FALA ESPONTÂNEA.....	106
<b>FIGURA 23:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “ATÉ PORQUE MINHA MÃE- MINHA MÃE VIVEU LÁ POR MUITO TEMPO”, PRODUZIDA POR NDR EM FALA ESPONTÂNEA. ....	109
<b>FIGURA 24:</b> CONTORNO ENTOACIONAL DA SENTENÇA “EU PRETENDO IR PARA SÃO TOMÉ NO TERCEIRO ANO”, PRODUZIDA POR MAQJ EM FALA ESPONTÂNEA. ....	112
<b>FIGURA 25:</b> DISTRIBUIÇÃO DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DE ACORDO COM A DENSIDADE TONAL NAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS. ....	123
<b>FIGURA 26:</b> AGRUPAMENTO DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DE ACORDO COM O DOMÍNIO RELEVANTE PARA A ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS AO CONTORNO ENTOACIONAL DAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS. ....	124
<b>FIGURA 27:</b> DISTRIBUIÇÃO DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DE ACORDO COM A POSSIBILIDADE DE ASSOCIAÇÃO DE ACENTO FRASAL (T <sup>-</sup> ) À FRONTEIRA DE PHP NÃO FINAL DE IP NAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS.....	125
<b>FIGURA 28:</b> DISTRIBUIÇÃO DAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS DE ACORDO COM O TIPO DE CONTORNO NUCLEAR DE IP FINAL DAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS. ....	126

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO POR LÍNGUAS FALADAS EM NÍVEL GLOBAL, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001) .	12
<b>GRÁFICO 2:</b> DISTRIBUIÇÃO (%) DA POPULAÇÃO POR LÍNGUAS FALADAS, SEGUNDO O DISTRITO DO PAÍS, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001).....	13
<b>GRÁFICO 3:</b> LÍNGUAS FALADAS PELA POPULAÇÃO RESIDENTE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, EM PORCENTAGEM, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2012).....	14
<b>GRÁFICO 4:</b> COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS DOS CENSOS 2001 E 2011, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001, 2012). ...	14

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> FATORES DE COMPOSIÇÃO DO CORPUS DO RLD, SEGUNDO ELORDIETA ET AL. (2003). ....	41
<b>QUADRO 2:</b> DETALHAMENTO DAS ENTREVISTAS .....	43
<b>QUADRO 3:</b> PERFIL DAS INFORMANTES.....	45
<b>QUADRO 4:</b> CONSTITUIÇÃO DE PHP DE ACORDO COM O NÚMERO DE SÍLABAS.....	73
<b>QUADRO 5:</b> COMPOSIÇÃO DE PHP DE ACORDO COM O NÚMERO DE SÍLABAS .....	77

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS (PW) EM FALA CONTROLADA. ....	53
<b>TABELA 2:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS CABEÇA DE SINTAGMA FONOLÓGICO EM FALA CONTROLADA. ....	54
<b>TABELA 3:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS CABEÇA DO ÚLTIMO SINTAGMA FONOLÓGICO DE IP EM FALA CONTROLADA. ....	54
<b>TABELA 4:</b> DISTRIBUIÇÃO DE ACENTOS TONAIIS ASSOCIADOS ÀS PWS DE ACORDO COM A POSIÇÃO OCUPADA DENTRO DE IP, EM FALA CONTROLADA. ....	56
<b>TABELA 5:</b> FREQUÊNCIA DE CONFIGURAÇÕES DE ACENTOS TONAIIS PRÉ-NUCLEARES POR INFORMANTE, EM FALA CONTROLADA. ....	57
<b>TABELA 6:</b> DISTRIBUIÇÃO DAS CONFIGURAÇÕES DOS ACENTOS TONAIIS ASSOCIADOS ÀS PALAVRAS PROSÓDICAS CABEÇA DO ÚLTIMO SINTAGMA FONOLÓGICO DE IP (ACENTO NUCLEAR) POR INFORMANTE. ....	62
<b>TABELA 7:</b> DENSIDADE TONAL DAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS DO PST, EM FALA CONTROLADA. ....	66
<b>TABELA 8:</b> ASSOCIAÇÃO DE T <sup>-</sup> À FRONTEIRA DIREITA DE SINTAGMAS FONOLÓGICOS (PHP) NÃO FINAIS DE IP NAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS DO PST POR INFORMANTE. ....	68
<b>TABELA 9:</b> ASSOCIAÇÃO DE T <sup>-</sup> À FRONTEIRA DIREITA DE SINTAGMAS FONOLÓGICOS (PHP) NÃO FINAIS DE IP DE ACORDO COM SUA RAMIFICAÇÃO SINTÁTICO-PROSÓDICA, POR INFORMANTE. ....	70
<b>TABELA 10:</b> ASSOCIAÇÃO DE T <sup>-</sup> À FRONTEIRA DIREITA DE SINTAGMAS FONOLÓGICOS (PHP) NÃO FINAIS DE IP DE ACORDO COM SUA POSIÇÃO SINTÁTICA (SUJEITO OU PREDICADO DA SENTENÇA), POR INFORMANTE. ....	71
<b>TABELA 11:</b> ASSOCIAÇÃO DE T <sup>-</sup> À FRONTEIRA DIREITA DE SINTAGMAS FONOLÓGICOS (PHP) NÃO FINAIS DE IP COM NÚMERO DE SÍLABAS (ξ). ....	76
<b>TABELA 12:</b> OCORRÊNCIAS DE T <sup>-</sup> ASSOCIADOS À FRONTEIRA DIREITA DE SINTAGMAS FONOLÓGICOS (PHP) NÃO FINAIS DE IP DE ACORDO COM O COMPRIMENTO DE PHP. ....	77
<b>TABELA 13:</b> FREQUÊNCIA DE ASSOCIAÇÃO DE TOM DE FRONTEIRA (T%) À FRONTEIRA DIREITA DE IP FINAL EM FALA CONTROLADA POR INFORMANTE. ....	78
<b>TABELA 14:</b> DISTRIBUIÇÃO DAS CONFIGURAÇÕES DOS CONTORNOS NUCLEARES DAS SENTENÇAS NEUTRAS EM PST POR INFORMANTE. ....	80
<b>TABELA 15:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS (PW) EM FALA ESPONTÂNEA. ....	86
<b>TABELA 16:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS CABEÇA DE SINTAGMA FONOLÓGICO NÃO FINAL DE IP EM FALA ESPONTÂNEA. ....	87
<b>TABELA 17:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS NÃO CABEÇA DE SINTAGMA FONOLÓGICO NÃO FINAL DE IP, POR INFORMANTE, EM FALA ESPONTÂNEA. ....	88
<b>TABELA 18:</b> FREQUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE ACENTOS TONAIIS A PALAVRAS PROSÓDICAS DE ACORDO COM SUA POSIÇÃO OCUPADA NO MAPEAMENTO EM CONSTITUINTES PROSÓDICOS EM FALA ESPONTÂNEA, POR INFORMANTE E NO TOTAL. ....	91
<b>TABELA 19:</b> FREQUÊNCIA DE CONFIGURAÇÕES DE ACENTOS TONAIIS PRÉ-NUCLEARES POR INFORMANTE E NO TOTAL, EM FALA ESPONTÂNEA. ....	91
<b>TABELA 20:</b> FREQUÊNCIA DE CONFIGURAÇÕES DE ACENTOS TONAIIS NUCLEARES DE IP MEDIAL (PW CABEÇA DO ÚLTIMO PHP DE IP MEDIAL) POR INFORMANTE E NO TOTAL, EM FALA ESPONTÂNEA. ....	95

<b>TABELA 21:</b> FREQUÊNCIA DE CONFIGURAÇÕES DE ACENTOS TONAIIS NUCLEARES DE IP FINAL (PW CABEÇA DO ÚLTIMO PHP DE IP FINAL) POR INFORMANTE E NO TOTAL, EM FALA ESPONTÂNEA. ....	96
<b>TABELA 22:</b> CONFIGURAÇÃO DE TOM DE FRONTEIRA ASSOCIADO À FRONTEIRA DIREITA DE IP MEDIAL EM FALA ESPONTÂNEA POR INFORMANTE E NO TOTAL. ....	107
<b>TABELA 23:</b> REALIZAÇÃO DO TOM DE FRONTEIRA (T%) NA FRONTEIRA DIREITA DE IP FINAL NAS SENTENÇAS NEUTRAS DE FALA ESPONTÂNEA POR INFORMANTE. ....	108
<b>TABELA 24:</b> CONTORNO NUCLEAR DE IP MEDIAL NAS SENTENÇAS NEUTRAS DE FALA ESPONTÂNEA POR INFORMANTE E NO TOTAL...	110
<b>TABELA 25:</b> CONTORNO NUCLEAR DE IP FINAL NAS SENTENÇAS NEUTRAS DE FALA ESPONTÂNEA POR INFORMANTE. ....	110

## SÍMBOLOS, ABREVIACÕES E CONVENÇÕES UTILIZADAS

U (Utt)	Enunciado fonológico
IP (I)	Sintagma entoacional
PhP ( $\Phi$ )	Sintagma fonológico
CG (C)	Grupo clítico
PW ( $\omega$ )	Palavra fonológica
Ft ( $\Sigma$ )	Pé métrico
Syl ( $\sigma$ )	Sílaba
)PW	Fronteira direita de palavra prosódica
]PhP	Fronteira direita de sintagma fonológico
]IP	Fronteira direita de sintagma entoacional
PW]PhP	Palavra prosódica cabeça de sintagma fonológico
PW]PhP]IP	Palavra prosódica cabeça de sintagma entoacional final
CAIXA ALTA	Acento de palavra
<del>tachado</del>	Segmento não realizado
<u>Sublinhado</u>	Palavra prosódica cabeça de sintagma fonológico
T*	Acento tonal
T <sup>-</sup>	Acento frasal
T%	Tom de fronteira
H	Tom alto
L	Tom baixo
L1	Língua materna
L2	Língua não materna
S	Sujeito
V	Verbo
O	Objeto
MAQJ	Informante

NDR	Informante
JRB	Informante
PST	Português santomense
PP	Português principense
PB	Português brasileiro
SP	Variedade de português brasileiro falado na cidade de São Paulo
RJ	Variedade de português brasileiro falado na cidade do Rio de Janeiro
MG	Variedade de português brasileiro falado na cidade de Belo Horizonte
BA	Variedade de português brasileiro falado na cidade de Salvador
RS	Variedade de português brasileiro falado na cidade de Porto Alegre
PE	Português europeu
SEP	variedade de PE considerada padrão, falada na cidade de Lisboa ( <i>Standard European Portuguese</i> )
NEP	variedade de PE falado na cidade de Braga, norte de Portugal ( <i>Northern European Portuguese</i> )
POR	variedade de PE falado na cidade de Porto, norte de Portugal
ALE	variedade de PE falada em Castro Verde, na região do Alentejo (interior de Portugal)
ALG	variedade de PE falada em Albufeira, na região do Algarve (sul de Portugal)
PGB	Português de Bissau (Guiné-Bissau)
PA	Português de Angola
InAPoP	Atlas Interativo da Prosódia do Português ( <i>Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese</i> )
RLD	<i>Romance Language Database</i>

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>VI</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>VIII</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>IX</b>
<b>LISTAS DE FIGURAS</b> .....	<b>X</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	<b>XI</b>
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	<b>XI</b>
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>XII</b>
<b>SÍMBOLOS, ABREVIACÕES E CONVENÇÕES UTILIZADAS</b> .....	<b>XIV</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>1</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>2. SÃO TOMÉ: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E SOCIOLINGÜÍSTICOS</b> .....	<b>6</b>
2.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E A FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOLINGÜÍSTICA DO PAÍS .....	6
2.2 AS LÍNGUAS EXISTENTES EM SÃO TOMÉ .....	11
2.3 ESTUDOS JÁ REALIZADOS SOBRE A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ .....	15
2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	22
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO E TRABALHOS PRÉVIOS SOBRE A PROSÓDIA DE VARIEDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	<b>24</b>
3.1 FONOLOGIA ENTOACIONAL .....	24
3.2 FONOLOGIA PROSÓDICA .....	28
3.3. O CONTORNO ENTOACIONAL NEUTRO EM OUTRAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS .....	34
<b>4. CORPUS E METODOLOGIA</b> .....	<b>40</b>
4.1 CORPUS DE FALA CONTROLADA .....	40
4.2 <i>CORPUS</i> DE FALA ESPONTÂNEA .....	42
4.3 INFORMANTES .....	43
4.4 METODOLOGIA .....	46
<b>5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>52</b>
5.1 FALA CONTROLADA .....	52
5.1.1 <i>Acentos tonais</i> .....	53
5.1.2 <i>Densidade Tonal</i> .....	66



5.1.3 Tons relacionados à fronteira .....	67
5.1.3.1 Acentos Frasais .....	67
5.1.3.2 Tons de Fronteira .....	78
5.1.4 Contorno Nuclear .....	80
5.2. FALA ESPONTÂNEA .....	84
5.2.1 Acentos tonais nas sentenças de fala espontânea .....	85
5.2.1.1 Algumas considerações prosódicas sobre o sândi vocálico externo em PST .....	97
5.2.2 Tons relacionados à fronteira nas sentenças de fala espontânea .....	105
5.2.2.1 Acentos Frasais em fala espontânea .....	105
5.2.2.2 Tons de Fronteira em fala espontânea .....	106
5.2.3 Contorno Nuclear nas sentenças de fala espontânea .....	109
5.3 COMPARAÇÃO DO PST COM OUTRAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS .....	113
5.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CONTORNO ENTOACIONAL DAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS DO PST .....	115
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>139</b>
A. ROMANCE LANGUAGES DATABASE .....	139
B. SENTENÇAS DISTRATORAS EM SANTOME .....	144
C. FORMULÁRIO PERFIL DO INFORMANTE .....	145
D. FORMULÁRIO TERMO DE CONSENTIMENTO .....	146
E. FALA ESPONTÂNEA .....	148
E.1 Informante JRB .....	148
E.2 Informante MAQJ .....	159
E.3 Informante NDR .....	168

## 1. INTRODUÇÃO

São Tomé e Príncipe é um país africano insular, descoberto desabitado pelos portugueses em meados do século XV, cuja língua oficial é o português. Desde o primeiro momento, a língua portuguesa trazida pelo colonizador esteve em contato com as línguas faladas pelos negros capturados na África (inicialmente, as línguas do grupo edo, na região do Delta do rio Níger e, mais tarde, as línguas quicongo e quimbundo, da região do Congo e Angola), que eram levados para a ilha de São Tomé, o primeiro grande centro de distribuição de escravos de Portugal, onde ficavam até serem levados para serem vendidos na Europa, Caribe e, especialmente, no Brasil<sup>1</sup>.

O contato fez com que ali surgisse um proto-crioulo que, em poucas décadas, deu origem às quatro línguas crioulas existentes no Golfo da Guiné: santome, lung' Ie, angolar e fa d'Ambô (FERRAZ, 1979; BANDEIRA, 2016). A língua portuguesa convive com o santome (língua crioula mais falada na ilha de São Tomé) desde então, tendo sido aprendida inicialmente de forma irregular e como segunda língua até chegar a ser a primeira língua da grande maioria da população nos dias de hoje (GONÇALVES, 2010; ALEXANDRE et al., 2011; INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2012; entre outros). Entretanto, ao menos em relação aos seus aspectos prosódicos, o português falado em São Tomé é uma variedade própria, que se distancia da norma lusitana tida como alvo pela população, e se aproxima de variedades transplantadas, como o português brasileiro (PB) e o português de Guiné-Bissau (PGB).

Esta dissertação tem como principal objetivo descrever e analisar aspectos prosódicos do português falado na ilha de São Tomé (PST), nomeadamente, o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras, no que tange à associação de eventos tonais e à formação de domínios prosódicos.

Entendemos por sentenças declarativas neutras aquelas produzidas sem condições discursivas especiais (como elemento em foco, tópico ou contexto de produção de sentenças interrogativas), ou seja, como se toda informação fosse nova e respondesse à pergunta “O que aconteceu?”. Esse tipo de sentença também aparece na literatura com a denominação de “sentença de foco amplo”. De acordo com Frota (2000, p.16), as sentenças de foco amplo são

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre a formação de São Tomé e Príncipe e sua realidade linguística são apresentadas no Capítulo 2.

aquelas em que uma nova informação é introduzida no discurso, de modo que o foco recobre a sentença como um todo, em oposição às sentenças ditas de foco estreito, em que o foco recai sobre parte específica da sentença (aquela que se pretende enfatizar).

Para alcançarmos nosso objetivo principal, nos valem do quadro teórico da Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica (PIERREHUMBERT, 1980; BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; LADD, 1996; 2008) e da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; 1986; 2000; NESPOR; VOGEL, 1986; 2007), teorias utilizadas pelos estudos já realizados sobre prosódia de línguas românicas, desenvolvidos no âmbito do projeto internacional *Intonational Phrasing in Romance*<sup>2</sup>, e pelos trabalhos sobre prosódia das variedades de português europeu (PE), brasileiro e de Guiné-Bissau, que serão mencionados a seguir.

Também faz parte do escopo deste trabalho realizar a comparação dos resultados obtidos na investigação das características do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST com aqueles encontrados para outras variedades do português já descritos na literatura (conferir, para o português europeu: FROTA, 1997; 2000; 2014; VIGÁRIO, 1998; FROTA; VIGÁRIO, 2000; 2007; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; FROTA et al., 2007, FROTA et al., 2015; para o português brasileiro: FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; SERRA, 2009; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015; e para o português de Guiné-Bissau: SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015).

Além disso, pretende-se contribuir com o projeto internacional *Atlas Interativo da Prosódia do Português (Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese)* – InAPoP<sup>3</sup> (FROTA;

---

<sup>2</sup> O projeto internacional *Intonational Phrasing in Romance* vem sendo desenvolvido desde 2002 por pesquisadores de países europeus de língua românica, entre eles: Gorika Elordieta, da Unibertsitateen Ibilbidea 5 (País Basco); Mariapaola D'Imperio, da Université de Provence (França); Marina Vigário e Sónia Frota, da Universidade de Lisboa (Portugal); e Pilar Prieto, da Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha) e tem como objetivos centrais: (a) a constituição de uma base de dados de línguas românicas que permita o estudo comparativo da constituição entoacional destas línguas; (b) a descrição e análise da constituição prosódica, tendo em conta o peso de fatores fonético-fonológicos e morfossintáticos; e (c) a compreensão da variação encontrada nas línguas românicas, no domínio da constituição entoacional. Para os resultados já obtidos por esse projeto conferir, entre outros, Elordieta et al. (2003), Vigário; Frota (2003), Elordieta, Frota e Vigário (2005), D'Imperio et al. (2005), Prieto et al (2006), Frota et al. (2007) e Frota; Vigário (2007).

<sup>3</sup> O projeto internacional “Atlas Interativo da Prosódia do Português” (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* - InAPoP) - processo FCT PTDC/CLE-LIN/119787/2010), sob coordenação da Prof.ª Dra. Sonia Frota e desenvolvido na Universidade de Lisboa (Portugal), tem como objetivos principais a investigação das variedades

CRUZ, 2012-2015), descrevendo entoacionalmente a variedade de português falada em São Tomé, assim como com o projeto *Fraseamento prosódico em português: comparações entre as variedades brasileira e africanas*<sup>4</sup>, aos quais este trabalho está vinculado.

Portanto, com esta dissertação, será possível descrever entoacionalmente uma variedade africana de português que acreditamos possuir características próprias, diferenciando-se prosodicamente do português europeu (PE), assim como expandir o entendimento do funcionamento dos sistemas entoacionais das línguas naturais, por meio da análise de dados de uma língua ainda não contemplada por estudos sobre entoação.

Com relação à organização desta dissertação, além desta introdução, no Capítulo 2, apresentamos o contexto histórico e sociolinguístico da ilha de São Tomé e a situação atual do português no país, assim como uma resenha dos trabalhos sobre o PST já realizados na área de fonologia. No Capítulo 3, descrevemos o arcabouço teórico utilizado nesta pesquisa (Fonologia Entoacional e Fonologia Prosódica, anteriormente mencionadas) e os estudos já realizados sobre entoação de outras variedades de português sob a mesma perspectiva teórica adotada neste trabalho. Tratamos do *corpus* e da metodologia de coleta e tratamento dos dados, assim como descrevemos o perfil das informantes que participaram desta pesquisa, no Capítulo 4. No Capítulo 5, trazemos nossas análises e resultados encontrados para a associação de eventos tonais ao contorno entoacional e sua relação com a formação de domínios prosódicos nas sentenças declarativas neutras de PST, tanto em fala controlada quanto em espontânea, assim como realizamos a comparação dos resultados encontrados com aqueles descritos na literatura para outras variedades de português também estudadas sob a perspectiva da Fonologia Entoacional e da Fonologia Prosódica. As considerações finais desta dissertação são apresentadas no Capítulo 6.

---

do português no que diz respeito aos aspectos prosódicos e a criação de um Atlas Interativo da Prosódia do Português *online* (<http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/IntPhraRo.htm>).

<sup>4</sup> O projeto de pesquisa “Fraseamento prosódico em português: comparações entre as variedades brasileira e africanas” CNPq – Chamada Universal – MCTI/CNPq No. 14/2014 (processo 459634/2014-3), sob coordenação da Profa. Dra. Flaviane Romani Fernandes-Svartman e desenvolvido na Universidade de São Paulo, tem como objetivo o estudo prosódico comparativo entre a variedade vernacular brasileira e as variedades de português faladas em Guiné-Bissau, Angola (município do Libolo) e São Tomé e Príncipe.

## **2. SÃO TOMÉ: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS**

Neste capítulo apresentamos um panorama da consolidação das ilhas de São Tomé e Príncipe como colônias portuguesas, sua localização geográfica e os fatores sociolinguísticos e históricos que configuraram a formação e o desenvolvimento da variedade de português existente em São Tomé (doravante PST) até os dias de hoje.

Embora nosso objetivo seja investigar as características prosódicas do PST atual, não podemos ignorar o fato de essa variedade estar em contato com outras línguas (em especial as línguas nacionais, como veremos adiante) desde sua constituição. Desse modo, se faz necessária uma breve apresentação da formação histórica, social e linguística do país.

Apresentamos, na seção 2.1, a formação da multidiversidade linguística existente na ilha de São Tomé hoje através de dados históricos, assim como algumas características das línguas que ali surgiram e entraram em contato com o que era, num primeiro momento, o português lusitano.

Na seção 2.2, apresentamos a atual situação do PST através de dados dos últimos censos realizados no país, assim como sua passagem de L2 para L1 para grande parte da população, principalmente a mais jovem, e a consequência para as línguas crioulas advinda dessa mudança.

Apresentamos, na seção 2.3, estudos de fonologia que já se debruçaram sobre o PST e que mostram semelhanças e diferenças entre essa variedade e o PE, o PB e as línguas autóctones existentes no país, apontando para o fato de o PST já consistir em uma variedade de português que possui características próprias.

Por fim, na seção 2.4 trazemos a síntese deste capítulo.

### **2.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E A FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOLINGUÍSTICA DO PAÍS**

Atualmente denominado República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP), o país tem aproximadamente 197 mil habitantes (CIA FACTBOOK, 2017) e está localizado na região do Golfo da Guiné, na costa ocidental africana, sendo formado por duas ilhas (a maior sendo a

ilha de São Tomé, onde está localizada a capital do país, e a ilha do Príncipe, mais ao norte) e alguns ilhéus.



**Figura 1:** Localização geográfica de São Tomé e Príncipe

Fonte: <<http://userscontent2.emaze.com/images/38389081-1dd0-4abb-9520-7ab7bb482328/4223a419-3dc7-4809-8367-b6bd6f72fe1e.jpg>>. Acesso em 02/05/2017.

As duas ilhas eram desabitadas até sua descoberta pelos portugueses em 1471, tendo a primeira tentativa de povoamento ocorrido em 1485, sem êxito, e a segunda em 1493, data da chegada da frota do primeiro capitão-donatário, Álvaro de Caminha, povoando definitivamente a ilha de São Tomé (HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2012).

De acordo com Garfield (1992), pode-se dividir a ocupação da ilha de São Tomé em duas fases específicas: (i) a fase inicial, de habitação, que se deu do período de 1485 até por volta de 1515, no começo da introdução da cana de açúcar em seu território; e (ii) a fase de plantação, de 1515 até o fim do século XVI, quando o ciclo do açúcar entra em declínio na ilha por fatores internos, como pragas de formigas e ratos, além de questões políticas e externas, como a transferência de muitos dos produtores para o Brasil, dado que o produto brasileiro começava a chegar ao mercado e encontrava grande aceitação, entre outros fatores (ARAÚJO, 1991, p. 271).

Conforme Hagemeyer (2009, p. 2), há grandes indícios históricos de que os primeiros africanos trazidos como escravos para São Tomé teriam vindo do antigo Reino do Benin (hoje

sudeste da Nigéria), dados os laços comerciais e diplomáticos existentes entre esse reino e os portugueses no final do século XV. Segundo o autor, há documentos antigos que trazem referências a diversos rios em que se realizavam capturas de escravos, como os rios Formoso (hoje, rio Benin) e Forcados, localizados no limite ocidental do delta do Níger. O autor ainda afirma que tais documentos também trazem informações sobre a criação de uma feitoria sem apoio militar, situada numa vila localizada num dos braços do rio Formoso, o que indica as boas relações existentes entre o Reino do Benin e Portugal. Essa feitoria teria servido como entreposto comercial, de acordo com os documentos, no período entre 1487 e 1507, com alguns intervalos, em que ficou desativada.

Holm (1989, p. 278) traz informações históricas sobre os primeiros habitantes não-africanos de São Tomé. Segundo ele, em 1493, aproximadamente 2000 crianças judias foram tomadas de seus pais (expulsos do reino de Castela) e foram exiladas em São Tomé por D. João II de Portugal. É relatado ainda que, em 1506, apenas 600 sobreviveram e se casaram com africanos. Degredados portugueses, madeirenses e cristãos novos (HLIBOWICKA-WEGLARZ, 2012, p. 178) também eram enviados para São Tomé e ganhavam mulheres escravas, a quem era garantida liberdade, assim como para seus filhos. Garfield (1992) menciona também que, no primeiro século de povoamento, a ilha recebeu pessoas vindas das regiões de Castela, Flandres, Nápoles, Gênova e Veneza. Contudo, o povoamento das ilhas se deu majoritariamente pela importação de mão de obra escravizada de milhares de pessoas da África subsaariana.

Myers-Scotton (2002, p. 1973) argumenta, de uma maneira um tanto simplista, mas didática, que em um ambiente “ilha” – no qual muitos grupos étnicos falantes de diferentes línguas são alocados e no qual nenhuma língua possui prestígio suficiente ou um número de falantes majoritário para se tornar a língua franca – a necessidade de comunicação faz surgir uma língua crioula. Hagemeijer (2009) traz informações históricas que apontam as condições favoráveis para o surgimento rápido de uma língua na fase de habitação de São Tomé e Príncipe. Segundo ele, documentos antigos trazem com frequência comentários da miscigenação que ocorria nas ilhas, mencionando em especial o decreto régio que dava a cada “povoador” o direito a uma escrava. As escravas casadas com europeus, assim como seus filhos gerados nesses casamentos, foram declaradas livres em 1515. Já os filhos bastardos obtiveram a mesma declaração em 1517, de modo que rapidamente o conjunto desses primeiros indivíduos constituíram uma comunidade com poderes socioeconômicos próprios.

É durante essa fase de habitação, por não haver ainda na ilha uma atividade econômica em larga escala e pelo contato constante entre portugueses e africanos, dadas as relações traçadas entre estes, que se acredita ter originado um *pidgin* (HAGEMEIJER; ALEXANDRE, 2012, p. 237). Esse *pidgin* teria se nativizado rapidamente entre os descendentes da primeira geração de africanos escravizados e dado origem ao protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG) (FERRAZ, 1979; BANDEIRA, 2016).

Hagemeijer (2009) aponta como é provável que essa comunidade de escravos alforriados (que a partir desse momento se nomeariam ‘forros’, marcando assim sua identidade<sup>5</sup>) tenha participado da origem e da consolidação do protocrioulo que surgia e se espalhava pela ilha. Essa língua, difundida rapidamente pelas roças, já no regime de plantação, tornava-se a língua adquirida pelos escravos que ali chegavam, embora a língua-alvo fosse o português. Ferraz (1979) aponta que a população africana livre se tornou rica e tomou para si a cultura dos portugueses. Pode-se presumir, segundo ele, que esses portugueses que se casaram com as escravas (depois libertas), assim como os ‘forros’ (seus filhos legítimos ou bastardos) foram instrumentos no desenvolvimento do referido protocrioulo, por fornecerem o modelo de língua portuguesa envolvido na formação dessa nova língua que ali surgia.

O PGG, por sua vez, ramificou-se em quatro línguas crioulas, a saber: santome, angolar, lung’Ie e fa d’Ambô. Dentre essas, o santome (na ilha de São Tomé), o lung’Ie (na ilha do Príncipe) e o angolar (falado por habitantes do Sul e da costa da ilha de São Tomé, descendentes de escravos que fugiram das plantações, ainda no século XVI) se desenvolveram em São Tomé e Príncipe a partir do início do século XVI<sup>6</sup>.

Mesmo que no final do século XV os portugueses tenham estabelecido relações amigáveis com o reino do Congo e obtido sua permissão para a captura de escravos na região (hoje fronteira entre Nigéria e Camarões até o Congo), atesta-se através da literatura que, no início do século XVI, ali não eram capturados muitos escravos, de modo que a grande maioria dos africanos que eram levados para São Tomé vinham do Benin (SOUSA, 1990 *apud* HAGEMEIJER, 2009, p. 2). A partir disso, autores como Hagemeijer (2009), Hagemeijer e

---

<sup>5</sup> Até hoje em São Tomé uma parte da população se declara ‘forro’, em detrimento de outras populações que também habitam a ilha, como os ‘tongas’, os ‘angolares’ e os ‘caboverdianos’. As definições dessas populações serão tratadas mais adiante.

<sup>6</sup> Embora o fa d’Ambô seja uma das línguas advindas do protocrioulo do Golfo da Guiné, ela é falada na ilha de Ano Bom, que atualmente faz parte do território da Guiné Equatorial.



Alexandre (2012), entre outros, estabelecem uma relação entre a fase de habitação da ilha, período em que provavelmente surge o protocioulo do golfo da Guiné (PGG), e o domínio de africanos vindos da região do delta do Níger, onde se falavam línguas do grupo edoide.

O início da fase da plantação, por volta de 1515, está ligado ao desenvolvimento comercial da produção de cana de açúcar, atividade que exige maior quantidade de mão de obra e que altera a dinâmica social e econômica encontrada nas ilhas até então. Nessa fase, a captura de escravos é deslocada da região do Benin para o Congo e, pouco depois, para Angola (ALMEIDA MENDES, 2008). É também a partir dessa fase que São Tomé passa a ser um entreposto comercial de escravos no Atlântico. Nesse momento, os africanos trazidos para a ilha, mesmo que temporariamente, são provenientes de áreas de línguas bantas, a saber, variedades do quicongo e do quimbundo, línguas tipologicamente distintas do grupo edo.

Em meados do século XIX são introduzidas, no modelo de monocultura, as plantações de café e de cacau em São Tomé e Príncipe. Para tanto, foram trazidos para trabalharem nas roças, em regime de “contratos” (algo que se assemelhava ao tráfico humano, ainda remanescente da política escravocrata portuguesa), vários africanos oriundos de Cabo Verde, Angola e Moçambique, países que, assim como São Tomé e Príncipe, eram colônias portuguesas. Com eles vieram suas línguas nativas, a saber: o crioulo caboverdiano (língua crioula originária de Cabo Verde) e variedades de quicongo e quimbundo.

Nascimento (2000) aponta que a vinda desses contratados (de 1875 a 1975) teria tido um impacto relevante na formação do português falado em São Tomé, visto que, em número, eles eram superiores à população já existente na ilha e que, ao chegarem, adquiriram o português local como L2, e não o santome. Entretanto, grande parte dos contratados constituiu comunidades isoladas, permanecendo apenas nas roças e limitando seu contato com o resto da população da ilha, de modo que o português existente nas roças possui características específicas que o diferem do dito português de São Tomé, sendo ele denominado, na maioria das vezes, como ‘português dos Tongas’<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Os descendentes dos filhos de angolanos e moçambicanos são denominados como tongas (até hoje). Segundo Rougé (2013, p. 64-65), os tongas falam “um conjunto de variedades de português não padrão originadas da aprendizagem e da transmissão informais desta língua”, assim como “variedades de línguas do grupo banto, sobretudo o quimbundo, o umbundo e línguas de Moçambique”.

Com a Revolução dos Cravos, em 1974, Portugal concorda em entregar o governo de São Tomé e Príncipe para o partido social democrata MLSTP (Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe), de orientação socialista. A independência ocorre em julho de 1975 e a Constituição é elaborada em dezembro do mesmo ano, sendo o MLSTP o único partido legal do país. O regime econômico de inspiração soviética foi mantido até 1990, ano em que uma nova constituição foi elaborada baseada em um regime multipartidário e democrático e que está vigente atualmente (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2010).

## 2.2 AS LÍNGUAS EXISTENTES EM SÃO TOMÉ

O português é a língua oficial do país desde 1975, sendo a norma lusitana (PE) ensinada nas escolas por ser considerada pela população como a norma de prestígio. É também a língua da mídia falada e escrita, sendo que na televisão e no rádio outras variedades do português possuem espaço, como o PB, que se faz presente através das novelas e de alguns programas familiares, e o PST (português falado na ilha de São Tomé) e português falado na ilha do príncipe (PP), que aparece apenas em entrevistas e nas participações do público. Todavia, é a variedade lusitana a utilizada nos telejornais<sup>8</sup> (português e local) e nas transmissões de rádio.

Além do português, outras línguas estão presentes no país, sendo elas o santome (também denominado “forro”<sup>9</sup>) (FERRAZ, 1979; HAGEMEIJER, 2009, entre outros), o angolar (MAURER, 1997), o lung’Ie<sup>10</sup> (MAURER, 2009; FERRAZ, 1987; GÜNTHER, 1973; AGOSTINHO, 2015), o caboverdiano, o português dos Tongas (ROUGÉ, 1992; BAXTER, 2002, 2004; HAGEMEIJER, 2009), resquícios de línguas africanas do grupo banto (HAGEMEIJER, 2009), assim como inglês e francês, ensinadas nas escolas.

O Gráfico 1 traz informações do Censo realizado no país em 2001 e mostra dados globais das línguas utilizadas pela população. Nele, verifica-se que 98,9% da população se declarou

---

<sup>8</sup> A televisão de sinal aberto existente em São Tomé e Príncipe possui três emissoras: a estatal TVS (Televisão Santomense), que transmite telenovelas brasileiras; a RTP África (Rádio e Televisão Portuguesa), que transmite telejornais portugueses; e a TV5MONDE, emissora francesa.

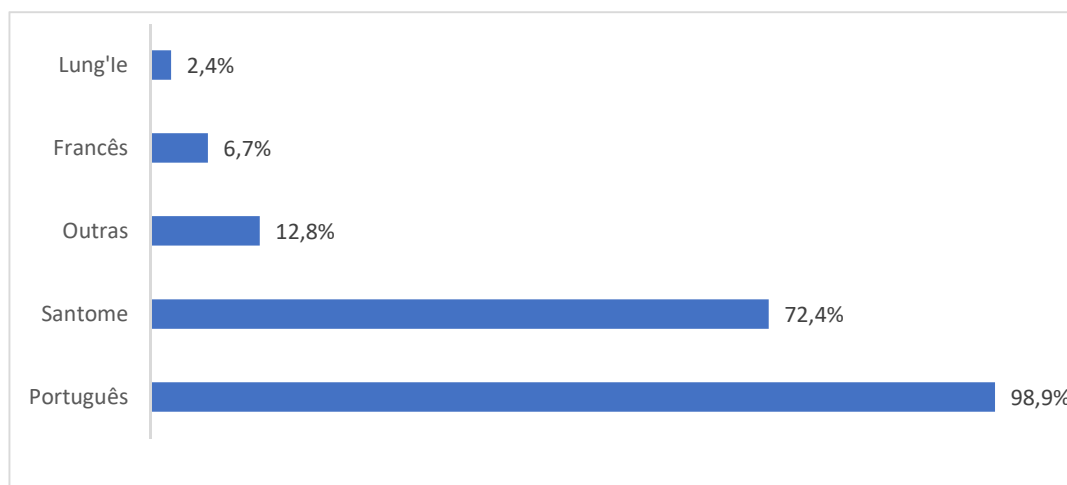
<sup>9</sup> “Forro”, além de nomear aquela primeira população de escravos alforriados, assim como grupo que se declara como “verdadeiros santomenses”, é uma das denominações para o santome, língua autóctone mais falada no país. Ela também pode aparecer como “Fôló”, “Lungwa santome”, “dialeto” ou “são-tomense”.

<sup>10</sup> Lung’Ie é uma das línguas crioulas do país, mais falada na ilha do Príncipe, onde surgiu. Pode aparecer também como “Lunguié” e “Principense”.

como falante de português, 72,4% como falante de santome (no gráfico, denominado como ‘forro’), 2,4% se declararam falantes de lung’le, 6,7% da população afirma ser falante de francês e 12,8% da população assumiu falar línguas que foram agrupadas como ‘Outras’.

Entretanto, os dados desse Censo são inclusivos, de forma que uma mesma pessoa pode ter respondido ser falante de português e também de alguma outra língua autóctone elencada no questionário. O recenseamento não demonstra ter levado em consideração quais línguas são encaradas pela população como L1 e quais foram aprendidas posteriormente, como L2. Outro problema encontrado no censo de 2001 é que as línguas nacionais por ele elencadas não compreendem todas as línguas autóctones existentes no país, como o angolano, ou mesmo o caboverdiano. Estas, de acordo com o texto do relatório, foram contabilizadas na categoria ‘Outras’, mencionada anteriormente, não sendo possível saber ao certo a porcentagem de falantes para cada uma delas.

**Gráfico 1:** Proporção da população por línguas faladas em nível global, Instituto Nacional de Estatística (2001)



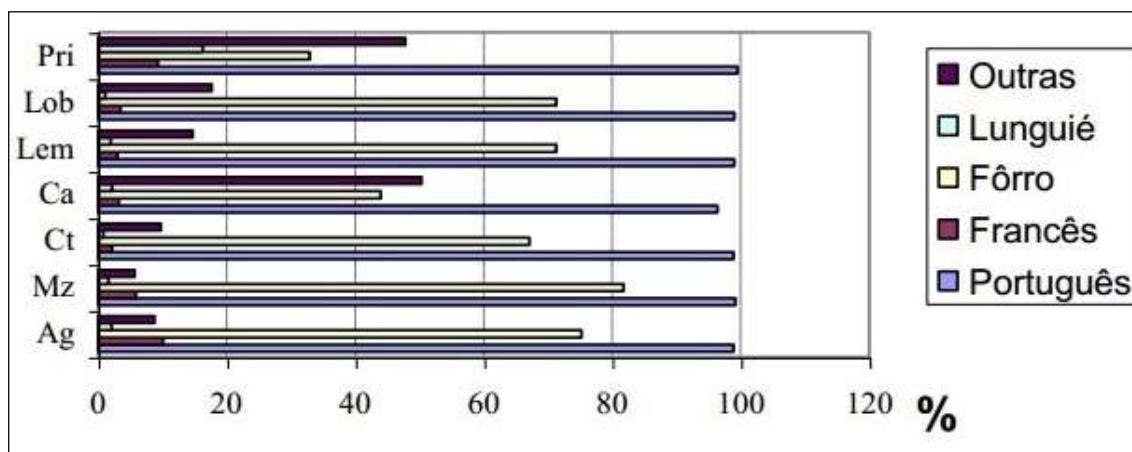
Fonte: INE, 2003, p. 53 (adaptado).

O Gráfico 2, a seguir, também traz dados inclusivos, mas nele é possível ver quais línguas são faladas pelos habitantes de acordo com a região do país em que moram, sendo assim possível compreender os números existentes para cada uma das ilhas. De maneira geral, é possível verificar que o português é falado por quase 100% da população em todos os distritos do país (a saber: Lobata (Lob); Lembá (Lem); Caué (Ca); Cantagalo (Ct); Mé Zóchi (Mz); e Água Grande (Ag)<sup>11</sup>, localizados na ilha de São Tomé, e região autônoma do Príncipe (Pri)). O

<sup>11</sup> São Tomé, cidade capital do país, está localizada no distrito de Água Grande.

Censo de 2001 apresenta a região autónoma do Príncipe (Pri) como aquela em que a taxa de utilização do português é mais elevada, sendo utilizada por 99,5% da população dessa ilha<sup>12</sup>.

**Gráfico 2:** Distribuição (%) da população por línguas faladas, segundo o distrito do país, Instituto Nacional de Estatística (2001)



Fonte: INE, 2003, p. 55.

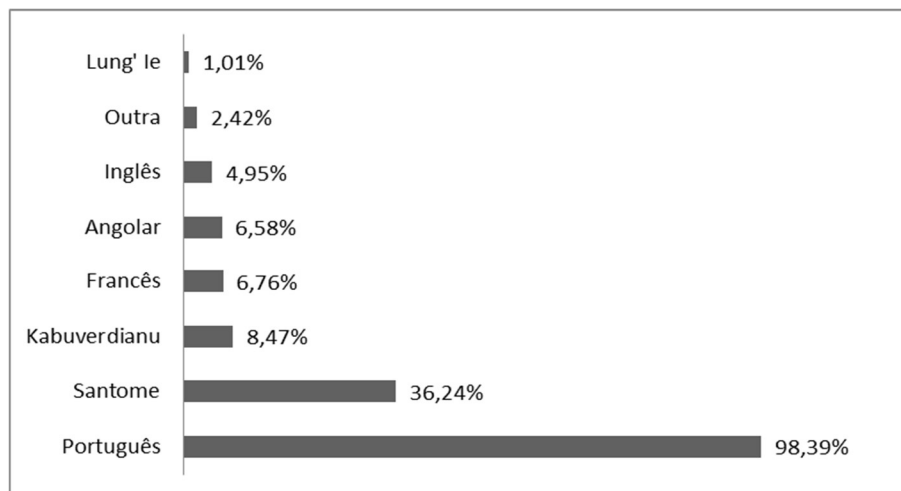
Embora o Censo de 2001 afirme que cerca de mil habitantes da ilha de Príncipe sejam falantes de lung'Ie, Maurer (2009) afirma que este seria um dado superestimado, a menos que se considere o conhecimento passivo da língua. Atualmente acredita-se que cerca de 200 pessoas falem lung'Ie (AGOSTINHO, 2015), geralmente com mais de sessenta anos e com níveis de competência linguística variados, não havendo falantes monolíngues. Günther (1973) indica ainda que essa é uma língua que estaria em processo de extinção, sendo substituída pelo santome e pelo português, embora nada contribua para que o santome seja mais utilizado que o lung'Ie. Entretanto, Agostinho (2015) aponta que nos últimos anos percebe-se um aumento de interesse em relação à cultura principense e ao aprendizado de lung'Ie<sup>13</sup>.

O Gráfico 3, a seguir, foi construído de acordo com os dados apresentados pelo Censo de 2011 (dados publicados em 2012) e traz informações sobre as línguas faladas pela população global (Gráfico 3) de São Tomé. Nele, vemos que angolano e caboverdiano são falados por uma pequena parcela da população (6,58% e 8,47%, respectivamente).

<sup>12</sup> Ainda são poucos os estudos que contemplam o português falado no Príncipe, mas, segundo dados apresentados por Santos, Agostinho e Silva (2013), pode-se ver que existem diferenças entre o português falado na ilha do Príncipe e o português falado na ilha de São Tomé, embora mais estudos comparativos se façam necessários.

<sup>13</sup> Cf. Agostinho (2015), Agostinho, Bandeira e Araujo (2016), entre outros, para mais informações sobre o lung'Ie.

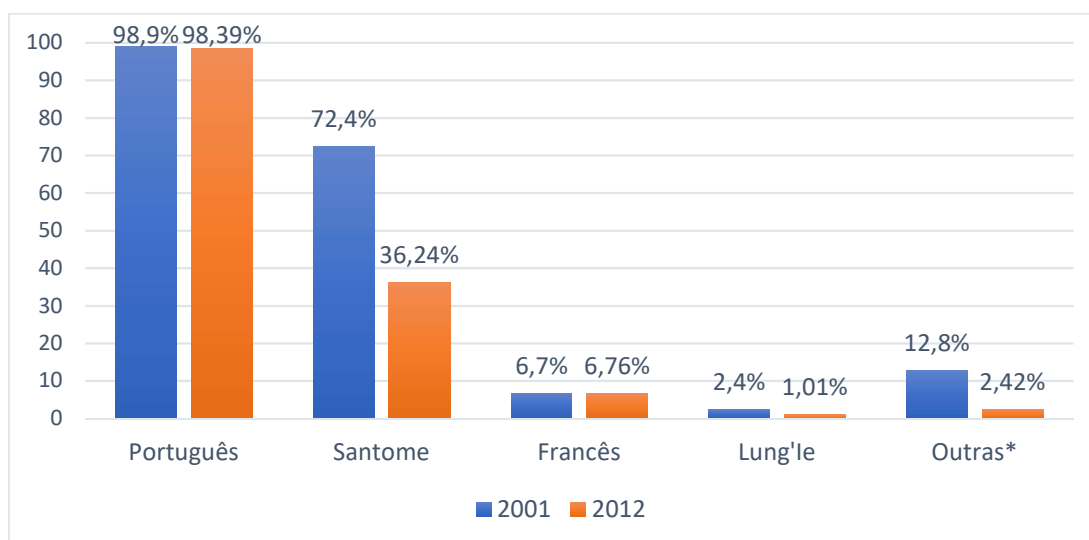
**Gráfico 3:** Línguas faladas pela população residente em São Tomé e Príncipe, em porcentagem, Instituto Nacional de Estatística (2012).



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de INE (2012).

Comparando os dados do Gráfico 3 com os apresentados no Gráfico 1, pode-se observar certa discrepância entre os censos de 2001 e 2011, no que tange ao número de falantes de santome (forro, no Gráfico 1): em 2001, 72,4% da população do país assumia falar a língua, já no Censo de 2011 esse número caiu para 36,24% do total de habitantes. Entretanto, não houve nenhum acontecimento que pudesse justificar essa queda, nem mesmo o crescimento demográfico, sendo provável que a diferença advenha de algum problema decorrente do uso de diferentes metodologias na aplicação do recenseamento. As comparações entre os dados apresentados nos dois censos podem ser vistas no Gráfico 4.

**Gráfico 4:** Comparação entre os dados dos Censos 2001 e 2011, Instituto Nacional de Estatística (2001, 2012).



Fonte: elaboração própria.

O santome, língua crioula mais falada no país, é utilizado majoritariamente em situações informais e por pessoas mais velhas. Além disso, é possível notar cada vez mais a influência moderna do português nessa língua. Alexandre et al. (2011, p. 19) afirmam que, em São Tomé e Príncipe, o português está passando por um acelerado processo de nativização, sobretudo entre os mais jovens. Em entrevistas realizadas com jovens santomenses em 2015 para a realização deste trabalho, foram coletados relatos de que os pais, desde a geração da independência do país (1975) e cada vez mais, não estão transmitindo as línguas nacionais para os filhos, especialmente nas parcelas mais ricas da sociedade. Isso advém de fatores como a mídia e a escolarização de modelo universal (adotada após a independência) que, juntamente com o aumento do processo de urbanização a partir de 1975, deram ao português um prestígio de língua-alvo, o que incentiva o abandono crescente das línguas nacionais (cf. ARAUJO; AGOSTINHO, 2010).

De acordo com Pinho (2008), os falantes de línguas minoritárias podem ter atitudes positivas com relação a sua língua, mas também podem não querer transmiti-las, alegando que elas poderiam interferir no aprendizado da língua-alvo (no caso, o português), ou mesmo por preconceito com o “sotaque” e sentimentos de inferioridade (acreditar que as línguas autóctones não são realmente línguas e por isso não devem ser ensinadas e faladas). Dessa forma, o santome é adquirido pelas novas gerações de maneira passiva, visto que a língua passou a ser utilizada apenas entre pais e avós daquela geração. Além disso, nos dias atuais, a interação linguística entre pais e filhos utilizando o santome praticamente resume-se a vocativos e expressões para chamar as crianças ou repreendê-las. Em contrapartida, a variedade de português falada em São Tomé (PST) passa a ser L1 de grande parte da população jovem.

### 2.3 ESTUDOS JÁ REALIZADOS SOBRE A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Embora o número de trabalhos sobre o português falado em São Tomé tenha aumentado nas últimas décadas, estes, na grande maioria, tratam das questões sintáticas dessa variedade<sup>14</sup>. Entretanto, na área de Fonologia, ainda são poucos os estudos que abarcam o português falado na ilha de São Tomé, sendo eles Santos e Silveira (2012), Christofolletti (2013), Bouchard

---

<sup>14</sup> É possível encontrar uma bibliografia ampla contendo os trabalhos sobre o português de São Tomé e Príncipe no site <[http://www.catedraportugues.uem.mz/?\\_\\_target\\_\\_=lista-bibliografia-sao-tome](http://www.catedraportugues.uem.mz/?__target__=lista-bibliografia-sao-tome)>, organizado por Rita Gonçalves.

(2017), Balduino (em preparação) e Brandão, Pessanha e Pontes (a sair). Dados os objetivos desta pesquisa, apresentaremos os resultados dos referidos trabalhos que tratam de aspectos fonológicos do português de São Tomé.

Santos e Silveira (2012) fazem uma análise preliminar da palavra prosódica no português de São Tomé e Príncipe e de Angola. Utilizando o aparato teórico da Fonologia Prosódica, conforme o modelo proposto por Nespor e Vogel (1986), os autores apresentam uma análise preliminar da palavra prosódica ( $\omega$ ) no português de Angola (PA) e no PST, através do estudo de dois processos fonológicos que se dão dentro desse domínio prosódico, a saber: alçamento e elisão de vogais, comparando os resultados encontrados com os descritos na literatura para o PE e o PB.

Conforme a explanação dos autores, o processo de alçamento vocálico em PE ocorre nas vogais átonas, de modo que seu sistema vocálico nessa posição possui somente dois graus de abertura: altas [i i u] e média [ɐ]. Entretanto, o alçamento pode ser bloqueado se a sílaba átona tiver a posição de coda preenchida por um rótico. De acordo com os autores, as vogais médias altas pretônicas em PB podem sofrer alçamento se a vogal no núcleo da sílaba seguinte for uma vogal alta<sup>15</sup>, mas o processo é bloqueado caso a sílaba também apresente um rótico preenchendo a posição de coda, assim como em PE.

Já em PST, Santos e Silveira afirmam que o alçamento das vogais médias átonas é variável, podendo ou não ser aplicado, como mostram os exemplos<sup>16</sup>:

- |                |                            |
|----------------|----------------------------|
| (a) c[i]bola   | alçamento da vogal média   |
| (b) sab[u]roso | alçamento da vogal média   |
| (c) nam[o]rada | não aplicação do alçamento |
| (d) m[e]nina   | não aplicação do alçamento |

Ao contrário do que ocorre em PE e PB, caso a sílaba átona tenha sua posição de coda preenchida por um rótico, o bloqueio do alçamento pode ou não ocorrer: o bloqueio ocorre caso a sílaba tenha em seu núcleo a vogal média-alta anterior não arredondada [e] ou a vogal baixa central não arredondada [a], como em ‘verdade’ [ver' dadɨ] e ‘açúcar’ [a'sukar]. Se a vogal que ocupa o núcleo da sílaba pretônica for a vogal média-alta posterior arredondada [o], mesmo que

<sup>15</sup> Entretanto, ao menos para a variedade carioca, podemos encontrar ‘c[u]mércio’, ‘c[u]légio’ e ‘[i]rguido’, como exemplos que contradizem tais afirmações dos autores.

<sup>16</sup> Exemplos retirados de Santos e Silveira (2012, p.86).

a sílaba esteja travada com um rótico ocupando a posição de coda, o alçamento vocálico pode ou não acontecer, como em ‘formado’ [fur'madɔ] e ‘forçado’ [for'sadɔ].

No que tange ao processo de elisão, embora em PE a elisão vocálica da vogal átona [ɨ] seja um processo característico, ocorrendo dentro do domínio de  $\omega$  seja na posição pretônica, postônica final e não final, como em ‘merecer’ [mr'ser] e ‘decifrar’ [dsi'frar]<sup>17</sup>, em PB e em PST o processo de elisão não pode ocorrer dentro do domínio de  $\omega$ , como se pode ver nos exemplos do PST apresentados por Santos e Silveira (2012, p. 87): ‘pequeno’ [pi'kenɔ] e ‘perigosa’ [piRi'gɔsɐ]. Segundo os autores, isso mostra que esse é um processo fonológico que não ocorre dentro do domínio da palavra fonológica nessas variedades.

Por sua vez, Christofolletti (2013) faz um estudo sobre o quadro vocálico do PST e analisa o comportamento dos ditongos crescentes nessa variedade de português. O autor retoma os resultados encontrados em estudo anterior (CHRISTOFOLETTI, 2010 *apud* CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 27-28), em que afirma que o sistema vocálico do PST se distancia do sistema vocálico do PE, variedade tida como de prestígio em São Tomé e Príncipe. De acordo com o autor, enquanto o PE apresenta nove vogais na posição tônica, /u i o e ə ɔ ɐ e a/, o PST apresenta apenas 7 vogais /u i o e ɔ ε a/ (o segmento vocálico [ɐ] é encontrado em PST como alofone de /a/), sendo esse o mesmo quadro vocálico encontrado no PB para a posição tônica. De acordo com Ferraz (1979), o santome também possui o mesmo quadro de vogais para essa posição, sendo possível ter influenciado diretamente o PST, embora essa hipótese ainda necessite de maiores investigações para que seja confirmada.

Christofolletti (2010, *apud* CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 27-30), afirma ainda que o PST possui 5 vogais na posição pretônica, sendo essas as mesmas do PB: /u i o e a/. Entretanto, as vogais médias altas podem sofrer alçamento e serem realizadas como [i] e [u], como mostram os exemplos ‘cebola’ [si.'bo.lɐ]<sup>18</sup> e ‘saboroso’ [sa.bu.'ro.zɔ]. O alçamento das vogais médias também ocorre em PE, mas nessa variedade as vogais alçadas são realizadas como [ə] ou [ɨ] para /e/ e [u] para /o/. Ademais, Christofolletti (2013), baseando-se na análise de seus dados de PST, afirma que o alçamento das vogais médias pretônicas nessa variedade de português está ligado à faixa etária dos falantes, sendo os mais jovens os que mais realizam esse processo, o que sugere uma mudança em curso. Sendo assim, conforme Christofolletti (2013), o quadro de

---

<sup>17</sup> Exemplos retirados de Santos e Silveira (2012, p. 85). Os autores não fornecem exemplos da ocorrência do processo nos contextos de postônica final e não final.

<sup>18</sup> Exemplos retirados de Christofolletti (2013, p. 30).



vogais pretônicas em PST tende para o conjunto de apenas três vogais: [i, u, a].

Segundo o mesmo autor, o alçamento das vogais médias altas também ocorre com as vogais postônicas não finais: o PST apresenta apenas três vogais nessa posição [i, u, a], se diferenciando da variedade lusitana por não possuir o [ə], e de algumas variedades do PB, por não possuir a vogal média [e], como se pode ver nos exemplos: ‘época’ [‘ε.pu.kə], ‘número’ [‘nũ.mi.rɔ] e ‘lâmpada’ [‘lã.pa.də] (cf. CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 31) . Quanto às vogais postônicas finais, assim como no PE e no PB, no PST apenas três vogais são encontradas nessa posição /i u a/, e todas sendo realizadas de forma reduzida [ɪ ʊ ə], respectivamente, conforme mostram os exemplos ‘noite’ [‘noɪtɪ], ‘baixo’ [‘ba.ʃɔ] e ‘deixava’ [de.‘ʃa.və] (cf. CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 33).

No que diz respeito aos ditongos do PST, Christofolletti (2013), utilizando um *corpus* formado por 3017 palavras que possuem ditongos em sua forma subjacente, afirma que o processo de monotongação ocorreu em 49% dos dados por ele analisados. De acordo com o autor, os ditongos [eɪ], [oɪ], [oʊ], [aɪ], [eʊ], [aʊ] sofreram monotongação, enquanto os ditongos [iʊ], [uɪ], [ɛʊ], [ɛɪ] não sofreram esse processo. Por conta disso, o autor analisou cada tipo de ditongo individualmente, já que o comportamento desses elementos não possibilitou a depreensão de generalizações.

A monotongação do ditongo [eɪ] se mostrou a mais produtiva dentre todos os casos de monotongação dos ditongos investigados, ocorrendo em 64% das palavras em que esse ditongo existe na forma subjacente (524/816). Christofolletti (2013), ao analisar a variável linguística ‘classe de palavra’, na ocorrência da monotongação, observou que palavras do tipo “não-verbo” favorecem a monotongação do ditongo. Já ao observar a variável ‘posição do ditongo na palavra’, verificou-se que a posição medial favorece a monotongação (93% das 370 palavras que apresentam esse contexto sofrem monotongação), enquanto a posição final se mostra como um contexto desfavorecedor para o processo de monotongação. A variável ‘número de sílabas’ também foi analisada, apontando para as palavras dissílabas como favorecedoras ao processo, enquanto monossílabos se apresentam como um contexto inibidor.

Quanto à variável ‘contexto segmental’, segundo Christofolletti, o processo de monotongação foi realizado com maior frequência em contexto diante de róticos, como em ‘dinheiro’ [di.‘ne.ɣɔ]<sup>19</sup>, e especialmente da consoante tepe (98% das 316 palavras que

---

<sup>19</sup> Grifo nosso.

apresentavam esse contexto sofreram monotongação), como em ‘carteira’ [ka.'te.ɾɐ]<sup>20</sup>. Diante de consoantes fricativas alveolopalatais ([ʃ] e [ʒ]), 95% das 125 palavras que apresentam esse contexto foram monotongadas, como ‘aleijada’ [a.le.'ʒa.dɐ]<sup>21</sup> e ‘peixe’ [pe.'ʃi]<sup>22</sup>, resultado que se aproxima do encontrado para a variedade do PB do Rio de Janeiro (PAIVA, 1996 *apud* CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 60).

Segundo Christofolletti (2013), os contextos segmentais que mais apresentam divergências entre os resultados referentes à monotongação já descritos na literatura para PB e os encontrados para o PST são aqueles em que as consoantes /t, d/ e /n, m/ seguem o ditongo decrescente. Para o autor, essa diferença entre PB e o PST relativa aos casos de monotongação exemplificados pode ser decorrente da influência do santome, lung’Ie e angolar sobre o PST, já que essas línguas nacionais não possuem ditongos decrescentes<sup>23</sup>. De acordo com o mesmo autor, as palavras de origem portuguesa que possuíam ditongos decrescentes sofreram processo de monotongação ao se tornarem parte do léxico dessas línguas autóctones, tendo o processo ocorrido também diante das consoantes alveolares tepe /t/, oclusivas /t, d/ e nasal /n/ e da consoante nasal bilabial /m/, como ocorre em PST. Christofolletti (2013, p. 53) traz exemplos da ocorrência da monotongação em santome, como se pode ver em ‘poeira’ [pu.'ɛ.la], ‘leite’ [l'ɛ.te] e ‘doido’ [l'do.do], em angolar, como se atesta em ‘cheirar’ [se.'la] e ‘queimar’ [ke.'ma], e também em lung’Ie, embora nessa língua os exemplos apresentados pelo autor sejam contraditórios.

Considerando os contextos segmentais especificados, destaca-se que, diante de /t/, o processo de monotongação em PST do ditongo [eɪ] se dá em 81% das 80 palavras em que esse ditongo foi encontrado no *corpus* de PST de Christofolletti, ocorrendo em sílaba pretônica e tônica, em início ou meio de palavra, como em ‘satisfeito’ [satɪf'feto], ‘direito’ [di'veto] e ‘feitiço’ [fe.'ti.su] (CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 62).

O trabalho do referido autor ainda aponta que os contextos verificados como favorecedores da monotongação do ditongo [eɪ] em PST (a saber: consoantes tepe e fricativas alveolopalatais) também favorecem o mesmo processo na variedade de Altamira/PA do PB

---

<sup>20</sup> Grifo nosso.

<sup>21</sup> Grifo nosso.

<sup>22</sup> Grifo nosso.

<sup>23</sup> Bandeira (2016) apresenta a fonologia das línguas nacionais e traz exemplos de ditongos decrescente em lung’Ie: /fawta/ ‘falta’, /rew/ ‘réu’, /pimew/ ‘primeiro’, /zanew/ ‘janeiro’, /kakaw/ ‘cacau’, /kokoj/ ‘bago’ e /intew/ ‘enterro’ (cf. BANDEIRA. 2016, p. 198-199).

(LOPES, 2002, *apud* CHRISTOFOLETTI, 2013, p. 62). Entretanto, as possíveis realizações dos róticos na posição de coda no PST seguem um padrão diferente do documentado para o PB, sendo os róticos realizados como fricativa uvular vozeada [ʁ] com maior frequência no PST, de modo que o autor infere que os traços das consoantes em contexto seguinte ao ditongo [eɪ] não sejam o único aspecto responsável pelo processo de monotongação no PST, visto que os róticos [r] e [ʁ] possuem pontos de articulação distintos. O autor aponta que a influência das línguas crioulas existentes em São Tomé e Príncipe desempenha um papel importante nesse processo de monotongação, pois, mesmo que não possuam róticos na posição de coda, elas não possuem ditongos decrescentes, embora Bandeira (2016) apresente dados de ditongos decrescentes em lung'le. Além disso, Christofolletti (2013) afirma que há uma restrição fonotática em PST, segundo a qual o preenchimento da coda deve ser evitado, de modo que os glides possam ser elididos em determinados contextos.

Brandão, Pessanha e Pontes (a sair) tratam do comportamento dos róticos em PST à luz da Teoria da Variação e Mudança, discutindo as restrições estruturais e sociais que condicionam o uso das variantes de R em posição de *onset* (início e meio de palavra – R [+ant], “R forte”; e R [-ant], “R fraco”) e coda silábica (meio e fim de palavra).

Os autores também testam a hipótese de que a variação na produção dos róticos se daria devido à interferência da língua santome: segundo os autores, o fato do santome não apresentar esses segmentos em seu sistema fonológico faria com que os falantes de PST não se atentassem para o contexto de oposição fonológica. Entretanto, Bandeira (2016, p. 264-265), demonstra através da análise comparativa dos quatro crioulos do Golfo da Guiné que o PGG apresentava róticos em seu inventário fonológico.

Os resultados encontrados por Brandão, Pessanha e Pontes (a sair) para o uso dos róticos apontam diferenças entre a norma emergente do PST e a norma do PE, ensinada nas escolas santomenses. Enquanto em PE o tepe [r] é o padrão em posição de *onset* em meio de palavra como “R fraco” (‘caro’) e de coda em meio e final de palavra (‘parte’ e ‘falar’, respectivamente), em PST o tepe [r] é a variante mais produtiva em qualquer posição, inclusive em *onset* em início de palavra (‘roça’) e *onset* em meio de palavra como “R forte” (‘carro’), sendo que nessas duas últimas posições também foi encontrada, para o PST, a realização da consoante vibrante alveolar [r].

Também foi encontrado o apagamento do segmento rótico em posição de coda em final de palavra para o PST (assim como ocorre em PB), enquanto em PE há a realização do tepe [r].

Além disso, Brandão, Pessanha e Pontes (a sair) também apontam que não parece haver oposição fonológica entre R [+ant] e R [-ant] em contexto intervocálico em PST, mencionando que essa característica do PST vai ao encontro ao que Bouchard (2017) observa como uma tendência recente do uso da fricativa uvular vozeada [ʁ] em posições que deixam clara a inexistência dessa oposição fonológica, como se pode observar em realizações como ‘p[ʁ]ofesso[ʁ]a’, algo já observado por Christofolletti (2013).

O trabalho de Bouchard (2017) investiga a emergência da variedade santomense de português examinando os róticos e a expressão do pronome sujeito, também sob uma perspectiva sociolinguista, assim como examina as diferenças entre o PST e outras variedades de português com relação a esses pontos. Num contexto mais amplo, a autora também mostra uma preocupação em entender os fenômenos linguísticos estudados através de uma visão social e ideológica, discutindo a interrelação entre etnicidade, hierarquias sociais, poder político e laços de parentesco através de uma visão da sociedade santomense, na tentativa de encontrar motivos para as escolhas e mudanças linguísticas encontradas, em especial a passagem do português de L2 para língua materna em São Tomé e Príncipe. Por conta do nosso recorte, mencionaremos aqui apenas os resultados encontrados para os róticos.

Os resultados apresentados por Bouchard (2017) mostram que o uso dos róticos é uma característica inovadora e que distingue o PST de outras variedades de português, como o PE e o PB. A autora aponta que alguns santomenses realizam a consoante vibrante alveolar [r] em posições dentro da palavra que não são possíveis em PE e PB, conforme mencionadas em Brandão, Pessanha e Pontes (a sair). Bouchard (2017) argumenta como essa é uma mudança em progresso conduzida pelas gerações mais jovens. Juntamente com essa realização da consoante vibrante alveolar [r] em posições inovadoras, a autora aponta o surgimento da fricativa uvular vozeada [ʁ] como uma variante que claramente distingue duas gerações de santomenses: aqueles acima de 40 anos e os abaixo de 39 anos. Esse ponto de divisão também marca o ano da independência do país, um grande marco na história de São Tomé e Príncipe e na formação da identidade nacional. Bouchard (2017) sugere que o fato dos falantes nascidos após a independência usarem com maior frequência a fricativa uvular vozeada [ʁ] indique a construção de uma marca da identidade santomense, uma maneira de se distinguir o português santomense do português europeu, falado pelos ex-colonizadores. Entretanto, a autora aponta que entre os próprios santomenses há uma ideia pejorativa que circunda o uso dessa variante, embora muitas questões de identidade nacional estejam envolvidas nesse julgamento.

Balduino (em preparação), por sua vez, realiza um estudo comparativo da nasalidade no português de São Tomé e nas línguas lung'Ie e santome. Reconhecendo a possibilidade de mudanças estruturais propiciadas pelo contato linguístico entre o português e as línguas autóctones presentes em São Tomé e Príncipe, assim como a transmissão da mudança do português de L2 para L1, a autora observa em seus dados coletados através de experimentos, entre outras coisas, que [ẽ] não demonstra o alongamento vocálico característico das vogais [+NASAL] provenientes de palavras com nasalidade vocálica contrastiva, como ocorre em ‘canto’ [‘kẽ.to], no PB (CÂMARA JR, 1970; MORAES; WETZELS, 1992). Além disso, Balduino (em preparação) verifica que, distintamente do que ocorre em PB e em PE, a nasalização de [a] tônico em itens como ‘cama’ [‘kẽ.mɐ] no PST pode ser opcional, característica que aproxima o PST do santome e do lung'Ie, visto que essas duas línguas também apresentam tal opcionalidade da nasalização da sílaba tônica (AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017).

## 2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou a localização geográfica e a história da formação social, política e linguística da ilha de São Tomé, local onde se originou a variedade de português estudada nesta pesquisa. Tais informações são pertinentes para que haja uma ampla compreensão da realidade dos falantes, assim como tornam possível a elaboração de hipóteses que levam em consideração a influência do contato das línguas que coexistem com a variedade de português aqui investigada.

Apresentamos também trabalhos já realizados sobre o PST na área de fonologia, os quais revelam que algumas características do PST podem, por hipótese, dividir traços areais com o santome, como o quadro de vogais existentes na posição tônica e a monotongação de ditongos decrescentes. Tal hipótese deve ainda ser melhor investigada em trabalhos futuros. Também foi possível apontar semelhanças entre o PST e o PB, variedade de português também ultramarina, como o quadro de vogais pretônicas e o fato de a ocorrência do processo de elisão não se dar dentro do domínio da palavra fonológica. Trabalhos sobre o uso dos róticos numa perspectiva sociolinguística, realizados por Bouchard (2017) e Brandão, Pessanha e Pontes (a sair), mostram como a norma do PST está emergindo e se consolidando entre as gerações mais jovens, trazendo inovações que o diferenciam do PE, outrora presente no país através do colonizador. Ademais, o trabalho de Balduino traz informações sobre a nasalidade das vogais

do PST, apontando características que aproximam essa variedade ao santome e ao lung'Ie. Dessa forma, os estudos de fonologia do PST parecem convergir e caminhar junto à nossa hipótese de que o PST se caracteriza como uma variedade própria, já distante do PE.

No Capítulo 5 desta dissertação, mostraremos que o PST também apresenta características entoacionais semelhantes às encontradas para o PB, assim como para o português falado em Guiné-Bissau, outra variedade ultramarina de português.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO E TRABALHOS PRÉVIOS SOBRE A PROSÓDIA DE VARIEDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para a realização de nossa análise sobre a prosódia do português de São Tomé, no que tange à entoação do contorno neutro, ou seja, ao comportamento entoacional das sentenças declarativas neutras do PST, assim como para alcançarmos nossos demais objetivos, descritos no Capítulo 1 desta dissertação, fazemos uso de uma visão integrada de dois aspectos da prosódia: entoação e domínios prosódicos<sup>24</sup>. De acordo com essa abordagem, há relação entre os domínios formados pelos algoritmos da Fonologia Prosódica e aqueles definidos pela estrutura entoacional da sentença.

Desse modo, utilizamos o aparato teórico de duas teorias fonológicas de análise prosódica, que serão tratadas separadamente neste capítulo: na seção 3.1, abordaremos a Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica, na linha dos trabalhos de Pierrehumbert (1980), Ladd (1996; 2008), Jun (2005; 2014), entre outros, que nos permitirá realizar a identificação, transcrição e análise dos eventos tonais associados ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST; já na seção 3.2, apresentaremos a Fonologia Prosódica, na linha dos trabalhos de Nespor e Vogel (1986; 2007) e Selkirk (1984; 1986; 2000), que nos oferecerá ferramentas para a identificação dos domínios prosódicos relevantes para a associação de eventos tonais ao contorno entoacional do tipo de sentença analisado neste trabalho.

Na seção 3.3, trazemos um panorama sobre os resultados já encontrados para as características entoacionais das sentenças declarativas neutras em outras variedades de português estudadas sob essa mesma perspectiva teórica, a saber: variedades de PE (duas variedades setentrionais, duas variedades centro-meridionais, e a variedade *standard*, faladas em Portugal), de PB (variedades de três capitais do Sudeste, uma do Nordeste e uma da região Sul do Brasil) e o PGB (variedade falada em Guiné-Bissau).

#### 3.1 FONOLOGIA ENTOACIONAL

A Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica (ou simplesmente Fonologia Entoacional, termo mais comumente utilizado na literatura brasileira para a referida teoria) considera que a entoação tem uma organização fonológica. Considerando a entoação em níveis

---

<sup>24</sup> cf. Hayes; Lahiri, 1991; Jun, 1996; 1998; Frota, 2000; Tenani, 2002; Hellmuth, 2007; Fernandes, 2007a; 2007b; Cruz, 2013; Santos, 2015, entre outros.

de altura tonal, seguindo uma linha de análise utilizada inicialmente por Pierrehumbert (1980), a teoria tem como principais objetivos identificar os elementos contrastivos da estrutura entoacional e fornecer ferramentas que sejam capazes de descrever universalmente as gramáticas entoacionais das línguas naturais (PIERREHUMBERT, 1980; BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; HAYES; LAHIRI, 1991; LADD, 1996; 2008; GUSSENHOVEN; 2004; JUN, 2005; 2014; FROTA; PRIETO, 2015).

Neste trabalho, entendemos *entoação* como o uso da variação de altura (periodicidade da onda do sinal acústico da fala<sup>25</sup>) relacionada ao uso de tons fonológicos no nível da sentença, com a finalidade de transmitir informações como a atitude do falante, tipo frásico, o agrupamento dos elementos do discurso, a estrutura informacional, assim como a marcação de estrutura frasal (cf. GUSSENHOVEN, 2004; LADD, 2008).

Segundo Ladd (1996; 2008), a entoação apresenta uma organização fonológica própria, de modo que um contorno entoacional se constitui, fonologicamente, de uma sequência de unidades discretas, denominadas eventos tonais, que por sua vez se originam a partir de dois níveis de altura distintos, ou tons primitivos: alto (H - *high*) e baixo (L - *low*). Foneticamente, a representação da cadeia de eventos tonais é dada pelo contorno da frequência fundamental ( $F_0$  do sinal acústico).

De maneira geral, assume-se que os eventos tonais são definidos localmente, um em relação ao anterior, de modo que é considerado suficiente o uso de somente dois tons, conforme mencionado, para a descrição dos contornos, mesmo sendo ampla a variação de altura de  $F_0$  (cf. LADD, 2008 [1996], p. 72). Assume-se também que os eventos tonais formam blocos de contorno e estão associados a pontos específicos na cadeia segmental (cf. BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; HAYES; LAHIRI, 1991; LADD, 1996; 2008; FROTA, 1997; 2000; VIGÁRIO, 1998; VIGÁRIO; FROTA, 2003; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; entre outros).

De acordo com Ladd (1996; 2008) e com os trabalhos realizados para as variedades de PE, PB, PGB e também o PST<sup>26</sup>, os eventos tonais mais relevantes na descrição da variação da

---

<sup>25</sup> Cf. Gussenhoven, 2014.

<sup>26</sup> Cf, para o PE: Frota (2000, 2014), Frota e Vigário (2000), Vigário e Frota (2003), Cruz (2013), Frota et al. (2015); para o PB: Cunha (2000), Frota e Vigário (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007a, 2007b), Vigário e



cadeia tonal de  $F_0$  são os *acentos tonais* (*pitch accents*) e os *tons relacionados a fronteiras* (*boundary tones*) de constituintes prosódicos.

Os *acentos tonais* são os eventos tonais que aparecem associados às sílabas proeminentes da cadeia segmental, ou seja, a mudança de altura tem como alvo a sílaba portadora de acento lexical. Os acentos tonais podem ser monotonais (simples,  $L^*$  ou  $H^*$ ) ou bitonais (complexos,  $H^*+L$ ,  $H+L^*$ ,  $L^*+H$  ou  $L+H^*$ ), sendo indicado com um asterisco o tom que estará alinhado à sílaba tônica do item lexical. Dessa forma, a notação utilizada para acentos bitonais indica casos em que estes sejam caracterizados por um movimento rápido de  $F_0$ , isto é, acentos tonais ascendentes ( $L^*+H$  ou  $L+H^*$ ) ou descendentes ( $H^*+L$  ou  $H+L^*$ ) (cf. LADD, 2008 [1996], p. 87-88).

Já os *tons relacionados a fronteiras* são associados às fronteiras de domínios prosódicos (tratados na seção 3.2, a seguir), ou seja, a mudança de altura tonal tem como alvo uma fronteira de um dado constituinte prosódico. Os tons relacionados a fronteiras podem ser de dois tipos: *acentos frasais*<sup>27</sup> ( $L^-$  ou  $H^-$ ), que se associam às fronteiras de constituintes prosódicos mais baixos que o sintagma entoacional (HAYES; LAHIRI, 1991), e *tons de fronteira*<sup>28</sup> ( $L\%$  ou  $H\%$ ), que podem se associar às fronteiras de sintagmas entoacionais (PIERREHUMBERT, 1980).

A teoria não exclui a possibilidade da existência de acentos tritonais ou tons de fronteira bitonais, embora esse tipo de marcação não tenha sido necessário na análise de nossos dados.

Além dessas anotações, os tons marcados como H podem vir acompanhados de diacríticos: ‘!’ para processos de *downstep* (degrau abaixo), e ‘¡’ para processos de *upstep* (degrau acima). O primeiro indica que um tom H está sendo realizado relativamente mais baixo do que o tom H realizado anteriormente; já o segundo indica que um tom H está sendo realizado relativamente mais alto do que o tom H que precedeu. De acordo com Ladd (2008 [1996], p. 77), ocorre em algumas línguas africanas de o segundo tom H de uma sequência H L H ser realizado em um nível mais baixo do que o primeiro H, se configurando como H L !H, sendo o nível desse último H o novo parâmetro de altura para a realização dos próximos Hs que estejam

---

Fernandes-Svartman (2010); Frota et al. (2015); para o PGB: Santos e Fernandes-Svartman (2014), Santos (2015), Fernandes-Svartman et al. (a sair); para o PST: Braga (2017).

<sup>27</sup> Do inglês, *phrasal accents*.

<sup>28</sup> Do inglês, *boundary tones*.

sendo realizados dentro de um determinado constituinte prosódico. Isso também pôde ser observado em nossos dados de PST, conforme discutiremos no Capítulo 5.

Outro tipo de notação que também pode ser utilizada para descrever minuciosamente os acentos tonais é o uso de ‘>’ e ‘<’ para representar se um acento tonal está sendo realizado antes (>T) ou depois (<T) da posição da sílaba tônica na representação da curva entoacional. Se o acento tonal estiver sendo realizado antes da sílaba proeminente, diz-se que ele está adiantado, podendo ser anotado como ‘>T\*’; caso ele se mostre, na curva de F<sub>0</sub>, sendo realizado após a sílaba que carrega o acento lexical, diz-se que ele está atrasado, recebendo a notação ‘<T\*’ (GONÇALVES, 2011, p. 36).

Ainda segundo Ladd (2008 [1996], p. 131), um contorno entoacional é dividido em três partes, denominadas *cabeça*<sup>29</sup>, *núcleo* e *cauda*. Apenas o núcleo é obrigatório, de modo que em um enunciado formado por uma única sílaba (como “Sim.”, numa resposta à pergunta “Choveu hoje?”, por exemplo), o contorno consiste apenas do núcleo (contorno nuclear). Em um enunciado composto por mais sílabas, o núcleo desse contorno estará na sílaba acentuada mais proeminente, que normalmente também é a última sílaba acentuada<sup>30</sup>.

Considerando novamente as variedades de PE, PB, PGB e PST, de forma geral, observa-se que o contorno entoacional nuclear das sentenças declarativas neutras apresenta dois padrões tonais principais distintos entre si. À guisa de ilustração, no primeiro padrão, uma queda final na curva de F<sub>0</sub> é realizada na sílaba tônica da última palavra da sentença (um acento tonal nuclear H+L\*), e o tom permanece baixo até o fim do enunciado (um tom de fronteira L%). No segundo padrão, o contorno na sílaba tônica da palavra fonológica nuclear se realiza baixo (um acento tonal L\*), e o tom também permanece baixo até o fim do enunciado (um tom de fronteira L%).

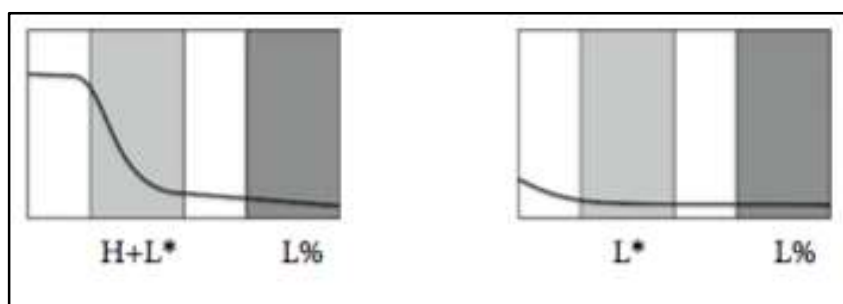
---

<sup>29</sup> ‘Cabeça’, nessa concepção, não equivale à cabeça de constituinte prosódico. Durante nossas análises utilizaremos o termo ‘cabeça’ na concepção da Fonologia Prosódica (cf. seção 3.2 desta dissertação).

<sup>30</sup> Tradução nossa. No original:

“an intonation contour is divided into three parts, called head, nucleus, and tail. Only the nucleus is obligatory, so that on a monosyllabic utterance the contour consists of the nucleus alone. In an utterance with more syllables, the nucleus occurs on the most prominent stressed syllable, which is normally also the last stressed syllable.” (LADD, 2008 [1996], p.131)

A Figura 2 ilustra esses principais contornos nucleares encontrados para as sentenças declarativas neutras nas variedades de português já descritas na literatura. Em cada um deles, encontramos (da esquerda para a direita): a sílaba pré-nuclear (faixa branca mais à esquerda), a sílaba nuclear (portadora do acento lexical), à qual o acento tonal nuclear associa-se (faixa cinza claro), a sílaba pós-nuclear (faixa branca mais à direita) – nos casos em que há mais sílabas entre aquela a que se associa o acento tonal nuclear e a do tom de fronteira –, e a sílaba a que se associa o tom de fronteira (faixa cinza escuro).



**Figura 2:** contornos nucleares de sentenças declarativas neutras (foco amplo) encontrados nas variedades de português já descritas na literatura sobre Fonologia Entoacional (adaptado de Frota et al., 2015, p. 248).

Conforme dito no início deste capítulo, a perspectiva de análise entoacional que assumimos neste trabalho, dentro do quadro teórico da Fonologia Entoacional, prevê a integração entre entoação e domínios prosódicos (HAYES; LAHIRI, 1991; FROTA, 2000; TENANI, 2002, entre outros). De acordo com essa abordagem, a atribuição de eventos tonais à cadeia segmental dependerá de relações de constituição e proeminência definidas na estrutura prosódica. A estrutura prosódica relevante para a entoação em português, de acordo com a literatura específica, é fornecida pela hierarquia prosódica, da qual trataremos na próxima seção.

### 3.2 FONOLOGIA PROSÓDICA

A Fonologia Prosódica assume que a fala se organiza hierarquicamente em constituintes prosódicos universais, de modo que a estrutura fonológica se relaciona com outros níveis da gramática, como a Morfologia e a Sintaxe, para a formação de seus constituintes (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; 2007). Essa relação entre Fonologia e os demais níveis da gramática é parcialmente determinada, ou seja, não há necessariamente uma correspondência

entre a estrutura dos constituintes prosódicos e os constituintes sintáticos, por exemplo, podendo estes coincidir ou divergir conforme o caso.

Nespor e Vogel (1986; 2007) lançam luz sobre processos fonológicos segmentais e rítmicos que ocorrem em espanhol, francês, holandês, húngaro, inglês, italiano, japonês, latim, entre outras línguas, que evidenciam como a fala se organiza em constituintes prosódicos de maneira hierárquica. As autoras apontam, ao longo de toda a obra, processos fonológicos segmentais (como *flapping* e *raddoppiamento sintattico*) e rítmicos (como retração de acento) que ocorrem apenas dentro ou ainda entre as fronteiras de certos domínios prosódicos. Frota (2000), levando em consideração os domínios prosódicos, traz à baila processos fonológicos segmentais e rítmicos que ocorrem em PE, assim como atribuição de tons e alongamento de pré-fronteira, confirmando que há uma hierarquia na organização dos constituintes prosódicos.

Dentro da Fonologia Prosódica, o tipo de informação sintática relevante para a estrutura fonológica com relação à construção de domínios prosódicos dá origem a dois tipos de propostas teóricas: uma baseada em limites, *end-based*, e a outra nas relações entre os constituintes, *relation-based*.

A proposta *end-based* assume que a relação entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica é definida em termos de limites de constituintes sintáticos, ou seja, a fonologia acessa somente informações sobre fronteiras (direita e esquerda) de constituintes sintáticos do tipo XP para determinar os domínios prosódicos (SELKIRK, 1984; 1986; 2000; SELKIRK; SHEN, 1990; TRUCKENBRODT, 1995; 1999; 2007, entre outros). Já a proposta *relation-based*, postula que a organização dos constituintes prosódicos se daria através do acesso à informação sobre a relação núcleo-complemento dada entre os constituintes sintáticos (HAYES, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; 2007; entre outros).

Tanto a proposta *end-based* quanto a *relation-based* propõem que o mapeamento sintático-fonológico fornece uma representação prosódica em hierarquia de constituintes. Estes, por sua vez, devem seguir os princípios de boa formação, postulados na *Strict Layer Hypothesis* (SELKIRK, 1984)<sup>31</sup> e ampliados por Nespor e Vogel (1986; 2007):

---

<sup>31</sup> Princípios 1 e 2.

- “Princípio 1. Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica,  $X^P$ , é composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior,  $X^{P-1}$ .
- Princípio 2. Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior, da qual ela faz parte.
- Princípio 3. As estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são de ramificação n-ária.
- Princípio 4. A relação de proeminência relativa definida por nós irmãos é tal que a um nó é atribuído o valor de ‘forte’ (s – *strong*) e a todos os outros é atribuído o valor de fraco (w – *weak*).”

(NESPOR; VOGEL, 2007 [1986], p. 7)<sup>32</sup>

Para este trabalho, adotamos a proposta *relation-based* e a hierarquia de constituintes prosódicos de Nespor e Vogel (1986), visto que, nas variedades de português já estudadas prosodicamente (variedades de PE, variedades de PB e o PGB), esta é a proposta que melhor permite explicar, até o momento, os fenômenos prosódicos e fonológicos encontrados<sup>33</sup>. Tal hierarquia é formada por 7 níveis, do mais baixo ao mais alto: sílaba (Syl), pé métrico (Ft), palavra fonológica (PW), grupo clítico (CG), sintagma fonológico (PhP), sintagma entoacional (IP)<sup>34</sup> e enunciado fonológico (U), e sua representação arbórea é ilustrada na Figura 3.

---

<sup>32</sup> Tradução nossa. No original:

“Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy,  $X^P$ , is composed of one or more units of the immediately lower category,  $X^{P-1}$ .

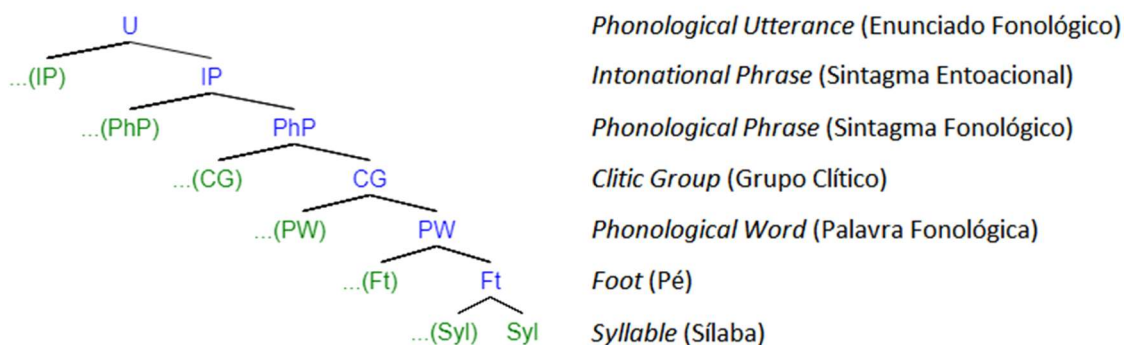
Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.

Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).” (NESPOR; VOGEL, 2007 [1986], p. 7).

<sup>33</sup> Estamos cientes de que o nível prosódico do Grupo Clítico, tal como é tratado pelas autoras, é questionável. Entretanto, é impossível negar a existência de um nível na hierarquia prosódica que esteja entre Palavra Fonológica e Sintagma Fonológico, de modo que a hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986) é por nós adotada por prever esse nível. Também estamos cientes da existência de outras propostas para a formação e definição desse nível na hierarquia prosódica que melhor dão conta dos fenômenos linguísticos que o têm como domínio, mas não trataremos desse nível neste trabalho, visto que esse domínio está fora do escopo de análise dos nossos dados.

<sup>34</sup> *Intonational Phrase* e *Phonological Phrase* são também traduzidos como “frase entoacional” e “frase fonológica”, respectivamente, na literatura linguística brasileira sobre Fonologia Prosódica. Entretanto, neste trabalho traduzimos tais constituintes como “sintagma entoacional” e “sintagma fonológico”, respectivamente, visto que o termo *phrase*, em inglês, refere-se sintaticamente a um sintagma, uma unidade menor que a frase.



**Figura 3:** Representação arbórea da hierarquia prosódica, segundo Nespor e Vogel (1986; 2007), adaptado de Serra (2009, p. 19).

Neste trabalho são levados em consideração os domínios Palavra Fonológica (PW)<sup>35</sup>, Sintagma Fonológico (PhP), Sintagma Entoacional (IP) e Enunciado Fonológico (U), pois estes são os domínios prosódicos que se mostraram mais relevantes no que tange à associação de eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras nas variedades de português já estudadas sob a mesma perspectiva teórica aqui adotada<sup>36</sup>.

Desse modo, para a formação dos domínios prosódicos supracitados, adotamos o algoritmo de formação de PW proposto por Vigário (2003)<sup>37</sup> para o PE, os algoritmos de formação de PhP e de IP propostos por Nespor e Vogel (1986; 2007), na versão revista por Frota (2000), também para o PE<sup>38</sup>, assim como o algoritmo de formação de U (domínio que agrupa IPs), também de acordo com a proposta de Nespor e Vogel (1986; 2007). Os algoritmos de formação dos referidos domínios são apresentados a seguir.

<sup>35</sup> Em nossas análises, consideraremos o clítico fonológico como uma palavra funcional, sem acento e prosodicamente dependente, formando uma PW juntamente com sua palavra hospedeira.

<sup>36</sup> Nas variedades já estudadas (variedades de PE, de PB e o PGB), tem-se que o domínio privilegiado para a associação de acentos tonais pode ser PW (Fernandes, 2007a; 2007b; Toneli, 2014), PhP (Frota; Vigário, 2000; 2007; Tenani, 2002; Vigário; Frota, 2003; Tenani; Fernandes-Svartman, 2008; Cruz, 2013) ou mesmo IP (Frota, 2000; 2014; Frota; Vigário 2007). Quanto a associação de eventos tonais às fronteiras de constituintes, tem-se que o domínio relevante para a associação de acentos frasais é PhP (Fernandes, 2007a; 2007b; Tenani; Fernandes-Svartman, 2008; Cruz, 2013; Santos, 2015; Rosignoli, 2017), e para de tons de fronteira, IP (Frota, 2000; Tenani, 2002; Frota; Vigário, 2007; Serra, 2009; Cruz, 2013; Santos, 2015) e U (Tenani, 2002; Serra, 2009).

<sup>37</sup> Para este trabalho, utilizamos a noção de palavra prosódica mínima, proposta por Vigário (2003) na formação de palavra prosódica.

<sup>38</sup> Optamos por utilizar os algoritmos já adaptados a uma variedade de português por estes já levarem em consideração as características da língua, visto que os algoritmos de formação tal qual expressos por Nespor e Vogel (1986; 2007) são amplos, buscando expressar uma regra de formação universal.

*Formação de Palavra Fonológica (PW):*

“Condições de boa-formação do domínio Palavra Prosódica<sup>39</sup>

– Uma palavra prosódica mínima possui um único acento primário (de palavra). [...]

– Uma unidade carregando acento de palavra deve ser incluída em uma palavra prosódica mínima.

[...]

**Palavra prosódica mínima:** uma palavra prosódica que imediatamente domina o nível prosódico imediatamente inferior (isto é, o pé métrico).”

(VIGÁRIO, 2003, p. 263)<sup>40</sup>

*Formação do Sintagma Fonológico (PhP):*

**a. Domínio de PhP:** uma cabeça lexical X e todos os elementos em seu lado não recursivo, que ainda estejam dentro da projeção máxima de X.

**b. Reestruturação de PhP:** inclusão opcional, obrigatória ou proibida de um PhP ramificado ou não que seja o primeiro complemento de X no PhP que contém X”.

(FROTA, 2000, p. 56)<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Neste trabalho, utilizamos “palavra fonológica” e “palavra prosódica” como sinônimos.

<sup>40</sup> Tradução nossa. No original:

“Well-formedness conditions on the prosodic word domain

– A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress. [...]

– A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word.

[...]

**Minimal prosodic word:** a prosodic word that immediately dominates the next lower prosodic level (i.e. the foot).” (VIGÁRIO, 2003, p. 263).

<sup>41</sup> Tradução nossa. No original:

“Phonological Phrase (PhP) Formation

**PhP-domain:** a lexical head X and all elements on its non-recursive side, which are still within the maximal projection of X.

**PhP-restructuring:** optional, obligatory, or prohibited inclusion of a branching or nonbranching PhP which is the complement of X into the PhP that contains X.” (FROTA, 2000, p. 56).

“Formação do Sintagma Entoacional (IP):

**a. Domínio de IP:** (i) todos os PhPs em uma sequência que não esteja estruturalmente ligada à árvore da sentença (*i. e.* expressões parentéticas, perguntas-eco, vocativos, etc.); (ii) qualquer sequência remanescente de PhPs adjacentes em uma sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujas fronteiras coincidam com as posições em que pausas gramaticais podem ser introduzidas em um enunciado.

**b. Reestruturação de IP:** (i) reestruturação de um IP básico em IPs menores, ou (ii) reestruturação de IPs básicos em um IP maior. Fatores que desempenham um papel na reestruturação de IP: comprimento dos constituintes, taxa de elocução e estilo interagem com as restrições sintáticas e semânticas”.

(FROTA, 2000, p. 57)<sup>42</sup>

“Formação de Enunciado Fonológico (U):

**i. Domínio de U**

O domínio de U consiste em todos os IPs que correspondem a  $X^n$  na árvore sintática.

**ii. Construção de U**

Junte em um U de ramificação n-ária todos os IPs incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de U.”

(NESPOR; VOGEL, 2007, p. 222)<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Tradução nossa. No original:

“Intonational Phrase (PhP) Formation

**IP-domain:** (i) all the PhPs in a string that is not structurally attached to the sentence tree (*i. e.* parenthetical expressions, tag questions, vocatives, etc); (ii) any remaining sequence of adjacent PhPs in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.

**IP-restructuring:** (i) restructuring of one basic IP into shorter IPs, or (ii) restructuring of basic IPs into a larger IP. Factors that play a role in IP restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions.” (FROTA, 2000, p. 57).

<sup>43</sup> Tradução nossa. No original:

“Phonological Utterance Formation

U domain

The domain of *U* consists of all the *Is* corresponding to  $X^n$  in the syntactic tree.

U construction

Join into an n-ary branching *U* all *Is* included in a string delimited by the definition of the domain of *U*” (NESPOR; VOGEL, 2007, p. 222).



Ademais, utilizamos neste trabalho o termo “cabeça” para nos referirmos ao constituinte que assume a posição de maior proeminência dentro de um determinado domínio prosódico (cf. NESPOR; VOGEL, 1986; 2007). Em línguas que apresentam recursividade à direita, como é o caso do português, atesta-se que o constituinte associado à borda direita do domínio prosódico no lado recursivo da sentença tenha maior proeminência, sendo denominado como ‘cabeça’ desse domínio prosódico. Entretanto, no caso do sintagma entoacional, a posição de proeminência pode ser alterada em contexto discursivo de focalização<sup>44</sup>.

Além dos modelos mencionados, que se debruçam sobre o mapeamento sintaxe-fonologia, fatores dentro da própria fonologia têm sido levados em consideração em alguns estudos que tratam do fraseamento prosódico. Dentre esses fatores, podemos citar o comprimento de constituintes (em número de sílabas) e o peso fonológico (ramificações), além da posição estrutural do constituinte na árvore prosódica e da velocidade da fala (GHINI, 1993; JUN, 1996; 2003; SELKIRK, 2000; SÂNDALO; TRUCKENBRODT, 2002; FROTA, 2002; D'IMPÉRIO et al., 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005; FROTA et al.; 2007, entre outros). Esses fatores também são levados em conta neste trabalho, como veremos na constituição do *corpus* de fala controlada, no Capítulo 4, assim como em nossas análises, no Capítulo 5, especialmente na investigação da associação de acentos frasais (cf. subseção 5.1.3.1).

### 3.3. O CONTORNO ENTOACIONAL NEUTRO EM OUTRAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS

O padrão entoacional das sentenças declarativas neutras já foi estudado, no âmbito do quadro teórico assumido neste trabalho, em variedades de (i) português europeu (PE), (ii) português brasileiro (PB), assim como em uma variedade africana, (iii) português de Guiné-Bissau (PGB), sendo que grande parte dos trabalhos realizados até o momento traçam comparações entre os inventários entoacionais encontrados para esse tipo de sentença, a distribuição de acentos tonais dentro da sentença e a configuração do contorno nuclear. Frota, Vigário e Martins (2002), ao realizarem um estudo de percepção comparando PE e PB, apontam para a conclusão de que essas duas variedades são identificadas satisfatoriamente quando a

---

<sup>44</sup> Cf, entre outros, FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; ROSIGNOLI, 2017.

entoação é fornecida, de modo que os estudos sobre a entoação se mostram cruciais para compreendermos as diferenças prosódicas entre as variedades de português.

Os estudos de entoação sobre o PE realizados até o momento contemplaram as variedades de Lisboa (SEP<sup>45</sup>) (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014, entre outros), capital do país e considerada a variedade *standard*, de Braga (NEP<sup>46</sup>) (VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007; CRUZ, 2013) e do Porto (POR) (FROTA et al, 2015) no norte de Portugal (variedades setentrionais), assim como duas variedades centro-meridionais, faladas em Castro Verde (ALE), na região do Alentejo (interior), e em Albufeira (ALG), cidade litorânea ao sul do país, na região do Algarve (CRUZ; FROTA, 2011; 2012; CRUZ, 2013).

Já em relação ao PB, foram estudadas as variedades das cidades de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), variedades da região sudeste do Brasil consideradas como de prestígio (CUNHA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; TRUCKENBRODT; SÂNDALO; ABAURRE, 2009; SERRA, 2009; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015), as variedades de Salvador (BA), representando o falar baiano, a de Belo Horizonte (MG), representando a variedade mineira, a variedade falada em Porto Alegre (RGS), representando o falar da região sul do Brasil (FROTA et al., 2015), assim como as variedades das demais capitais, descritas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) (CARDOSO et al., 2014)<sup>47</sup>.

Os estudos de entoação que contemplam as variedades africanas de português são recentes e atualmente contemplam apenas a variedade de Guiné-Bissau (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015), São Tomé e Príncipe (BRAGA, 2017; e este trabalho) e Angola (SANTOS, em preparação).

### (i) *Português Europeu*

A variedade *standard* do PE foi a primeira a ser estudada sob a ótica da Fonologia Entoacional. Os trabalhos de Viana (1987), Falé (1995), Frota (1997; 2000; 2002a; 2002b;

---

<sup>45</sup> Do inglês, Standard European Portuguese.

<sup>46</sup> Do inglês, Northern European Portuguese.

<sup>47</sup> Neste trabalho são descritos os contornos entoacionais pré-nucleares e nucleares dos enunciados assertivos e os contornos entoacionais nucleares interrogativos totais (perguntas 'sim-não') de 26 capitais do Brasil (todas, exceto Palmas/ TO).

2003, 2014), Vigário (1998), Grønnum e Viana (1999), Frota e Vigário (2000), Frota et al. (2015), entre outros, caracterizam o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras dessa variedade como uma subida inicial, seguida de um platô intermediário e terminando com uma queda no final da curva de F<sub>0</sub>.

Tal subida inicial encontrada no contorno entoacional das sentenças declarativas neutras pode ser marcada por dois tipos de eventos tonais:

- (i) acento tonal de configuração ‘H\*’ (FROTA, 1997; 2000; 2002a; 2002b; 2003; VIGÁRIO, 1998; GRØNNUM; VIANA, 1999), ‘H+L\*’ (FROTA, 2003) ou mesmo ‘L\*+H’ (FROTA, 1993; 2000; 2003; VIGÁRIO, 1998)<sup>48</sup>; ou
- (ii) tom de fronteira %H, cuja associação se daria à fronteira esquerda de IP (FROTA, 1993; 2000; 2003; VIGÁRIO, 1998).

O platô intermediário seria a evidência de que nenhum outro evento tonal estaria associado ao contorno entoacional dessa sentença até chegar ao seu contorno nuclear, que tem como acento nuclear um tom descendente ‘H+L\*’, associado à sílaba tônica da palavra fonológica cabeça do último sintagma fonológico de IP, que é seguido por um tom de fronteira baixo (L%), que se associa à fronteira direita desse IP (cf. FALÉ, 1995; FROTA, 1997; 2000; 2002a; 2002b; VIGÁRIO; 1998; FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA et al., 2015). A distribuição esparsa de eventos tonais dentro de IP nessa variedade se deve à combinação de dois fatores: (i) o longo comprimento dos sintagmas entoacionais em SEP, que geralmente apresentam mais de 9 PWs; e (ii) IP ser o domínio relevante para a atribuição de acentos tonais em SEP (cf. FROTA et al, 2015).

Partindo da descrição do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras em SEP, surgiram trabalhos sobre outras variedades de PE. Em Vigário e Frota (2003), foram investigados os acentos tonais e os contornos nucleares em NEP, além da distribuição de acentos tonais e o fraseamento prosódico nessa variedade, comparando-a com SEP. Para essa variedade, as autoras encontraram a configuração ‘L\* L%’ para o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras. Além disso, verificaram uma maior densidade tonal<sup>49</sup> em relação

---

<sup>48</sup> Em seu trabalho, Viana (1987) assume um contorno nuclear de configuração H\*L, enquanto Grønnum e Viana (1999) interpretam a descida final da curva de F<sub>0</sub> como sendo um acento nuclear L\*, sendo a descida explicada pela existência de um tom H\* antecedendo o contorno nuclear.

<sup>49</sup> De maneira geral, “densidade tonal” é a proporção de acentos tonais associados às palavras fonológicas dentro de um sintagma entoacional. Para mais informações, cf. subseção 5.1.2 desta dissertação.

ao SEP, marcada por uma maior associação de acentos tonais dentro de um IP: NEP apresenta IPs menores e acentos tonais associados a mais PWs, mesmo que estas não estejam dentro do último sintagma fonológico de IP (cf. VIGÁRIO, FROTA, 2003).

O trabalho de Cruz (2013) traz informações sobre o contorno entoacional de diversos tipos frásicos em duas variedades centro-meridionais de PE: ALE e ALG. A autora investigou o comportamento de sentenças declarativas neutras, interrogativas, vocativos, entre outros tipos, assim como estudou como se dá o fraseamento prosódico e as características rítmicas para essas variedades. Para as sentenças neutras, a autora descreve que tanto ALG como ALE apresentam um contorno nuclear descendente ‘H+L\* L%’, assim como o SEP, mas que para ALE também é possível a realização do contorno nuclear baixo ‘L\* L%’, semelhante ao NEP. Além disso, ambas as variedades apresentam associação de acentos tonais à grande parte das PWs pré-nucleares, mesmo IP sendo um sintagma longo (cf. CRUZ, 2013), de modo que a densidade tonal dessas variedades se assemelha à encontrada para NEP.

Cruz (2013) também traz informações sobre a associação de acento frasal em sentenças neutras em ALE. De acordo com a análise da autora, nessa variedade é possível a associação de um acento frasal baixo à fronteira esquerda do último sintagma fonológico de IP, anotado como pL, o que sugere que o domínio Sintagma Fonológico seja relevante para a associação de eventos tonais ao contorno entoacional nessa variedade (CRUZ, 2013). Além disso, tanto em ALE quanto em ALG é encontrada associação de acentos tonais a todas as palavras fonológicas cabeça de PhP, corroborando a relevância prosódica do domínio Sintagma Fonológico.

Quanto à variedade POR, Frota et al. (2015) encontraram duas configurações para o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras: ‘H+L\* L%’ e ‘L\* L%’ foram encontrados em igual distribuição nos dados analisados para essa variedade de PE (cf. FROTA et al, 2015). Ademais, POR apresenta densidade tonal semelhante à NEP, sendo encontrados acentos tonais associados não só às PWs que compõem o último PhP do sintagma entoacional.

### *(ii) Português Brasileiro*

No que tange ao PB, os primeiros trabalhos utilizando a Fonologia Entoacional foram os de Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002). Nestes trabalhos, o contorno entoacional mais frequentemente encontrado para as sentenças declarativas neutras apresenta a configuração nuclear ‘H+L\* L%’. Esse contorno foi confirmado nos trabalhos empreendidos por outros autores nos anos seguintes, tanto para fala controlada como para fala espontânea

(FERNANDES, 2007a, 2007b; MORAES, 2008; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; SERRA, 2009; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; TONELI, 2014, CARDOSO et al., 2014; FROTA et al., 2015). Entretanto, Cardoso et al. (2014) encontraram a configuração L+H\* L% para os contornos nucleares das sentenças assertivas nas variedades de PB faladas nas três capitais da Região Sul do país (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), destoando do contorno nuclear encontrado por Frota et al. (2015) para Porto Alegre (H+L\* L%).

Ademais, trabalhos sobre a entoação das sentenças neutras em variedades de PB (RJ, SP, BA, MG, RS) verificaram a associação de acento tonal a praticamente todas as PWs, sendo obrigatória a associação de acento tonal a palavras fonológicas cabeça de PhP e opcional às PWs não cabeça de PhP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015). O trabalho de Toneli (2014) confirma estatisticamente que Palavra Fonológica é o domínio relevante para a associação de eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças neutras em PB.

Além disso, um evento tonal adicional H que pode aparecer associado a sílabas pretônicas de palavras longas (que possuam mais que 2 sílabas pretônicas). A associação de tal evento tonal adicional a sílabas pretônicas foi encontrada para as variedades RJ, SP, BA, MG, RS, não importando se a sílaba à qual o acento tonal adicional é associado está ou não próxima ao início do enunciado (FROTA et al., 2015). Ainda se fazem necessários mais estudos sobre esse tipo de evento tonal em PB, mas é possível que tal evento tonal esteja relacionado à marcação de acento secundário, como apontam Tenani (2002), Fernandes (2007a, 2007b) e Fernandes-Svartman (2009).

De maneira geral, não foram encontrados acentos frasais associados às fronteiras de PhP nas sentenças declarativas neutras nas variedades de PB estudadas. Entretanto, Fernandes (2007a, 2007b), estudando sentenças neutras e focalizadas da variedade SP e comparando-a com SEP, encontrou em seus dados que a diferença entre sentenças neutras e aquelas com sujeito focalizado, em PB, tem como principal correlato entoacional a ausência de acentos tonais associados a palavras fonológicas intermediárias, que seriam aquelas entre a PW cabeça do PhP que contém o sujeito focalizado e a PW cabeça do último PhP de IP, assim como a possibilidade de haver acento frasal baixo (L<sup>-</sup>) associado à fronteira direita do PhP que contém o sujeito focalizado (cf. FERNANDES, 2007a, p. 247).

(iii) *Português de Guiné-Bissau*

A variedade africana falada em Guiné-Bissau (PGB), assim como as variedades de PB, possui obrigatoriamente um acento tonal associado a todas as PWs cabeça de sintagma fonológico, entretanto, também é encontrada uma grande associação de acentos tonais a PWs não cabeça de PhP, o que revela uma alta densidade tonal. (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2018). Verifica-se que há maior densidade tonal nos sintagmas fonológicos que compõem o sujeito do que naqueles que compõem o predicado, de modo que há associação de acento tonal a todas as PWs que pertençam ao sujeito, independentemente de sua ramificação prosódica ou sintática e de seu comprimento em número de sílabas, enquanto que, na posição de predicado, PWs não cabeça de sintagma fonológico e que estiverem dentro de sintagmas fonológicos curtos, ramificados ou não, podem não receber acento tonal (SANTOS, 2015). Ademais, Santos (2015) também verificou que há possibilidade de associação de eventos tonais adicionais H às PWs longas, do mesmo modo como foi encontrado para PB (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; FERNANDES-SVARTMAN, 2009).

No que tange ao contorno nuclear das sentenças declarativas neutras nessa variedade de português, assim como nas variedades de PB, SEP e ALG, foram encontrados predominantemente acentos descendentes seguidos de tom de fronteira baixo: ‘H+L\* L%’ (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015), e ‘!H+L\* L%’ (SANTOS, 2015). Entretanto, também é possível a realização de um contorno nuclear baixo ‘L\* L%’ (SANTOS, 2015) para as sentenças declarativas neutras nessa variedade de português, configuração também encontrada nas variedades portuguesas NEP e ALE.

O PGB, assim como ALE, apresenta a possibilidade de associação de acento frasal baixo (L<sup>-</sup>). Entretanto, diferente do que foi encontrado para a variedade lusitana, os acentos frasais, em PGB, aparecem associados à fronteira direita de sintagma fonológico não final de IP. Tais acentos frasais apresentam-se associados majoritariamente a fronteiras de sintagmas fonológicos que constituem o sujeito da sentença (cf. SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015).

Dessa forma, tendo apresentado nosso referencial teórico, assim como os estudos do PE, do PB e do PGB realizados na mesma perspectiva teórica adotada neste trabalho, partimos para a descrição dos *corpora* utilizados nesta pesquisa, assim como da metodologia de coleta e do tratamento de dados de PST.

## 4. CORPUS E METODOLOGIA

Os procedimentos utilizados para a elaboração e adaptação dos *corpora*, assim como sua coleta, são semelhantes aos que têm sido utilizados nas pesquisas pertencentes aos projetos internacionais *Atlas Interativo da Prosódia do Português (Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese - InAPoP)* e *Intonational Phrasing in Romance*, já referidos no Capítulo 1 desta dissertação. Tal conduta é adotada para que seja possível realizar comparações entre os resultados encontrados para o PST com aqueles encontrados para as demais variedades de português também contempladas pelo *InAPoP* e para as línguas estudadas pelo projeto *Intonational Phrasing in Romance*.

Este capítulo descreve, portanto, como se deu a formação do *corpus* de fala controlada (seção 4.1), a constituição do *corpus* de fala espontânea (seção 4.2), o perfil das informantes que forneceram seus dados de fala (seção 4.3), assim como a metodologia utilizada na coleta dos dados e o tratamento e a análise desses dados utilizados na investigação da associação de eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST (seção 4.4).

### 4.1 CORPUS DE FALA CONTROLADA

O *corpus* de fala controlada é composto por 76 sentenças declarativas neutras, cada qual constituída por uma única oração de ordem SVO (sujeito-verbo-objeto), cujos constituintes variam de modo progressivo no que concerne a:

- (i) comprimento: medido em número de sílabas, incluindo determinantes e preposições;  
e
- (ii) complexidade sintático-prosódica: ausência ou presença de ramificações, em termos de quantidade de núcleos lexicais e de palavras prosódicas.

Tais sentenças fazem parte de um *corpus* de leitura pertencente ao *Romance Languages Database (RLD)* (ELORDIETA et al., 2003; D'IMPERIO et al., 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005), já adaptadas para o PE. Para este trabalho, adaptamos as sentenças desse *corpus* para o PST com a ajuda de falantes nativas, sendo também levado em consideração o léxico, para que as sentenças pudessem ser realizadas de maneira natural, considerando as especificidades da variedade santomense ao mesmo tempo em que se buscou seguir os critérios de composição estabelecidos no RLD, expostos no Quadro 1 (cf. ELORDIETA et al., 2003).

**Quadro 1:** Fatores de composição do *corpus* do RLD, segundo Elordieta et al. (2003).

Constituinte	Composição	Exemplos
Curto	até 3 sílabas	[a.no.ra]
Longo	mais de 3 sílabas	[me.mo.ri.za.va]
Não ramificado sintaticamente	morfossintaticamente com 1 núcleo lexical	[o homem] <sub>N</sub>
Ramificado prosódica e sintaticamente	morfossintaticamente com 2 núcleos lexicais e, prosodicamente, por 2 palavras fonológicas (PW)	nome + adjetivo [(o namorado) <sub>N</sub> (mulherengo) <sub>A</sub> ]  PW + PW [(o namorado) <sub>PW</sub> (mulherengo) <sub>PW</sub> ]

Controlamos tanto ‘comprimento’ quanto ‘complexidade sintático-prosódica’ na adaptação desse *corpus* para o PST, pois neste trabalho investigamos possíveis influências dessas características nos constituintes prosódicos no que diz respeito à associação dos eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras dessa variedade de português. Realizamos também o controle do léxico visando obter sentenças que auxiliem a descrição entoacional do PST. Dessa forma, evitamos a presença de palavras oxítonas, visto que não é clara a identificação do tom alinhado a essas sílabas, ou seja, se estaremos diante de um acento tonal ou de tom relacionado à fronteira, assim como também evitamos itens lexicais formados por consoantes oclusivas e fricativas surdas, pois a curva  $F_0$  de sentenças que contenham palavras com esses segmentos podem apresentar perturbações microprosódicas, dificultando a análise entoacional, visto que essas perturbações podem alterar a representação visual da curva de  $F_0$  (LADD, 2008, p. 25).

Por priorizar critérios prosódicos, sintáticos e segmentais, o léxico utilizado nessas sentenças pode não ser muito frequente em PST, assim como muitas sentenças que constituem o *corpus* de fala controlada podem não parecer, num primeiro momento, tão naturais quanto aquelas que apareceriam num *corpus* de fala espontânea. O desenho do experimento e a elaboração do *corpus* de coleta de dados para estudos sobre entoação foi tratado por Seara e Figueiredo-Silva (2007), num artigo em que os autores expõem as dificuldades encontradas para uma coleta de dados que sejam uniformes, em quantidade pertinente para a realização de análises robustas e que levem em consideração os critérios necessários para o tipo de investigação proposto (no nosso caso, os critérios já expostos no início desta seção), mas que ao mesmo tempo produzam uma fala que não envie os resultados em decorrência do tipo discursivo empregado numa tarefa de leitura. Entretanto, por nosso trabalho estar inserido no



âmbito do projeto internacional “Atlas Interativo da Prosódia do Português” (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese - InAPoP*) e do projeto “Fraseamento prosódico em português: comparações entre as variedades brasileira e africanas” (cf. Capítulo 1 desta dissertação), é fundamental que sigamos as características preestabelecidas para a constituição do *corpus*, a fim de realizarmos as comparações propostas para este trabalho e para que nossos resultados possam ser utilizados pelos demais trabalhos desenvolvidos no âmbito dos referidos projetos. Salientamos que tanto as sentenças quanto o léxico que as compõe foi julgado como gramatical por falantes nativos dessa variedade de português, durante a etapa de adaptação do *corpus* ao PST, mencionada anteriormente. O *corpus* de fala controlada adaptado pode ser visto ao final desta dissertação (Anexo A).

Além do referido *corpus* adaptado ao PST, inserimos, como sentenças distratoras na tarefa de leitura (cf. seção 4.4 desse capítulo) alguns ditados populares da cultura santomense, retirados de Coelho (2010), livro publicado no país com o apoio da embaixada brasileira, que traz, além dos ditados populares, contos da tradição oral santomense, provérbios e poemas, assim como informações introdutórias sobre a língua santome. As sentenças apareceram para as informantes grafadas com uma ortografia próxima à do português, visto que a ortografia oficial das línguas crioulas (ALUSTP) só foi promulgada em 2013. As sentenças distratoras em santome também se encontram ao final dessa dissertação (Anexo B).

#### 4.2 CORPUS DE FALA ESPONTÂNEA

Ainda seguindo os critérios do *InAPoP*, cada informante participou de uma entrevista para coleta de dados de fala espontânea. Na entrevista, o informante é incitado a falar sobre sua vida, seu país de origem, sua infância e juventude, sua família, ocupação, costumes, etc., ou seja, tópicos informais que possibilitem uma fala natural, sem monitoração. Além disso, o entrevistador participa o mínimo possível durante a entrevista, com duração sugerida de 10 minutos de conversação (totalizando em média 1600 palavras). Seguimos tal protocolo por estarmos inseridos no projeto *InAPoP*, mas estamos cientes de que para uma análise de fala espontânea deve haver um maior tempo de gravação. Dessa forma, faremos apenas uma análise inicial das características prosódicas e entoacionais das sentenças neutras em fala espontânea no PST. Em trabalhos futuros, realizaremos coletas de dados com maior tempo de gravação, para que seja possível realizarmos uma análise mais robusta.

O detalhamento das entrevistas, com a duração e quantidade aproximada de palavras por entrevista é apresentada no Quadro 2. De cada uma delas, selecionamos trechos que continham sentenças declarativas neutras para serem analisadas, seguindo nosso objetivo de pesquisa.

**Quadro 2:** Detalhamento das entrevistas

<b>Entrevistas</b>	<b>Duração</b>	<b>Quantidade aproximada de palavras</b>
MAQJ	13min 44s	1727
NDR	9min 53s	1597
JRB	12min 17s	1893

Embora esse tipo de coleta nos propicie muitos dados de fala natural, ele não possibilita o controle do tipo de informação linguística produzida pelo informante, o que não nos permite realizar uma comparação sistemática (com base nas mesmas variáveis linguísticas) com outras variedades de português nos valendo apenas desses dados. Os dados de fala espontânea, portanto, nos permitem confirmar ou contestar os resultados encontrados para fala controlada.

#### 4.3 INFORMANTES

Para a seleção das informantes que produziram os dados de fala (controlada e espontânea), seguimos os critérios do *InAPoP*, adaptados de CRUZ (2013, p. 13)<sup>50</sup>:

- (i) coletar dados de falantes nativos de sexo feminino, organizados em dois grupos etários (de 20 a 45 anos e de 60 anos ou mais);
- (ii) os falantes do grupo mais jovem podem ter um nível variável de educação (do ensino secundário ao ensino superior), enquanto os falantes do grupo mais velho devem ser alfabetizados, a fim de realizarem a tarefa de leitura; e

<sup>50</sup> Tradução e adaptação nossa. No original:

“[...] we collect speech data from [...] female speakers, organized into two age groups [...]: 20-45 and 60 or more years of age. Speakers from the youngest age group may have a variable level of education (from high-school to university), while the eldest should be alphabetized, in order to perform the reading task. When speakers are not illiterate but they do not have good performance (i. e. they are not fluent) in the reading task, only the Interview is considered for analysis [...]. Each participant must give her consent to the processing of personal data, her voice and image included. In this sense, all participants must complete and sign both a personal information form and a consent form, giving their permission to make their data available for scientific purposes” (CRUZ, 2013, p. 13).

- (iii) quando os falantes não forem iletrados, mas não possuem uma boa performance na tarefa de leitura (ou seja, não forem fluentes), somente a entrevista deve ser considerada para análise.
- (iv) Além disso, cada informante deve dar consentimento no processamento de seus dados, assinando um formulário pessoal<sup>51</sup> e de consentimento<sup>52</sup>, dando permissão para que seus dados pessoais, de voz e imagem sejam disponibilizados para propósitos científicos.

Por não encontrarmos, em nosso trabalho de campo (mais informações sobre o trabalho de campo são dadas a seguir), informantes que pertencessem ao segundo grupo etário (mais de 60 anos) estipulado pelo *InAPoP*, esta pesquisa contempla apenas o primeiro grupo etário, de 20 a 45 anos.

Seguindo os critérios supracitados, foram selecionadas 3 informantes, MAQJ, NDR e JRB, que possuem o mesmo perfil sociolinguístico: sexo feminino, nascidas na ilha de São Tomé (onde haviam passado os últimos 10 anos, na data da coleta de dados), faixa etária entre 20 e 27 anos, mesmo grau de escolaridade (cursando nível superior) e todas se declararam falantes nativas de PST com algum conhecimento de santome. Embora as informantes, no momento da gravação, residissem no Brasil, a migração se deu num período máximo de 15 meses antes da gravação.

As informantes, na data das gravações, eram alunas de graduação na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *campus* de Redenção-CE. Essa universidade foi fundada em 2010 pelo governo federal brasileiro com o objetivo de formar recursos humanos para desenvolver a integração entre Brasil e demais países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em especial os países africanos, assim como “promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional”<sup>53</sup>. A instituição recebe periodicamente alunos oriundos de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, além de alunos brasileiros, que ocupam cerca de 50% das vagas.

---

<sup>51</sup> Cf. Anexo C.

<sup>52</sup> Cf. Anexo D.

<sup>53</sup> Para mais informações, consultar o site da universidade: <<http://www.unilab.edu.br>>.

Com *campi* localizados no Ceará e na Bahia, a UNILAB contava, na época das gravações, com 8 cursos de graduação e 5 de especialização oferecidos tanto na forma presencial quanto à distância, contando, na data das gravações, com 2698 estudantes de graduação regularmente matriculados, dentre os quais, 44 eram santomenses<sup>54</sup>. A escolha por gravar os alunos dessa universidade se deu pelo grande número de santomenses, já que é nela que encontramos o maior número de falantes de português de São Tomé em território brasileiro. Embora a realização de uma viagem de campo à ilha de São Tomé para a coleta de dados fosse o ideal, a falta de recursos financeiros para tais fins, considerando os poucos recursos de uma bolsa de Mestrado, fez com isso não fosse possível.

De acordo com as estudantes entrevistadas, os candidatos a uma vaga na UNILAB são submetidos a um processo seletivo, ainda em São Tomé, sendo que uma das etapas desse processo é a elaboração de uma redação – texto dissertativo-argumentativo aos moldes de um vestibular. Desse modo, nenhuma estudante que tenha participado das gravações apresentou dificuldades severas na atividade de leitura a ponto de comprometer a fluência na produção das sentenças a serem utilizadas em nossa análise. O quadro 3 apresenta o perfil das informantes selecionadas.

**Quadro 3:** Perfil das informantes.

<b>Informações sociolinguísticas</b>	<b>MAQJ</b>	<b>NDR</b>	<b>JRB</b>
Sexo	F	F	F
Idade	27	20	23
Origem	São Tomé	São Tomé	São Tomé
Grau de instrução	cursando nível Superior	cursando nível Superior	cursando nível Superior
L1	português	português	português
L2	santome	santome	santome
Permanência no Brasil	15 meses (Redenção – CE)	10 meses (Redenção – CE)	15 meses (Redenção – CE)

É importante relatar que as informantes se autodeclararam falantes de português como L1, mas referindo-se à variedade falada em São Tomé, conforme esperávamos. As mesmas afirmaram que nunca residiram fora de São Tomé antes de virem para o Brasil.

<sup>54</sup> Dados obtidos em 2015, durante a realização da coleta de dados.

Conforme já mencionado no Capítulo 2 desta dissertação (cf. seção 2.2), as gerações de santomenses nascidos após a independência (1975) evitam utilizar as línguas nacionais (santome, lung'Ie, angolár, etc.) na frente dos filhos, especialmente nas parcelas da sociedade com melhor situação financeira. No caso das informantes entrevistadas, todas afirmam que só aprenderam o santome através de uma transmissão irregular, geralmente através das avós e na rua, já por volta dos 8 anos de idade. O santome é falado apenas em situações específicas, quando se quer esconder algo ou quando o assunto é impróprio para as crianças, que não o compreendem plenamente, ou mesmo falado apenas na produção de vocativos e interjeições, mesmo nos casos em que possa ter ocorrido uma aquisição regular e sistemática da língua. Dessa forma, o português assumiu, nas últimas décadas, o *status* de L1 de praticamente toda a população do país. Entretanto, ele se difere do português lusitano, variedade normativa ensinada na escola, devendo ser considerado, portanto, como uma variedade própria: o português santomense.

Embora, durante as entrevistas, algumas informantes afirmassem que os estudantes vindos de São Tomé estão utilizando o santome no Brasil, em especial dentro da UNILAB, numa forma de se afirmarem enquanto grupo, isso não foi verificado durante as gravações. Segundo elas, a UNILAB é um ambiente onde os santomenses entram em contato com estudantes de diversos países lusófonos, falantes de uma ou mais línguas além do português, como línguas crioulas de países como Guiné-Bissau e Cabo Verde ou mesmo línguas africanas, como é o caso de Angola e Moçambique. Por conta disso, haveria uma vontade de marcar e entender sua identidade santomense, segundo elas, de modo que o santome passaria a ser mais utilizado agora (nesse contexto universitário) do que quando residiam em São Tomé e Príncipe, visto que alguns estudantes santomenses que falam e conhecem melhor o crioulo santome acabam ensinando-o aos outros. Entretanto, as informantes mostraram não compreender as sentenças em santome que foram utilizadas como parte das sentenças distratoras na tarefa de leitura, através da qual coletamos os dados de fala controlada (cf. seção 4.1).

#### 4.4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa consistiu, inicialmente, na adaptação das sentenças neutras do RLD para a variedade de português santomense, conforme especificado na seção 4.1 deste capítulo, com auxílio de falantes nativas dessa variedade de português.

Para a realização das gravações, as sentenças já adaptadas foram ordenadas de modo aleatório e foram inseridas, a cada 5 sentenças do *corpus*, uma sentença distratora em português (na maioria dos casos, interrogativa) e uma sentença em santome, crioulo mais falado na ilha de São Tomé (cf. seção 4.1 deste capítulo), totalizando um bloco de 106 sentenças (76 sentenças do *corpus* + 30 sentenças distratoras). A inserção das sentenças distratoras é um procedimento adotado para desviar a atenção das informantes sobre o fenômeno linguístico que está sendo estudado, visando à produção mais natural possível. A inserção de sentenças em santome, todas retiradas de Coelho (2010), serviu como um “termômetro” para averiguar a proficiência das informantes nessa língua crioula. Constatamos que a proficiência de nossas informantes em santome é bem baixa. Cada bloco de 106 sentenças foi repetido 3 vezes, por cada informante, sendo realizada uma pausa entre eles. As informantes foram orientadas a realizarem as sentenças da maneira mais natural possível, para evitar produções focalizadas ou topicalizadas, visto que nosso objetivo central é analisar o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras.

Todas as gravações foram realizadas em salas de reuniões da UNILAB, no *campus* da Liberdade, localizado em Redenção - CE, em abril de 2015, com os mesmos equipamentos: gravador digital MARANTZ, modelo PMD660, a uma frequência de 48.000 Hz, em canal monofônico, e microfone externo SENNHEISER, modelo EW122-P G3.

Após a gravação, o material de áudio foi submetido ao programa computacional de análise de fala *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2014), no qual foram feitas as segmentações das gravações obtidas em arquivos menores. Nessas segmentações foram separadas, unitariamente, as sentenças da fala controlada e da entrevista. Os arquivos sonoros provenientes dessas segmentações foram então numerados e nomeados de acordo com o código dado à informante e ao seu conteúdo, como em “M\_04\_A\_loira\_falava\_do\_namorado\_B.wav”, que corresponde ao arquivo em formato .wav retirado da gravação de fala controlada da informante MAQJ, correspondente à sentença 04 do *corpus* de fala controlada, ou seja, a sentença “*A loira falava do namorado*”, na segunda repetição realizada pela informante, por isso anotada como ‘B’.

Transcrevemos todas as entrevistas em documentos de texto (cf. Anexo E) baseados nos critérios do InAPoP, apresentados a seguir:

- anotamos os falantes como *entrevistador e participante*;
- todos os empréstimos lexicais são grafados em itálico;

- o tempo transcorrido da entrevista aparece indicado em negrito e entre colchetes a cada 30 segundos;
- elementos não linguísticos são indicados em itálico e entre parênteses;
- interjeições e preenchedores são transcritos de acordo com as regras da língua (adaptado de CRUZ, 2013, p. 17)<sup>55</sup>.

Além disso, utilizamos outras notações, baseados nas transcrições de fala espontânea encontradas nos trabalhos de Cruz (2013) e Santos (2015):

- segmentos apagados aparecem entre parênteses, para que seja possível compreender integralmente o conteúdo do que foi dito na entrevista;
- ‘::’ são utilizados em seguida à sílaba realizada alongada;
- ‘...’ indicam pausas para respiração;
- ‘-’ indica interrupção;
- <RISOS> indica risos;
- <SIL> indica pausas silenciosas.

Após a transcrição das entrevistas, foram selecionadas sentenças declarativas neutras, levando em conta, em tal seleção, o contexto e a percepção auditiva. Tais sentenças foram separadas em arquivos individuais, nomeados de acordo com um código para cada informante e com seu conteúdo, de modo análogo ao procedimento realizado para as sentenças de fala controlada: no arquivo .wav nomeado como “J\_Ent01\_a minha primeira opção era Medicina.wav”, é possível identificar que esse arquivo de áudio contém a sentença “A minha primeira opção era Medicina”, retirada da entrevista realizada com JRB. Além disso, identificamos que essa é a primeira sentença declarativa neutra dentre as selecionadas para análise dos dados de fala espontânea realizados por essa informante.

De posse dos arquivos individuais para análise, submetemos novamente tais arquivos ao programa *Praat*, através do qual foram gerados o espectrograma, a forma de onda e o contorno da frequência fundamental (F<sub>0</sub>) das sentenças de fala controlada e espontânea para realizarmos

---

<sup>55</sup> Adaptação e tradução nossa. No original:

“(i) speakers are identified [...] as INTERVIEWER and PARTICIPANT (in the transcription of the Interview); (ii) loanwords have to be written in italic; (iii) time has to be indicated between square brackets, at the right, every 30 seconds; (iv) non-linguistic elements have to be indicated in italic and between brackets; (v) interjections and fillers are transcribed according to the rules of each language” (CRUZ, 2013, p. 13).

as análises. Também através do *Praat*, realizamos a segmentação das sentenças em sílabas e palavras nas sentenças de fala controlada, além da delimitação dos PhPs nas sentenças de fala espontânea. No mesmo programa, identificamos e transcrevemos os eventos tonais associados ao contorno entoacional das sentenças em cada um dos arquivos, com base na percepção auditiva e na exploração do sinal acústico de  $F_0$ , tendo como aparato teórico a Fonologia Entoacional (cf. seção 3.1 do Capítulo 3). Já a identificação dos domínios prosódicos relevantes na atribuição dos eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças neutras em PST foi realizada com base no quadro teórico da Fonologia Prosódica (cf. seção 3.2 do Capítulo 3).

Para a realização das transcrições dos eventos tonais foram criados, para cada arquivo de áudio e no próprio *Praat*, arquivos de anotação, denominados *TextGrids*, contendo as camadas específicas para cada tipo de anotação necessária. As camadas de anotação criadas nos arquivos *TextGrid* foram as seguintes (de cima para baixo – ver figuras 4 e 5 como exemplo):

- (i) **Tons:** camada de pontos para a anotação de eventos tonais associados ao contorno entoacional das sentenças;
- (ii) **Sílabas:** camada de intervalos destinada à transcrição ortográfica das sílabas das sentenças;
- (iii) **Palavras:** camada de intervalos destinada à transcrição ortográfica das palavras das sentenças.
- (iv) **PhP:** camada de intervalos destinada à delimitação dos sintagmas fonológicos não finais e finais<sup>56</sup>.

Para a análise do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada foram consideradas apenas aquelas sentenças produzidas de maneira fluente, ou seja, sem a realização de pausas<sup>57</sup> preenchidas ou silenciosas, correções, interrupções, alongamento e truncamentos, que, embora comuns na fala espontânea, não são consideradas

---

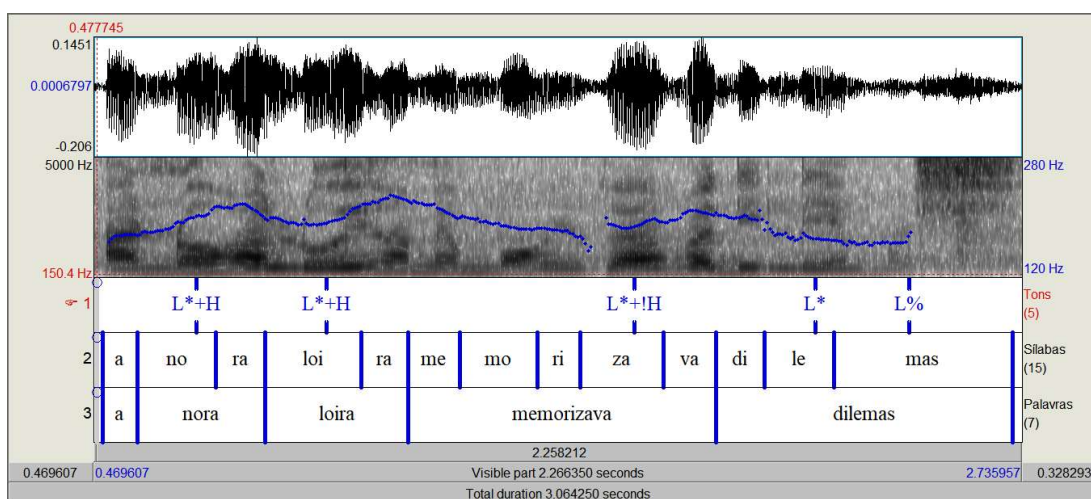
<sup>56</sup> Essa camada foi inserida apenas para a análise das sentenças de fala espontânea, para que fosse possível melhor visualizar fenômenos que pudessem estar ocorrendo nas fronteiras de PhP, assim como a associação de eventos tonais a essas fronteiras de PhP não final de IP (anotado apenas como ‘PhP’) ou mesmo fronteira de PhP final de IP medial e final (anotado como ‘PhP]IP’). Tal procedimento se mostrou necessário ao analisarmos a associação de eventos tonais relacionados às ocorrências de sândi vocálico externo observadas em nosso *corpus* de fala espontânea (cf. subseção 5.2.1.1).

<sup>57</sup> As sentenças com realização de pausas foram excluídas apenas se estas se enquadravam como não previstas gramaticalmente, ou seja, se a pausa foi realizada entre um artigo e um nome, por exemplo. Caso contrário, as sentenças foram mantidas, pois tais pausas podem indicar fronteira de um constituinte prosódico.



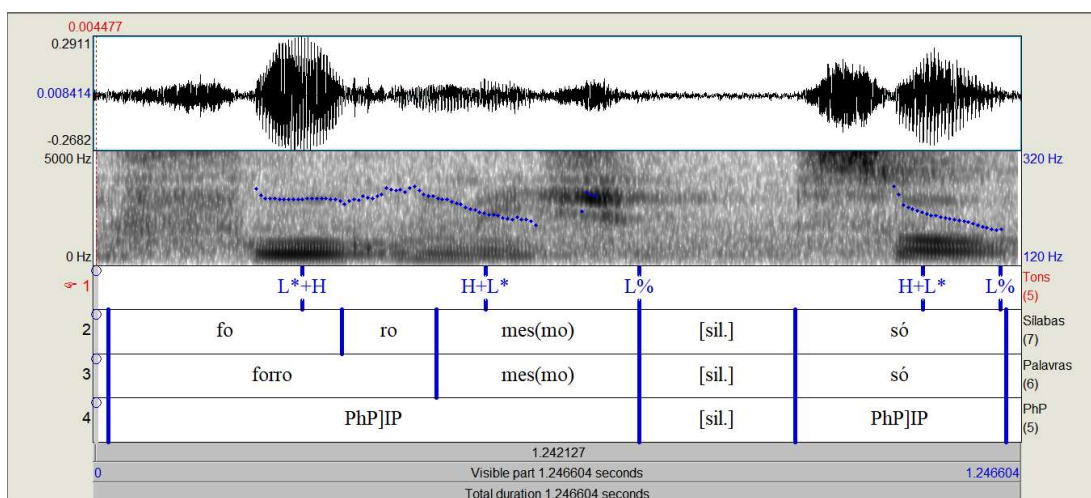
como sendo representações de uma leitura fluente de acordo com os critérios estabelecidos pelo *InAPoP*.

As anotações realizadas em camadas nos arquivos *TextGrid* do *Praat* e referentes às sentenças do *corpus* de fala controlada e espontânea são exemplificadas nas Figuras 4 e 5, respectivamente.



**Figura 4:** Anotação da sentença “A nora loira memorizava dilemas”, produzida por NDR, extraída do *corpus* de fala controlada.

Na Figura 4, podemos verificar na parte superior da figura a forma de onda da sentença “A nota loira memorizava dilemas”, produzida por NDR, a frequência fundamental (linha azul na figura) e o espectrograma (representação gráfica imediatamente subsequente à representação gráfica da forma de onda) relativos à produção dessa sentença, além das camadas de anotações: ‘tons’ (primeira camada de anotação de cima para baixo), ‘sílabas’ (segunda camada de anotação de cima para baixo) e ‘palavras’ (terceira camada de anotação de cima para baixo).



**Figura 5:** Anotação da sentença “Forro mesmo, só”, produzida por MAQJ, extraída do *corpus* de fala espontânea.

De maneira análoga, na Figura 5 podemos ver a forma de onda (parte superior da figura) da sentença do *corpus* de fala espontânea “Forro mesmo, só” realizada por MAQJ, a frequência fundamental (linha azul na figura) e espectrograma (representação gráfica imediatamente subsequente à representação gráfica da forma de onda) relativos à produção dessa sentença, além das camadas de anotações: ‘tons’ (primeira camada de anotação de cima para baixo), ‘sílabas’ (segunda camada de anotação de cima para baixo), ‘palavras’ (terceira camada de anotação de cima para baixo) e ‘PhP’ (quarta camada de anotação de cima para baixo).

## 5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Realizamos, neste capítulo, a descrição e a análise dos dados de fala controlada e espontânea do PST, que constituem o *corpus* desta pesquisa. Examinando o contorno entoacional das sentenças dos referidos *corpora*, investigamos: (i) a associação de acentos tonais ao longo do contorno entoacional dessas sentenças, assim como sua configuração; (ii) a associação de tons relacionados às fronteiras de constituintes prosódicos; (iii) os acentos nucleares juntamente com os tons de fronteira de IPs finais, que constituem o contorno nuclear das sentenças neutras, assim como os acentos nucleares e tons de fronteira de IPs mediais; e, por fim, (iv) a densidade tonal<sup>58</sup> das sentenças dessa variedade de português.

Este capítulo é constituído por quatro seções. Em 5.1, descrevemos e analisamos os resultados encontrados nos dados de fala controlada, tratando dos acentos tonais na subseção 5.1.1, da densidade tonal encontrada para os dados de fala controlada na subseção 5.1.2, dos tons relacionados à fronteira na subseção 5.1.3, e expondo nossa análise sobre o contorno nuclear em sentenças de fala controlada na subseção 5.1.4. Na seção 5.2, apresentamos as análises das sentenças de fala espontânea, contrastando os resultados com aqueles encontrados para fala controlada no que diz respeito aos acentos nucleares, na subseção 5.2.1, aos tons relacionados à fronteira, na subseção 5.2.2, e também em relação ao contorno nuclear, na subseção 5.2.3. Já na seção 5.3, comparamos os resultados encontrados para o PST com aqueles descritos na literatura para as demais variedades de português já estudadas na mesma perspectiva teórica adotada neste trabalho. Concluimos este capítulo na seção 5.4, com as considerações gerais sobre o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST.

### 5.1 FALA CONTROLADA

A análise do *corpus* de fala controlada consistiu na identificação de eventos tonais (a saber: acentos tonais, acentos frasais e tons de fronteira) associados ao contorno entoacional das sentenças neutras produzidas pelas informantes em tarefa de leitura, conforme descrito no Capítulo 4 (cf. seção 4.4), assim como a investigação dos domínios prosódicos relevantes na associação dos eventos tonais ao contorno entoacional (palavra prosódica, PW; sintagma fonológico, PhP; e sintagma entoacional, IP), com base nos estudos já realizados sobre a

---

<sup>58</sup> Para definição e mais informações sobre densidade tonal, cf. subseção 5.1.2 desta dissertação.

prosódia de outras variedades de português<sup>59</sup>.

As informantes desta pesquisa produziram ao todo 684 sentenças nessa tarefa de leitura (76 sentenças x 3 repetições x 3 informantes), sendo desprezadas da análise as sentenças distratoras e em *santome*. Desse total, foram descartadas aquelas que não puderam ser consideradas como produto de leitura natural e fluente, por apresentarem pausas agramaticais, hesitações ou por serem realizadas de maneira monitorada, conforme os critérios estabelecidos pelo *InAPoP*. Desse modo, ficaram disponíveis para análise 210 sentenças produzidas por MAQJ, 200 produzidas por NDR e 155 sentenças realizadas por JRB, totalizando as 565 sentenças que constituem o *corpus* de fala controlada.

Nas subseções a seguir, apresentamos os resultados encontrados para a associação dos eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças neutras em PST.

### 5.1.1 Acentos tonais

Ao analisarmos nossos dados, encontramos acentos tonais (T\*) associados a todas as palavras prosódicas (PW) das sentenças do *corpus* de fala controlada. Na Tabela 1, apresentamos a distribuição da associação de acentos tonais no domínio da Palavra Prosódica por informante.

**Tabela 1:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas (PW) em fala controlada.

Associação de T* à PW	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW com T* associado	933 (100%)	893 (100%)	683 (100%)	2509 (100%)
PW sem T* associado	-	-	-	-
<b>Total de PW</b>	<b>933 (100%)</b>	<b>893 (100%)</b>	<b>683 (100%)</b>	<b>2509 (100%)</b>

Conforme demonstrado na Tabela 1, todas as 933 PWs presentes nas sentenças realizadas por MAQJ apresentaram acentos tonais associados. Da mesma forma, as 893 PWs existentes nas sentenças produzidas por NDR, assim como as 683 PWs produzidas por JRB no *corpus* de fala controlada, apresentaram acentos tonais associados. Isso aponta para uma possível

<sup>59</sup> cf. FROTA; VIGÁRIO, 2000; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; FROTA, 2014; FROTA et al, 2015, entre outros, para variedades de PE; CUNHA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015, para variedades de PB; SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015, para PGB; BRAGA, 2017, para PST; SANTOS, em preparação, para o português do Libolo/Angola)

obrigatoriedade de associação de acentos tonais às palavras prosódicas do contorno entoacional neutro do PST. Além disso, essa seria uma evidência de que o domínio prosódico relevante para a associação de acentos tonais no PST seria Palavra Prosódica, de acordo com a análise dos dados do *corpus* de fala controlada.

Por haver a associação de acento tonal a todas as PWs das sentenças do *corpus* de fala controlada, há conseqüentemente a associação de acento tonal a toda PW cabeça de sintagma fonológico (PhP), o que também revela obrigatoriedade de atribuição de acento tonal à palavra prosódica cabeça de PhP, como mostra a Tabela 2.

**Tabela 2:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas cabeça de sintagma fonológico em fala controlada.

Associação de T* à PW PhP <sup>60</sup>	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW PhP com T* associado	712 (100%)	684 (100%)	527 (100%)	1923 (100%)
PW PhP sem T* associado	-	-	-	-
<b>Total de PW PhP</b>	<b>712 (100%)</b>	<b>684 (100%)</b>	<b>527 (100%)</b>	<b>1923 (100%)</b>

Do mesmo modo, há associação de acento tonal a toda PW cabeça do último PhP do sintagma entoacional (IP), isto é, a todo constituinte prosódico que carrega a proeminência de IP em sentenças declarativas neutras, como mostra a Tabela 3.

**Tabela 3:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas cabeça do último sintagma fonológico de IP em fala controlada.

Associação de T* à PW PhP IP <sup>61</sup>	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW PhP IP com T* associado	210 (100%)	200 (100%)	155 (100%)	565 (100%)
PW PhP IP sem T* associado	-	-	-	-
<b>Total de PW PhP IP</b>	<b>210 (100%)</b>	<b>200 (100%)</b>	<b>155 (100%)</b>	<b>565 (100%)</b>

O exemplo (1) ilustra a associação de eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças neutras do PST.

<sup>60</sup> Neste trabalho, 'PW|PhP' representa palavra prosódica cabeça de sintagma fonológico.

<sup>61</sup> Neste trabalho, 'PW|PhP|IP' representa palavra prosódica cabeça de sintagma entoacional.

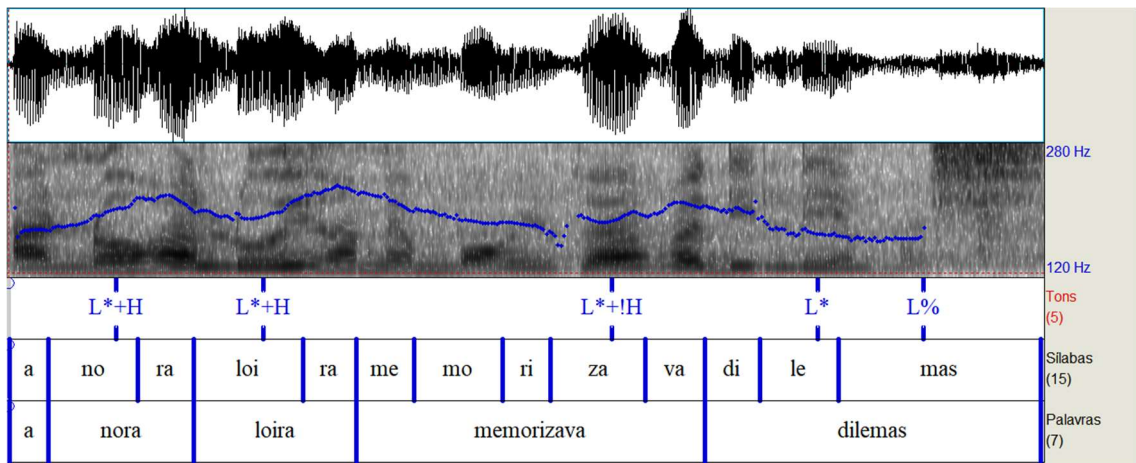
Em (1a), apresentamos a sentença “A nora loira memorizava dilemas”, produzida por NDR, cujo mapeamento em constituintes prosódicos é demonstrado em (1b) e cuja imagem acústica pode ser visualizada na Figura 6.

(1)

(1a) “A nora loira memorizava dilemas”

(1b)  $[[[a \text{ NO}ra)_{PW} \quad (LOIra)_{PW}]_{PhP} \quad [(memoriZAva)_{PW} \quad (diLEmas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}$

$\begin{array}{ccccccccc}
| & | & | & | & | & | & | & | & | \\
L^*+H & & L^*+H & & L^*+H & & L^* & & L\%
\end{array}$



**Figura 6:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A nora loira memorizava dilemas”, produzida por NDR em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Através da imagem acústica da sentença em (1a), dada através do *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2014) e apresentada na Figura 6, observamos o contorno entoacional dessa sentença, produzida em contexto neutro por NDR. Nele podemos verificar a presença de acentos tonais alinhados à sílaba tônica de cada palavra prosódica do contorno entoacional da referida sentença: um acento tonal L\*+H associado às palavras prosódicas (a nora)<sub>PW</sub>, (loira)<sub>PW</sub> e (memorizava)<sub>PW</sub>, e um acento tonal L\* associado à palavra prosódica (dilemas)<sub>PW</sub>.

Por haver associação de acento tonal a todas as PWs do contorno entoacional dessa sentença, verifica-se a associação de acento tonal a todas as PWs cabeça de PhP: acento tonal L\*+H associado à PW cabeça do sintagma fonológico [a nora loira]<sub>PhP</sub>, e acento tonal L\* associado à PW cabeça do sintagma fonológico [memorizava dilemas]<sub>PhP</sub><sup>62</sup>.

Por conseguinte, verifica-se a associação de acento tonal à PW cabeça do último PhP do sintagma entoacional, portanto, cabeça de IP: o acento tonal L\* associado à PW cabeça do

<sup>62</sup> Neste trabalho, a palavra prosódica cabeça de cada sintagma fonológico aparece sublinhada.

último PhP de IP, ou seja, à cabeça do sintagma entoacional [a nora loira memorizava dilemas]<sub>IP</sub><sup>63</sup>.

Apresentamos na Tabela 4 a distribuição, por informante, de acentos tonais associados às palavras prosódicas de acordo com sua relevância no contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST.

**Tabela 4:** Distribuição de acentos tonais associados às PWs de acordo com a posição ocupada dentro de IP, em fala controlada.

Posição de PW com T* associado dentro de IP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW não cabeça de PhP com T* associado	221	209	156	<b>586</b>
PW cabeça de PhP não final de IP com T* associado	502	484	372	<b>1358</b>
PW cabeça do último PhP de IP com T* associado	210	200	155	<b>565</b>
<b>Total de PW com T* associado</b>	<b>933</b>	<b>893</b>	<b>683</b>	<b>2509</b>

A Tabela 4 traz o panorama da associação de T\* ao contorno entoacional das sentenças neutras de PST de acordo com a posição que PW ocupa dentro de IP, unindo as informações contidas nas Tabelas 1, 2 e 3. Através dela demonstramos que há, ao menos na fala controlada, uma obrigatoriedade de associação de T\* a todas as PWs nas sentenças neutras no PST, sejam essas PWs cabeça do último PhP de IP, ou seja, cabeça de IP (565/565), cabeça de PhP não final de IP (1358/1358) ou PW não cabeça de PhP (586/586).

Tendo descrito a associação de acentos tonais ao contorno entoacional em relação aos domínios prosódicos, apresentaremos as configurações encontradas para esse tipo de evento tonal em dois grupos distintos: (i) acentos tonais pré-nucleares, isto é, aqueles associados às PWs não cabeça do último PhP de IP; e (ii) acentos tonais nucleares, ou seja, aqueles associados à PW cabeça de IP, visto que apresentam características específicas.

(i) *Acentos tonais pré-nucleares*

Apresentamos na Tabela 5 as configurações dos acentos tonais pré-nucleares encontrados em nossa análise dos dados de fala controlada.

<sup>63</sup> Neste exemplo, a palavra prosódica cabeça do sintagma entoacional aparece sublinhada.

**Tabela 5:** Frequência de configurações de acentos tonais pré-nucleares por informante, em fala controlada.

Configuração	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
L*+H	595 (82,3%)	468 (67,5%)	303 (57,4%)	<b>1366 (70,3%)</b>
L*+!H	107 (14,8%)	187 (27,0%)	174 (33,0%)	<b>468 (24,1%)</b>
L*+;H	6 (0,8%)	27 (3,9%)	27 (5,1%)	<b>60 (3,1%)</b>
L*	11 (1,5%)	7 (1,0%)	12 (2,3%)	<b>30 (1,5%)</b>
H*	3 (0,4%)	4 (0,6%)	4 (0,8%)	<b>11 (0,6%)</b>
;H*	-	-	1 (0,2%)	<b>1 (0,1%)</b>
H*+L	1 (0,1%)	-	4 (0,8%)	<b>5 (0,3%)</b>
L+!H*	-	-	3 (0,6%)	<b>3 (0,2%)</b>
<b>Total</b>	<b>723 (100%)</b>	<b>693 (100%)</b>	<b>528 (100%)</b>	<b>1944 (100%)</b>

De acordo com os dados apresentados na Tabela 5, 82,4% (595/723) dos acentos tonais encontrados associados ao contorno não final das sentenças neutras produzidas por MAQJ são formados por acentos bitonais L\*+H, configuração predominante para essa informante. Em alguns casos (107/723), o acento bitonal é realizado com *downstep* (L\*+!H: 14,8%); ou ainda, mas em menor frequência (6/723), com *upstep* (L\*+;H: 0,8%). Já o acento bitonal H\*+L é inexpressivo, ocorrendo uma única vez (0,1%) nos dados dessa falante<sup>64</sup>. Foram também encontrados os seguintes acentos monotonais nos dados da mesma falante: L\* (em 1,5% dos dados, 11/723) e H\* (em 0,4% dos dados, 3/723).

De maneira similar, o acento bitonal L\*+H associado a palavras prosódicas do contorno não final de IP foi encontrado majoritariamente nos dados de NDR, totalizando 67,5% (468/693) das ocorrências. Também para essa informante foram encontradas realizações do acento bitonal L\*+H com *downstep* (L\*+!H: 27,0% - 187/693) e com *upstep* (L\*+;H: 3,9% - 27/693) no contexto prosódico já referido (palavras prosódicas pré-nucleares). Os acentos monotonais associados ao contorno não final de IP também são encontrados nos dados dessa informante, mas em menor proporção: L\* (em 1,0% dos dados, 7/693) e H\* (em 0,6% dos dados, 4/693).

O mesmo pode ser observado nos dados de JRB: o acento bitonal L\*+H é encontrado associado a 57,4% (303/528) das palavras prosódicas não finais de IP. L\*+!H é encontrado associado a 33,0% (174/528) das PWs não finais de IP, enquanto a configuração L\*+;H aparece

<sup>64</sup> Existe a possibilidade de a informante ter realizado a sentença de maneira focalizada, mas isso não fica muito claro no arquivo de áudio. Entretanto, o acento bitonal H\*+L associado a palavras prosódicas do contorno não final de IP é o que marca foco em PB (FERNANDES, 2007a, 2007b) e PE (FROTA, 2000; CRUZ, 2013; FROTA et al, 2015), o que possibilita essa interpretação.



nos acentos tonais associados a PWs não finais de IP em 5,1% dos casos (27/528). Acentos monotonais também foram encontrados associados às PWs não finais de IP produzidas por essa informante, sendo L\* a configuração que aparece em 2,3% (12/528) dos casos e H\* em 0,8% (4/528). Além disso, também foi encontrada uma ocorrência em que o acento tonal alto apresentou a configuração ¡H\*, correspondendo a 0,2% (1/528) das configurações encontradas para os acentos tonais associados às PWs não finais de IP. Outras duas configurações foram encontradas nos dados de JRB: o acento tonal descendente H\*+L, que apareceu em 0,8% (4/528) dos dados, e o acento tonal ascendente L+!H\*, apareceu 0,6% (3/528).

De maneira geral, tais frequências demonstram haver uma preferência pela associação de acentos tonais ascendentes, em especial L\*+H, ao contorno entoacional não final das sentenças declarativas neutras do PST, visto que essa é a configuração encontrada em 70,3% (1366/1944) dos acentos tonais pré-nucleares.

Além disso, a diferenciação entre a configuração L\*+H e aquela com a marcação de *downstep*, L\*+!H, parece ser necessária, visto que essa configuração também apresentou um alto número de ocorrências nos dados analisados: 14,8% (107/723) nas sentenças produzidas por MAQJ, 27,0% (187/693) nas sentenças realizadas por NDR e 33,0% (174/528) nos dados de JRB. A ocorrência desse tipo de contorno não parece seguir um padrão, podendo aparecer associado à segunda, terceira ou mesmo penúltima PW de IP. De maneira global, 24,1% (468/1944) dos acentos tonais pré-nucleares apresentaram essa configuração.

Dessa forma, o contorno ascendente aparece em 94,4% (1834/1944) dos acentos tonais pré-nucleares das sentenças neutras de fala controlada do PST. Segundo Jun (2005, p. 447), línguas com alta atribuição de acentos tonais tendem a exibir o mesmo tipo de acento tonal pré-nuclear. Ainda segundo a autora, o ritmo é percebido quando uma sequência de sílabas ou palavras apresenta padrão tonal repetitivo (p. e. LLH-LLH-LLH; LHL-LHL-LHL) e a ritmicidade aumenta se o padrão tonal é o mesmo (JUN, 2005, p. 141)<sup>65</sup>.

Desse modo, a alta associação de acentos tonais às PWSs não cabeça de IP e a configuração ascendente encontrada nesses acentos tonais pré-nucleares, também é um fator que possibilita a distinção entoacional do PST em relação às variedades de PE, em especial ao SEP, que praticamente não apresenta acentos tonais pré-nucleares, além de caracterizar

---

<sup>65</sup> Tradução nossa. No original: “(...) rhythm is also perceived when a sequence of syllables or words shows a repeating tone pattern (e. g. LLH – LLH – LLH; LHL – LHL – LHL). (...) Rhythmicity will increase if the tonal pattern is the same” (JUN, 2005, p.141).

diferenças rítmicas entre essas variedades. Em trabalhos futuros, pretendemos estudar o ritmo do PST, visto que este também é responsável pela consolidação do PST como uma variedade própria, distinta do português europeu.

Os exemplos (2), (3) e (4) ilustram a variedade de configurações encontradas para os acentos tonais pré-nucleares associados às sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada.

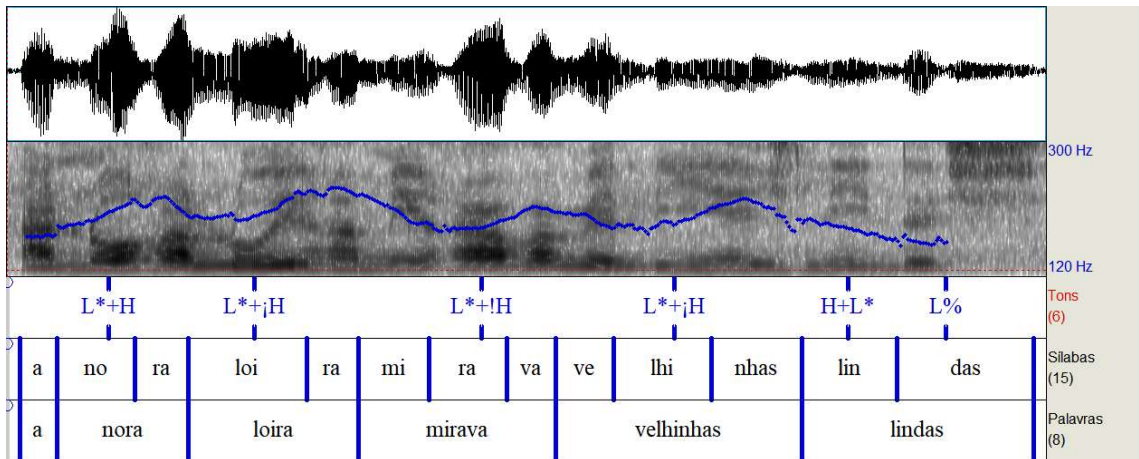
Em (2), apresentamos a sentença declarativa produzida em contexto neutro por NDR em (2a), cujo mapeamento em constituintes prosódicos é apresentado em (2b). A imagem acústica da sentença em (2a) pode ser vista na Figura 7.

(2)

(2a) “A nora loira mirava velhinhas lindas”

(2b)  $[(a \text{ NOra})_{PW} \quad (LOIra)_{PW}]_{PhP} \quad [(miRAva)_{PW}]_{PhP}$   
 $L^{*+H} \quad L^{*+i}H \quad L^{*+!}H$

$[(veLHInhas)_{PW} \quad (LINDas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}$   
 $L^{*+i}H \quad H+L^{*} \quad L\%$



**Figura 7:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A nora loira mirava velhinhas lindas”, produzida por NDR em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Ao analisarmos o exemplo (3), verificamos a associação de três configurações diferentes de acentos tonais pré-nucleares: acento tonal de configuração  $L^{*+H}$  associado à palavra prosódica  $(a \text{ nora})_{PW}$ , acento tonal de configuração  $L^{*+!}H$  associado à palavra prosódica

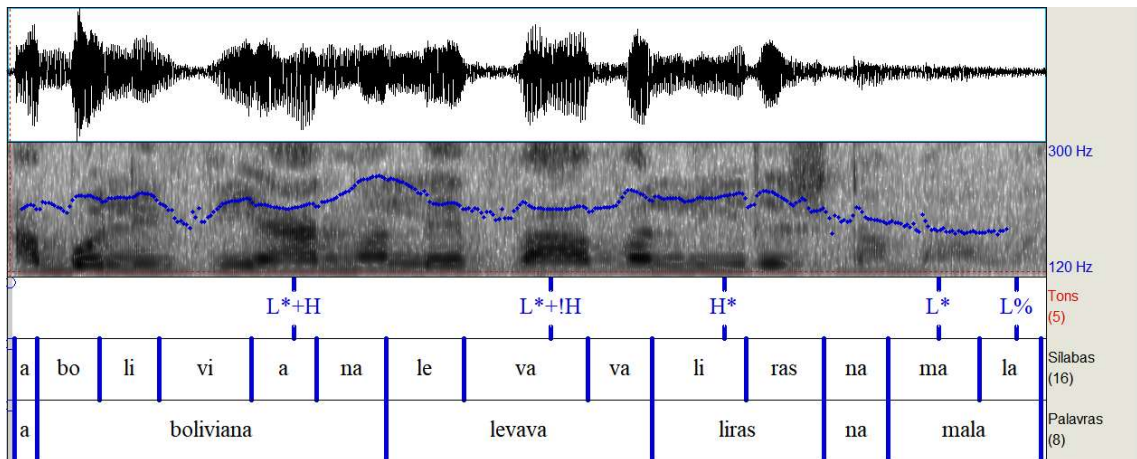
(mirava)<sub>PW</sub>, e acento tonal de configuração  $L^*+H$  associado às palavras prosódicas (loira)<sub>PW</sub> e (velhinhas)<sub>PW</sub>.

O exemplo apresentado em (3) traz, em (3a), a sentença “A boliviana levava liras na mala”, o mapeamento desta em constituintes prosódicos em (3b) e a imagem acústica da referida sentença produzida por JRB em contexto neutro na Figura 8.

(3)

(3a) “A boliviana levava liras na mala”

(3b) [[(a boliviAna)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(leVAva)<sub>PW</sub> (Llras)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> (na MAIa)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>  
 $L^*+H$                        $L^*+!H$                        $H^*$                        $L^*$                        $L\%$



**Figura 8:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A boliviana levava liras na mala”, produzida por JRB em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Em (3), é possível verificarmos a associação de quatro configurações diferentes de acentos tonais pré-nucleares: acento tonal de configuração  $L^*+H$  associado à palavra prosódica (a boliviana)<sub>PW</sub>, acento tonal de configuração  $L^*+!H$  associado à palavra prosódica (levava)<sub>PW</sub>, e acento tonal de configuração  $H^*$  associados à palavra prosódica (liras)<sub>PW</sub>.

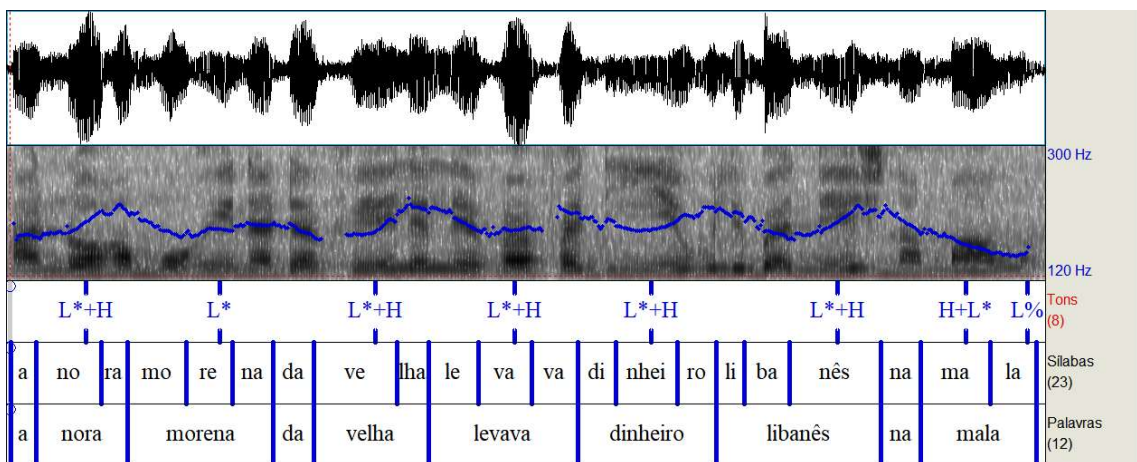
Já em (4), trazemos a sentença “A nora morena da velha levava dinheiro libanês na mala” em (4a), o mapeamento dessa mesma sentença em constituintes prosódicos em (4b), e podemos ver a imagem acústica da sua produção realizada por NDR em contexto neutro na Figura 9.

(4)

(4a) “A nora morena da velha levava dinheiro libanês na mala”

(4b) [[(a NOra)<sub>PW</sub> (moREna)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(da VEIha)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(leVAva)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>  
 $\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ L^*+H & L^* & L^*+H & L^*+H \end{array}$

[[diNHEIro)<sub>PW</sub> [(libaNÊS)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> (na MAIa)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>  
 $\begin{array}{ccccccc} | & | & | & | & | & | & | \\ L^*+H & L^*+H & L^*+H & L^*+H & H+L^* & L\% \end{array}$



**Figura 9:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A nora morena da velha levava dinheiro libanês na mala”, produzida por NDR em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Através da análise do exemplo (4), encontramos duas configurações para os acentos tonais pré-nucleares: a configuração  $L^*+H$  para os acentos tonais associados às palavras prosódicas (a nora)<sub>PW</sub>, (da velha)<sub>PW</sub>, (levava)<sub>PW</sub>, (dinheiro)<sub>PW</sub> e (libanês)<sub>PW</sub>, e a configuração  $L^*$  para o acento tonal associado à palavra prosódica (morena)<sub>PW</sub>.

(ii) *Acentos tonais nucleares*

As configurações encontradas para os acentos tonais nucleares são apresentadas na Tabela 6. Entende-se por acento nuclear o acento principal da sentença, cuja posição varia de acordo com a recursividade sintática da língua em questão. No português (FROTA, 2000; TENANI, 2002), assim nas línguas românicas em geral (línguas com recursividade à direita), a última palavra prosódica da sentença é considerada a cabeça e, portanto, carrega o acento nuclear.

**Tabela 6:** Distribuição das configurações dos acentos tonais associados às palavras prosódicas cabeça do último sintagma fonológico de IP (acento nuclear) por informante.

Configuração	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
L*	158 (75,2%)	141 (70,5%)	124 (80,0%)	423 (74,9%)
H+L*	51 (24,3%)	59 (29,5%)	30 (19,4%)	140 (24,8%)
L*+!H	1 (0,5%)	-	-	1 (0,2%)
!H*+L	-	-	1 (0,6%)	1 (0,2%)
<b>Total</b>	<b>210 (100%)</b>	<b>200 (100%)</b>	<b>155 (100%)</b>	<b>565 (100%)</b>

Observando a Tabela 6, podemos verificar que 75,2% (158/210) dos acentos nucleares das sentenças realizadas por MAQJ apresentam a configuração L\*. Esta também é a configuração predominante para o acento nuclear nos dados de NDR, aparecendo em 70,5% (141/200) das ocorrências. Também nas sentenças realizadas por JRB, o acento nuclear L\* aparece associado à PW cabeça de IP em 80% (124/155) dos casos. Há em fala controlada, portanto, uma preferência pelo acento tonal baixo (L\*) para a configuração do acento nuclear de IP nas sentenças neutras do PST, visto que este aparece em 74,9% (423/565) do *corpus* de fala controlada.

Uma outra forma de realização do acento nuclear das sentenças declarativas neutras de PST analisadas se dá através da associação do acento tonal descendente H+L\* às PWs cabeça do último PhP de IP. Esse tipo de contorno aparece em 24,3% (51/210) das sentenças realizadas por MAQJ, em 29,5% (59/200) dos dados de NDR e em 19,4% (30/155) das sentenças produzidas por JRB, totalizando 24,8% (140/565) dos acentos tonais nucleares das sentenças analisadas.

A configuração L\*+!H aparece associada ao acento nuclear de uma única sentença, nos dados de MAQJ, representando 0,5% (1/210) dos acentos nucleares dessa informante. Essa configuração para o contorno ascendente não foi encontrada nos dados das outras informantes, o que nos leva a assumir que este não seja um tipo de contorno nuclear que caracterize as sentenças neutras no PST (considerando os dados globais, essa configuração ocorre em 0,2% – 1/565 – dos acentos nucleares das sentenças do *corpus* de fala controlada). Como todas as sentenças do *corpus* de fala controlada foram realizadas três vezes por cada informante, é possível que o acento tonal ascendente tenha aparecido associado ao acento nuclear por desvio de performance da informante no momento da realização da sentença.

Quanto ao acento tonal !H\*+L, que também ocorre uma única vez no *corpus* de fala controlada, aparecendo associado à PW cabeça de IP de uma sentença realizada por JRB, observamos que, assim como H+L\*, esse é um acento tonal descendente, diferenciando-se do último em relação ao alinhamento à sílaba tônica. Dessa forma, a ocorrência da configuração !H\*+L seria resultado do início da descida da curva de F<sub>0</sub> ocorrer após a realização da sílaba tônica da palavra prosódica cabeça de IP, o que não se mostrou um padrão recorrente nos dados analisados de fala controlada (0,2% – 1/565 – dos acentos tonais, considerando os dados globais).

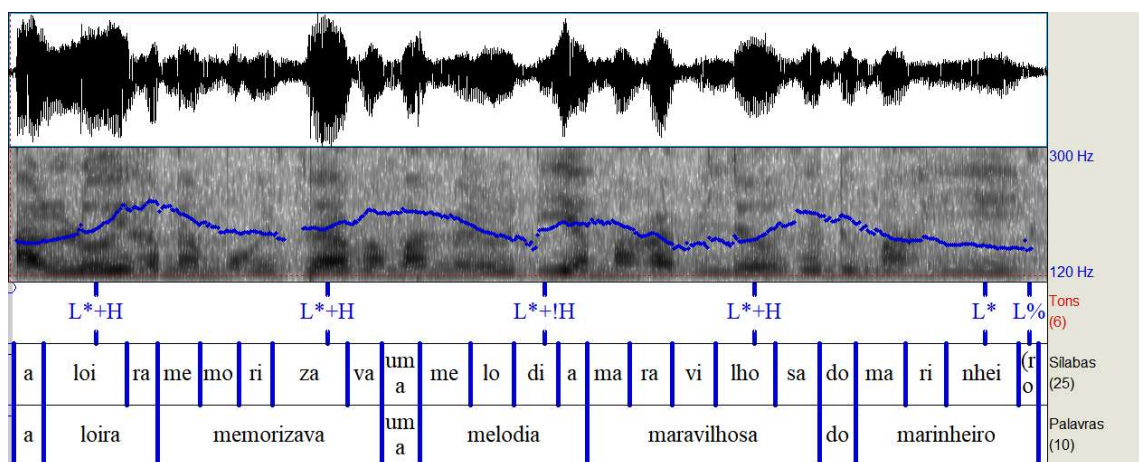
Para ilustrar os acentos nucleares de IP que ocorrem em maior frequência nos dados de fala controlada analisados, apresentamos os exemplos (5) e (6).

Em (5a) trazemos a sentença “A loira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro”, que aparece mapeada em constituintes prosódicos em (5b) e cuja imagem acústica é apresentada na Figura 10.

(5)

(5a) “A loira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro”

(5b) [[(a LOIra)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(memoriZAVa)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(uma meloDIA)<sub>PW</sub>  
 |  
 L\*+H | L\*+H | L\*+!H  
 [(maraviLHOsa)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> (do mariNHEIro)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> IP  
 | | |  
 L\*+H | L\* | L%



**Figura 10:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A loira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro”, produzida por NDR em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

No exemplo (5), podemos visualizar o acento tonal L\* associado à palavra prosódica cabeça de IP, acento nuclear preponderante para as sentenças neutras do PST, aparecendo em 74,9% (423/565) do *corpus* de fala controlada.

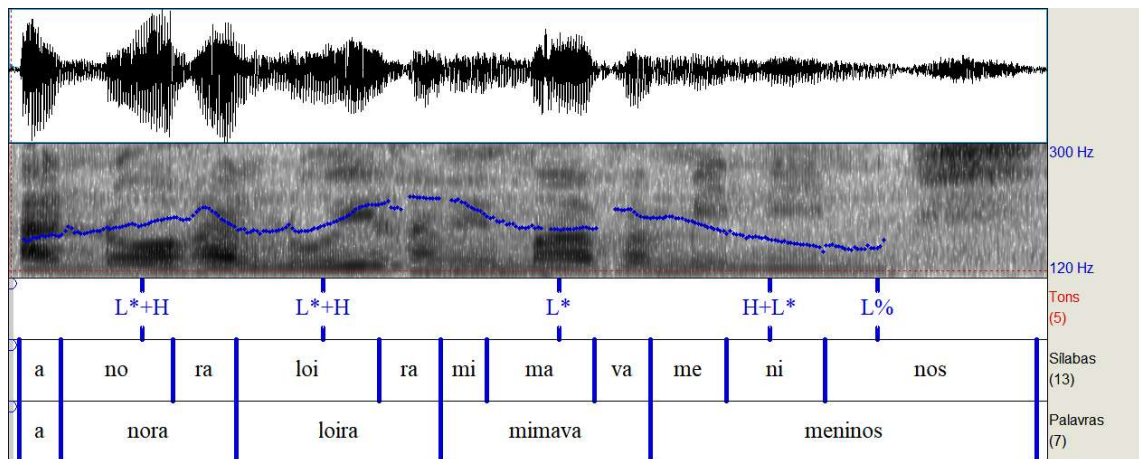
No exemplo (6), apresentamos a sentença “A nora loira mimava meninos” em (6a), seu mapeamento em constituintes prosódicos em (6b) e a imagem acústica da produção realizada por NDR em contexto de fala controlada na Figura 11.

(6)

(6a) “A nora loira mimava meninos”

(6b) [[(a NOra)<sub>PW</sub> [(LOIra)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(miMAva)<sub>PW</sub> (meNIinos)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>

L\*+H
L\*+H
L\*
H+L\*
L%



**Figura 11:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A nora loira mimava meninos”, produzida por NDR em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Em (6), o acento tonal H+L\* aparece associado à PW cabeça do último PhP de IP, configuração que aparece em 24,8% (140/565) dos acentos nucleares das sentenças neutras de PST do *corpus* de fala controlada.

Dessa forma, através da análise dos exemplos (5) e (6) pudemos verificar que há a associação de um acento tonal à palavra prosódica cabeça do último sintagma fonológico do IP em cada uma das sentenças mapeadas prosodicamente:

(i) o acento monotonal L\* associado à palavra prosódica cabeça do último PhP de IP na sentença em (5b), [do marinheiro]<sub>PhP</sub>; e

(ii) o acento bitonal H+L\* associado à palavra prosódica cabeça do último PhP de IP na sentença em (6b), [mimava meninos]<sub>PhP</sub>.

Ademais, os exemplos (5) e (6) também permitem verificar a presença de acentos tonais associados às palavras prosódicas cabeça de cada sintagma fonológico:

(i) um acento tonal L\*+H associado à palavra prosódica cabeça dos sintagmas fonológicos [a loira]<sub>PhP</sub>, [memorizava]<sub>PhP</sub> e [uma melodia maravilhosa]<sub>PhP</sub>; e um acento tonal L\* associado à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico [do marinheiro]<sub>PhP</sub>, na sentença em (5b); e

(ii) um acento tonal L\*+H associado à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico [a nora loira]<sub>PhP</sub>; e um acento tonal H+L\* associado à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico [mimava meninos]<sub>PhP</sub>, na sentença em (6b).

Também podemos verificar a associação de acentos tonais às palavras prosódicas não cabeça de sintagma fonológico das sentenças em (5b) e (6b)<sup>66</sup>:

(i) um acento tonal L\*+!H associado à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [*uma melodia* maravilhosa]<sub>PhP</sub>, na sentença em (5b); e

(ii) um acento tonal L\*+H associado à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [*a nora* loira]<sub>PhP</sub>, e um acento tonal L\* associado à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [*mimava* meninos]<sub>PhP</sub>, na sentença em (6b).

Portanto, confirmamos que há associação de acentos tonais às palavras prosódicas não cabeça de sintagma fonológico, às PWs cabeça de PhP e à PW cabeça do último sintagma fonológico do IP nas sentenças dos *corpora* de fala controlada, atestando, assim, que são associados acentos tonais a todas as palavras prosódicas das sentenças declarativas neutras de fala controlada do PST.

---

<sup>66</sup> As palavras prosódicas não cabeça dos sintagmas fonológicos estão em itálico.



### 5.1.2 Densidade Tonal

Tendo descrito e analisado os acentos tonais pré-nucleares e nucleares de fala controlada, podemos verificar a densidade tonal dessa variedade de português<sup>67</sup>.

A densidade tonal consiste na distribuição de acentos tonais em um sintagma entoacional. O cálculo de densidade tonal é realizado com base nos trabalhos de Vigário e Frota (2003), Frota e Vigário (2007), e Cruz (2013), para o PE, e Santos (2015), para o PGB. Dessa forma, para calcularmos a densidade tonal, excluimos os acentos tonais nucleares e o primeiro acento tonal associado ao contorno de IP, juntamente com as PWs aos quais esses eventos aparecem associados, utilizando para o cálculo, portanto, as PWs internas de IP e os acentos tonais associados a elas.

A densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PST, em fala controlada, é apresentada na Tabela 7, a seguir.

**Tabela 7:** Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PST, em fala controlada.

Informante	PWs internas de IP	T* associados a PWs internas de IP	DENSIDADE TONAL
MAQJ	513	513	100%
NDR	493	493	100%
JRB	373	373	100%
<b>Total</b>	<b>1379</b>	<b>1379</b>	<b>100%</b>

Conforme descrevemos na subseção 5.1.1, todas as PWs em nossos dados de fala controlada apresentam um acento tonal associado, acarretando o que podemos verificar na Tabela 7: o PST, ao menos para fala controlada, apresenta uma altíssima densidade tonal (densidade tonal de 100%). Como veremos na seção 5.3, essa é a variedade de português, dentre as já estudadas dentro da perspectiva teórica adotada, que apresenta maior densidade tonal.

<sup>67</sup> Para mais informações sobre a densidade tonal de outras variedades de português, conferir, entre outros: VIGÁRIO; FROTA (2003); FROTA; VIGÁRIO (2007), para SEP e NEP; CRUZ (2013) para ALE e ALG; TONELI (2014) para o PB; SANTOS (2015) para o PGB.

### 5.1.3 Tons relacionados à fronteira

Passamos agora para a descrição e análise dos tons relacionados à fronteira, a saber: Acentos Frasais ( $T^-$ ) e Tons de Fronteira ( $T\%$ ).

Considera-se que os acentos frasais estão associados a fronteiras de constituintes mais baixos que o Sintagma Entoacional (IP) dentro da hierarquia prosódica, seja essa fronteira esquerda ou direita, a depender da língua. Nos estudos já realizados sobre outras variedades de português (PE, PB e PGB)<sup>68</sup>, constatou-se que o domínio prosódico abaixo de IP no qual se encontra acento frasal associado à sua fronteira é sintagma fonológico (PhP). A análise do *corpus* de fala controlada de PST nos mostra que o acento frasal nessa variedade de português é encontrado associado à fronteira direita de sintagma fonológico, assim como nas variedades de português mencionadas.

Trataremos dos Acentos Frasais e dos Tons de Fronteira nas sentenças neutras do PST nas subseções a seguir.

#### 5.1.3.1 Acentos Frasais

Por ser um tipo de evento tonal que se associa a constituintes prosódicos menores que o sintagma entoacional, o acento frasal pode ser realizado pelo falante como uma pista do mapeamento das fronteiras desses constituintes. Sua associação ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras em outras variedades de português já estudadas (cf. seção 5.3 deste capítulo) não é muito recorrente, sendo  $T^-$  encontrado nas sentenças declarativas neutras do português de Guiné-Bissau (PGB), variedade africana de português, assim como o PST, e do português alentejano (ALE) associado aos sintagmas fonológicos não finais de IP numa posição bem específica (fronteira esquerda do último PhP de IP final).

Para a investigação dos acentos frasais associados ao contorno entoacional foram selecionados apenas os sintagmas fonológicos que não estão na fronteira direita de IP. A medida se torna necessária por ser essa a posição na qual o tom de fronteira ( $T\%$ ) associa-se ao contorno entoacional das sentenças neutras (de acordo com os estudos prosódicos já realizados para as variedades de PE, PB e o PGB – cf. seção 3.3), o que tornaria difícil a distinção entre esses dois

---

<sup>68</sup> Para maiores informações sobre os trabalhos já realizados sobre a prosódia de outras variedades de português, ver o Capítulo 3 desta dissertação.

tipos de eventos tonais relacionados à fronteira. São levados em consideração, portanto, os acentos frasais que ocorrem associados a fronteiras de sintagmas fonológicos que não estejam na fronteira direita de IP.

A frequência da associação de acentos frasais às fronteiras de PhP não finais de IP nas sentenças declarativas neutras do PST é apresentada na Tabela 8.

**Tabela 8:** Associação de T<sup>-</sup> à fronteira direita de sintagmas fonológicos (PhP) não finais de IP nas sentenças declarativas neutras do PST por informante.

Associação de T <sup>-</sup> à fronteira direita de PhP não final de IP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
]PhP <sup>69</sup> com T <sup>-</sup> associado	58 (11,6%)	69 (14,3%)	81 (21,8%)	<b>208 (15,3%)</b>
]PhP sem T <sup>-</sup> associado	444 (88,4%)	415 (85,7%)	291 (78,2%)	<b>1150 (84,7%)</b>
<b>Fronteira direita de PhP não final de IP</b>	<b>502 (100%)</b>	<b>484 (100%)</b>	<b>372 (100%)</b>	<b>1358 (100%)</b>

De acordo com os dados analisados, o acento frasal (T<sup>-</sup>) aparece associado à fronteira direita dos PhPs não finais de IP em 11,6% (58/502) das sentenças produzidas por MAQJ, em 14,3% (69/484) dos dados de fala controlada de NDR e em 21,8% (81/372) das sentenças realizadas por JRB. De maneira global, o acento frasal apareceu associado à 15,3% (208/1358) das fronteiras direitas de PhPs não finais de IP do *corpus* de fala controlada, sendo que em todos os casos em que foi encontrado ele é baixo: L<sup>-</sup>.

Diante dos resultados apresentados na Tabela 8, acreditamos que estejamos diante de algo marcado<sup>70</sup> na gramática entoacional dessa variedade de português e que, portanto, a investigação dos fatores que condicionam a associação desse evento tonal à fronteira direta de PhPs não finais nas sentenças declarativas neutras é algo que mereça nossa atenção.

Inicialmente, baseando-nos nos estudos de Sândalo e Truckenbrodt (2002), para o PB, e de Ghini (1993), para o italiano, que propõem que questões de eurrítmia estejam envolvidas no fraseamento das sentenças em sintagmas fonológicos, verificamos se a ramificação sintático-

<sup>69</sup> ']PhP' representa a fronteira direita do sintagma fonológico.

<sup>70</sup> De acordo com a teoria gerativa, o elemento menos natural e mais específico receberia a etiqueta “marcado” (do inglês *marked*), em oposição aos elementos mais simples e comuns encontrados na gramática de uma língua, que receberia a etiqueta “não marcado” (do inglês *markedness*).

prosódica seria relevante para a associação ou não de um acento frasal à fronteira direita de PhP em nossos dados.

Sândalo e Truckenbrodt (2002) investigam a retração de acento como evidência para a reestruturação do sintagma fonológico em PB. Para isso, os autores utilizam os princípios de reestruturação de sintagmas fonológicos propostos por Ghini (1993). Segundo Ghini (1993, p. 56), o modo como os sintagmas fonológicos seriam analisados para sua reestruturação, dentro de uma sentença, se daria de acordo com três princípios:

- (i) uniformidade e comprimento médio: um galho da árvore sintática é idealmente analisado em PhPs de mesmo comprimento; o peso médio dos PhPs dependeria da velocidade de elocução, sendo que, numa taxa média de elocução (denominada pelo autor como *moderato*), um PhP seria formado por 2 PWs. Ainda segundo esse princípio, o número de PWs dentro de um PhP aumentaria ou diminuiria uma PW dentro de PhP numa fala mais rápida ou mais lenta, respectivamente.
- (ii) Os galhos da árvore sintática são reestruturados simetricamente.
- (iii) Se os galhos da árvore sintática gerarem inicialmente um número ímpar de PhPs, impossibilitando que a reestruturação ocorra de maneira simétrica, de acordo com (ii), os PhPs no lado recursivo serão mais pesados que aqueles que estiverem no lado não recursivo.<sup>71</sup>

Dessa forma, podemos interpretar que os PhPs formados por duas palavras prosódicas seriam considerados como de tamanho ótimo pela língua, ou seja, seriam não marcados, enquanto PhPs formados por um número diferente de PWs seriam considerados como marcados. Levando em consideração essa interpretação, investigamos se a associação de acento

---

<sup>71</sup> Tradução nossa. No original:

“**Φ-restructuring (revised)** [...]: in a sequence of primitive phonological phrases (i.e. resulting from  $\Phi F(1)$ ) where each  $\phi$  is a complement of the preceding  $\phi$ , phonological phrases are redistributed according to the principles of a) **uniformity** and **average weight**, b) **symmetry**, and c) **increasing units**.

A string is ideally parsed into same length  $\phi$ s; the average weight of the  $\phi$ s depends on tempo: at an average rate of speech (*moderato*), a  $\phi$  contains two phonological words; the number of Ws within a  $\phi$  increases by one by speeding up or slowing down the rate of speech.

Strings are symmetrically parsed.

If strings with an odd number of primitive  $\phi$ s are not symmetrically parsed according to (b),  $\phi$ s on the recursive side are heavier than  $\phi$ s on the nonrecursive side” (GHINI, 1993, p. 56).

frasal à fronteira direita de PhP estaria condicionada à ramificação sintático-prosódica desse PhP.

Observando a constituição de nosso *corpus* de fala controlada (cf. anexo A), verificamos que os PhPs ramificados presentes em nossos dados serão aqueles formados após reestruturação<sup>72</sup> de PhP e que serão constituídos por duas palavras prosódicas, seguindo os princípios de uniformidade e comprimento médio propostos por Ghini (1993) e sendo considerados de tamanho ótimo. Desse modo, nossa hipótese inicial é que os sintagmas fonológicos não ramificados, formados por uma única palavra prosódica em nosso *corpus* de fala controlada (cf. anexo A), apresentem a associação de T<sup>-</sup> à sua fronteira direita, visto que esse evento tonal estaria relacionado a PhPs marcados, ao menos para essa variedade de português.

Os resultados de nossa investigação quanto à associação de acento frasal à fronteira direita de sintagma fonológico de acordo com sua ramificação sintático-prosódica são apresentados na Tabela 9.

**Tabela 9:** Associação de T<sup>-</sup> à fronteira direita de sintagmas fonológicos (PhP) não finais de IP de acordo com sua ramificação sintático-prosódica, por informante.

Associação de T <sup>-</sup> à fronteira direita de PhP não final de IP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP não ramificado	28 (48,3%)	32 (46,4%)	52 (64,2%)	<b>112 (53,8%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP ramificado	30 (51,7%)	37 (53,6%)	29 (35,8%)	<b>96 (46,2%)</b>
<b>Fronteira direita de PhP com T<sup>-</sup> associado</b>	<b>58 (100%)</b>	<b>69 (100%)</b>	<b>81 (100%)</b>	<b>208 (100%)</b>

Como podemos verificar na Tabela 9, do total de PhPs que apresentam T<sup>-</sup> associado à sua fronteira direita nos dados de fala controlada de MAQJ, 48,3% (28/58) são PhPs não ramificados, ou seja, são formados por uma única palavra prosódica. De maneira similar, nas sentenças realizadas por NDR, 46,4% (32/69) das atribuições de T<sup>-</sup> à fronteira direita de PhP ocorrem em PhP não ramificados sintático-prosodicamente. Já do total de T<sup>-</sup> associados às fronteiras de PhP nas sentenças produzidas por JRB, em 64,2% (52/81) dos casos esse evento tonal estava associado à fronteira direita de PhPs não ramificados, sendo essa a única

<sup>72</sup> O algoritmo de formação e reestruturação de PhP foram tratados na seção 3.2 do Capítulo 3.

informante cujos dados poderiam corroborar nossa hipótese inicial.

Se levarmos em consideração os resultados globais, verificamos que, em 53,8% (112/208) dos casos em que há associação de um acento frasal à fronteira direita de PhP, este não é ramificado sintático-prosodicamente, enquanto que, em 46,2% (96/208) das ocorrências,  $T^-$  está associado a PhPs ramificados sintático-prosodicamente, o que mostra que a ramificação sintático-prosódica não parece ser um critério relevante para a associação desse tipo de evento tonal relacionado à fronteira direita dos sintagmas fonológicos não finais nas sentenças declarativas neutras do PST.

Baseando-nos nos trabalhos de Fernandes (2007a; 2007b) para o PB, buscamos averiguar se a posição sintática ocupada pelo sintagma fonológico seria um critério relevante para a associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhP. A autora verificou que a associação de acento frasal à fronteira direita do PhP que contém o sujeito focalizado é um dos principais correlatos entoacionais que diferencia as sentenças neutras das sentenças em que o sujeito é focalizado, sendo predominante, nos dados de PB analisados pela autora, a presença de acento frasal associado à marcação de foco do sujeito, tanto em sentenças com sujeito focalizado prosodicamente quanto em sentenças clivadas e clivadas invertidas (com ou sem cópula).

Levantamos, então, a hipótese de que a associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhP pudesse estar sendo realizada como uma marcação entoacional do sintagma fonológico que forma o sujeito.

A Tabela 10 traz a frequência de associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhP de acordo com a posição sintática ocupada por esse sintagma fonológico.

**Tabela 10:** Associação de  $T^-$  à fronteira direita de sintagmas fonológicos (PhP) não finais de IP de acordo com sua posição sintática (sujeito ou predicado da sentença), por informante.

Associação de $T^-$ à fronteira direita de PhP não final de IP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
$T^-$ associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP no sujeito	18 (31,0%)	34 (49,3%)	56 (69,1%)	<b>108 (51,9%)</b>
$T^-$ associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP no predicado	40 (69,0%)	35 (50,7%)	25 (30,9%)	<b>100 (48,1%)</b>
<b>Fronteira direita de PhP com <math>T^-</math> associado</b>	<b>58 (100%)</b>	<b>69 (100%)</b>	<b>81 (100%)</b>	<b>208 (100%)</b>

Considerando os resultados globais apresentados na Tabela 10, podemos verificar que a

posição sintática ocupada por PhP (sujeito ou predicado da sentença) não parece ser um fator que favoreça a associação de T<sup>-</sup> à sua fronteira direita: T<sup>-</sup> aparece associado à fronteira direita de PhPs que ocupam a posição de sujeito da sentença em 51,9% (108/208) dos casos, contra 48,1% (100/208) das vezes em que aparece associado à fronteira direita dos PhPs que constituem o predicado.

Se olharmos os resultados por informante, novamente notaremos que apenas os dados de JRB poderiam corroborar nossa hipótese de que a associação de T<sup>-</sup> estaria relacionada ao fraseamento do sujeito, visto que encontramos esse evento tonal associado à fronteira direita de PhPs que constituem o sujeito em 69,1% (56/81) das associações de T<sup>-</sup> nas sentenças produzidas por essa informante.

Portanto, parece não haver uma motivação sintática para a associação de acentos frasais à fronteira direita de PhPs não finais de IP nas sentenças declarativas neutras de PST, visto que a associação de T<sup>-</sup> não parece estar sendo utilizada pelos falantes de PST como uma estratégia para a marcação de fronteiras de sintagmas fonológicos em que o sujeito esteja inserido, já que o comportamento encontrado é diferente a depender do falante.

Entretanto, comprimento de PhP (em número de sílabas) parece ter alguma relação com a associação de T<sup>-</sup> à fronteira direita de sintagmas fonológicos não finais de IP nas sentenças neutras do PST.

Voltemos nossa atenção para a constituição do *corpus* de fala controlada. A construção das sentenças que compõem o *corpus* do RLD (ELORDIETA et. al., 2003; D'IMPERIO et al., 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005), adaptadas para a constituição do *corpus* de fala controlada desta pesquisa, leva em conta o número de sílabas das palavras prosódicas que formam os sintagmas fonológicos, sendo as palavras prosódicas discriminadas em *curtas* (formadas por até 3 sílabas) e *longas* (formadas por 4 sílabas ou mais). Entretanto, seguindo os pressupostos da Fonologia Prosódica expostos anteriormente (cf. seção 3.2 do Capítulo 3), não há uma correspondência entre número de sílabas e ramificação, de modo que um PhP ramificado, formado por 2 PWs, pode ter o mesmo número de sílabas de um PhP não ramificado. Dessa forma, nas sentenças de nosso *corpus* de fala controlada, encontramos, por exemplo, um sujeito ramificado, formado por duas PWs curtas, como “(o jovem)<sub>PW</sub> (moreno)<sub>PW</sub>”, cujo mapeamento em constituintes prosódicos corresponderá a um PhP ramificado formado por 6 sílabas “[o jovem moreno]<sub>PhP</sub>”.

Desse modo, os PhPs presentes em nosso *corpus* podem ter de 2 a 11 sílabas, sendo constituídos como mostra o Quadro 4 a seguir:

**Quadro 4:** Constituição de PhP de acordo com o número de sílabas.

Composição de PhP	Exemplos
2 sílabas	[da.mãe] <sub>PhP</sub>
3 sílabas	[a.loi.ra] <sub>PhP</sub> ; [fa.la.va] <sub>PhP</sub>
5 sílabas	[me.mo.ri.za.va] <sub>PhP</sub> ; [do.na.mo.ra.do] <sub>PhP</sub>
6 sílabas	[mi.ma.va.me.ni.nos] <sub>PhP</sub> ; [a.bo.li.vi.a.na] <sub>PhP</sub>
7 sílabas	[ma.nu.se.a.va.li.ras] <sub>PhP</sub>
8 sílabas	[ma.ra.vi.lha.va.mo.re.nas] <sub>PhP</sub>
10 sílabas	[o.na.mo.ra.do.me.ga.lô.ma.no] <sub>PhP</sub> ; [o.bo.li.vi.a.no.mu.lhe.ren.go] <sub>PhP</sub>
11 sílabas	[u.ma.me.lo.di.a.ma.ra.vi.lho.sa] <sub>PhP</sub>

Os exemplos (7), (8) e (9), a seguir, ilustram a associação de acento frasal à fronteira direita de PhP encontrada em nossos dados de fala controlada. Neles podemos ver a associação de T<sup>-</sup> à fronteira direita de PhPs que constituem tanto o sujeito quanto o predicado de sentenças, PhPs que sejam ou não ramificados prosodicamente e que sejam formados por três, seis e até dez sílabas.

Em (7a) apresentamos a sentença “A loira gravava uma melodia maravilhosa”, que aparece mapeada em constituintes prosódicos em (7b) e cuja imagem acústica da produção de MAQJ em contexto neutro pode ser visto na Figura 12.

(7)

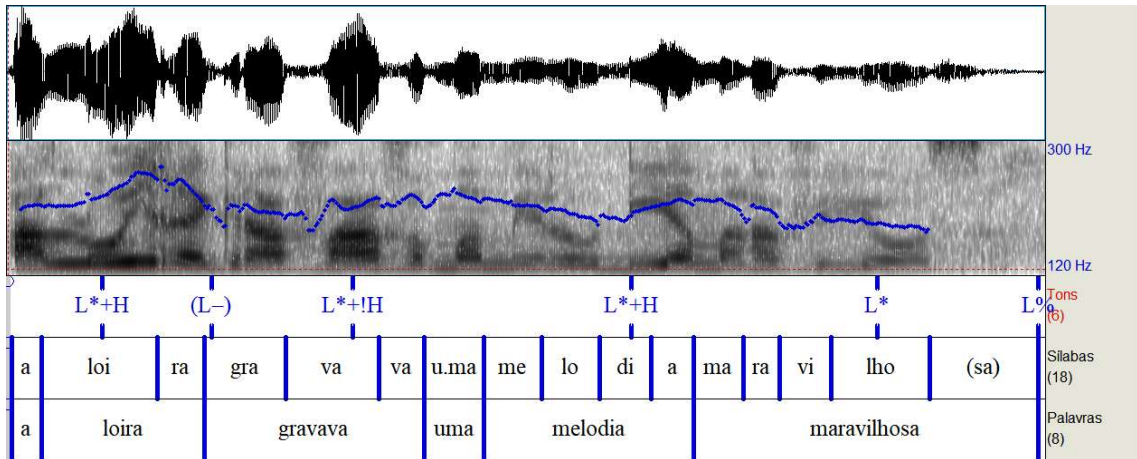
(7a) “A loira gravava uma melodia maravilhosa”

(7b)  $[[a LOIra]_{PW}]_{PhP}$        $[(graVAva)_{PW}]_{PhP}$        $[(uma meloDIa)_{PW}]_{PhP}$

$\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$        $\begin{array}{c} | \\ (L^-) \end{array}$        $\begin{array}{c} | \\ L^*+!H \end{array}$        $\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$

$\begin{array}{c} | \\ (maraviLHOsa)_{PW}]_{PhP}]_{IP} \\ | \qquad | \\ L^* \qquad (L\%) \end{array}$





**Figura 12:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A loira gravava uma melodia maravilhosa”, produzida por MAQJ em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

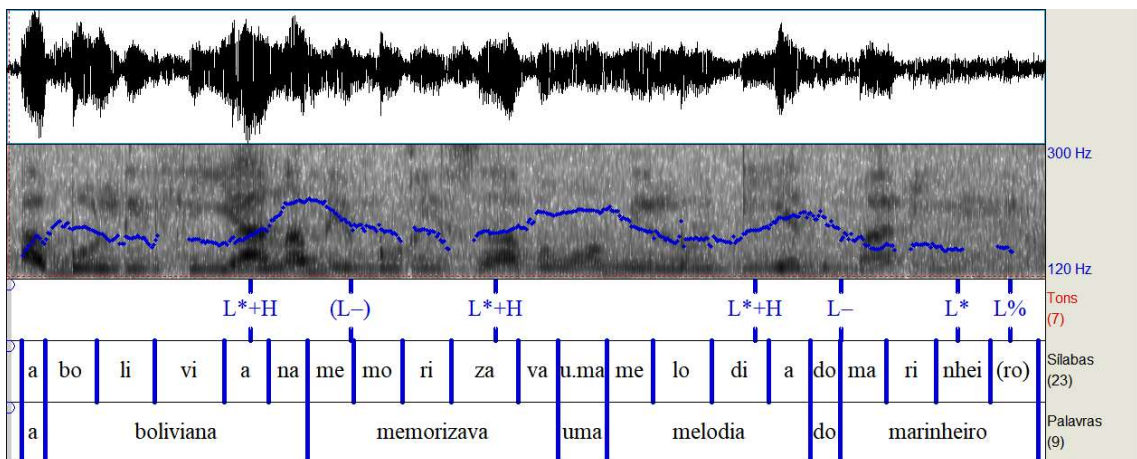
Vemos, no exemplo (7), que  $T^-$  associa-se à fronteira direita do PhP [a loira]<sub>PhP</sub>, um PhP não ramificado, que constitui o sujeito da sentença e que é formado por três sílabas.

No exemplo (8), vemos a sentença “A boliviana memorizava uma melodia do marinheiro”, apresentada em (8a), mapeada em constituintes prosódicos em (8b), e cuja imagem acústica da produção realizada por MAQJ em contexto neutro pode ser vista na Figura 13.

(8)

(8a) “A boliviana memorizava uma melodia do marinheiro”

(8b) [[(a boliviAna)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> (memoriZava)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(uma meloDia)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>  
 $L^*+H$   $(L^-)$   $L^*+H$   $L^*+H$   $L^-$   
 (do mariNHEIro)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>  
 $L^*$   $L\%$



**Figura 13:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “A boliviana memorizava uma melodia do marinheiro”, produzida por MAQJ em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Já no exemplo (8), verificamos a associação de  $T^-$  à fronteira direita de dois PhPs distintos: encontramos um acento frasal associado à fronteira direita do PhP [a boliviana]<sub>PhP</sub>, que não é ramificado sintático-prosodicamente, é formado por seis sílabas e constitui o sujeito da sentença; e um acento frasal associado à fronteira direita do PhP [uma melodia]<sub>PhP</sub>, que faz parte o predicado da sentença, também é não ramificado e é formado por seis sílabas.

No exemplo (9), trazemos a sentença “O namorado megalômmano da brasileira gravava uma melodia” em (9a), o mapeamento em constituintes prosódicos dessa mesma sentença em (9b) e, na Figura 14, podemos visualizar a imagem acústica da mesma sentença realizada por JRB em contexto neutro.

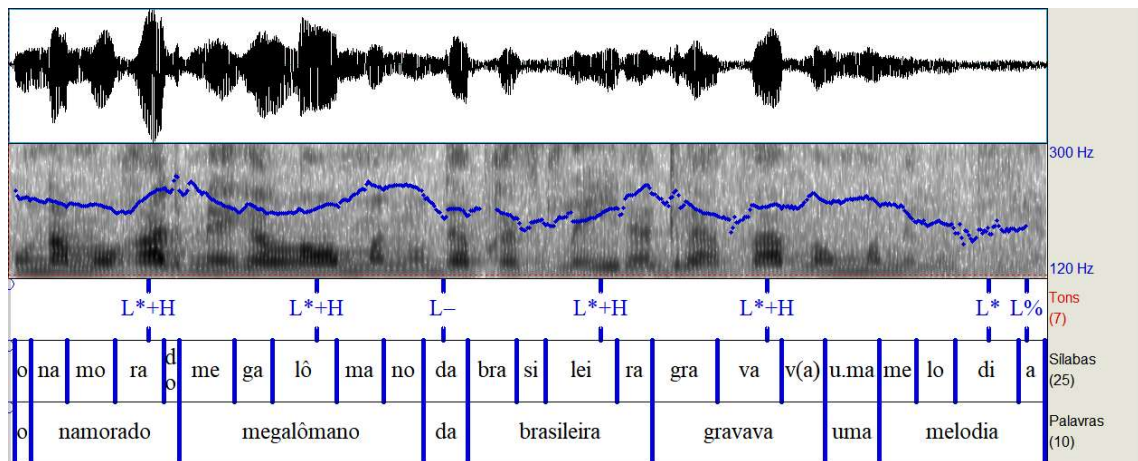
(9)

(9a) “O namorado megalômmano da brasileira gravava uma melodia”

(9b) [[(o namoRAdo)<sub>PW</sub> (megaLÔmano)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(da brasiLEIra)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(graVAva)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> (uma meloDIA)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>

$L^*+H$                        $L^*+H$                        $(L^-)$                        $L^*+H$

$L^*+H$                        $L^*$                        $L\%$



**Figura 14:** Associação de eventos tonais ao contorno entoacional da sentença “O namorado megalômmano da brasileira gravava uma melodia”, produzida por JRB em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Através do exemplo (9), verificamos que, em nossos dados de fala controlada, podemos encontrar a associação de acento frasal à fronteira direita de um PhP ramificado, que constitua

o sujeito da sentença e que seja formado por dez sílabas: [o namorado megalômano]<sub>PhP</sub>.

Analisando os PhPs que apresentam T<sup>-</sup> associado à sua fronteira direita e levando em consideração o número de sílabas que os constitui, encontramos os resultados apresentados na Tabela 11.

**Tabela 11:** Associação de T<sup>-</sup> à fronteira direita de sintagmas fonológicos (PhP) não finais de IP com número de sílabas ( $\sigma$ ).

Número de sílabas por PhP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 2 $\sigma$ s	3 (5,2%)	2 (2,9%)	3 (3,7%)	<b>8 (3,8%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 3 $\sigma$ s	8 (13,8%)	10 (14,5%)	21 (25,9%)	<b>39 (18,8%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 5 $\sigma$ s	17 (29,3%)	17 (24,6%)	23 (28,4%)	<b>57 (27,4%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 6 $\sigma$ s	16 (27,6%)	20 (29,0%)	20 (24,7%)	<b>56 (26,9%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 7 $\sigma$ s	6 (10,3%)	8 (11,6%)	4 (4,9%)	<b>18 (8,7%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 8 $\sigma$ s <sup>73</sup>	-	-	-	-
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 10 $\sigma$ s	0 (-)	10 (14,5%)	6 (7,4%)	<b>16 (7,7%)</b>
T <sup>-</sup> associado à ] <sub>PhP</sub> de PhP de 11 $\sigma$ s	8 (13,8%)	2 (2,9%)	4 (4,9%)	<b>14 (6,7%)</b>
<b>Total</b>	<b>58 (100%)</b>	<b>69 (100%)</b>	<b>81 (100%)</b>	<b>208 (100%)</b>

Através dos resultados apresentados na Tabela 11, podemos verificar que os acentos frasais aparecem em maior frequência associados à fronteira direita de PhPs formados por 5 ou 6 sílabas, que são os mais bem formados em termos de peso fonológico. Analisando por informante, podemos ver que nas sentenças realizadas por MAQJ, os acentos frasais associados a fronteiras de PhPs formados por 5 ou 6 sílabas totalizam 56,9% (33/58) das ocorrências (29,3% de acentos frasais associados a PhPs constituídos por 5 sílabas + 27,6% de acentos frasais associados a PhPs constituídos por 6 sílabas). Nas sentenças realizadas por NDR, os acentos frasais associados a sintagmas fonológicos constituídos por 5 ou 6 sílabas somam 53,6% (37/69) (24,6% de acentos frasais associados a PhPs de 5 sílabas + 29,0% de acentos frasais associados a PhPs de 6 sílabas). Nos dados de JRB, encontramos 53,1% (43/81) dos acentos frasais associados à fronteira direita de PhPs constituídos por 5 ou 6 sílabas (28,4% de acentos frasais associados a PhPs constituídos por 5 sílabas + 24,7% de acentos frasais associados a PhPs constituídos por 6 sílabas).

<sup>73</sup> Os PhPs formados por 8 sílabas só aparecem como sintagmas fonológicos finais de IP, de modo que não foram considerados para a análise da associação de acentos frasais, visto que, nesse caso, as fronteiras de PhP e IP coincidem e não é possível determinar se o evento tonal corresponde a um acento frasal (T<sup>-</sup>) ou a um tom de fronteira (T%).

Levando em conta a quantidade de sílabas que constituem os PhPs não finais aos quais encontramos acentos frasais associados à fronteira direita nas sentenças declarativas neutras de PST, conforme mostramos na Tabela 11, propomos um agrupamento dos sintagmas fonológicos de acordo com seu comprimento em número de sílabas, utilizando três níveis: ‘curto’, ‘médio’ e ‘longo’, conforme apresentamos no Quadro 5:

**Quadro 5:** Composição de PhP de acordo com o número de sílabas

Constituinte	Composição	Exemplos
i. Curto	até 3 sílabas	[a.mu.lher]
ii. Médio	5 a 6 sílabas	[do.na.mo.ra.do]
iii. Longo	7 ou mais sílabas	[u.ma.me.lo.di.a.ma.ra.vi.lho.sa]

Seguindo a categorização proposta no Quadro 5, apresentamos na Tabela 12 os resultados encontrados para a associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhP levando em consideração seu comprimento.

**Tabela 12:** Ocorrências de  $T^-$  associados à fronteira direita de sintagmas fonológicos (PhP) não finais de IP de acordo com o comprimento de PhP.

]PhP com $T^-$ associado	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PhP curto (até 3 sílabas)	11 (19,0%)	12 (17,4%)	24 (29,6%)	<b>47 (22,6%)</b>
PhP médio (5 e 6 sílabas)	33 (56,9%)	37 (53,6%)	43 (53,1%)	<b>113 (54,3%)</b>
PhP longo (7 ou mais sílabas)	14 (24,1%)	20 (29,0%)	14 (17,3%)	<b>48 (23,1%)</b>
<b>Total</b>	<b>58 (100%)</b>	<b>69 (100%)</b>	<b>81 (100%)</b>	<b>208 (100%)</b>

De acordo com os resultados na Tabela 12, a associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhPs não finais nas sentenças declarativas neutras do PST ocorre com maior frequência em PhPs de comprimento médio, formados por 5 ou 6 sílabas: 56,9% (33/58) nos dados de MAQJ, 53,6% (37/69) nos de NDR e em 53,1% (43/81) das sentenças de fala controlada de JRB. Se levarmos em consideração os dados globais, encontraremos o acento frasal associado à fronteira direita de PhPs de comprimento médio em 54,3% (113/208) das suas ocorrências em nosso *corpus* de fala controlada.

Parece existir, portanto, um tamanho “ótimo” de PhP não final de IP para a associação de acento frasal à sua fronteira direita, que leva em conta a boa formação de PhPs em relação ao seu peso fonológico. Entretanto, um estudo mais amplo sobre o acento frasal nas sentenças neutras do PST se faz necessário para que possamos assumir com propriedade que sua associação à fronteira direita dos sintagmas fonológicos não finais de IP seja uma das estratégias que o falante dessa variedade de português utiliza para indicar a fronteira de um constituinte prosódico maior que palavra prosódica e menor que sintagma entoacional.

### 5.1.3.2 Tons de Fronteira

De acordo com a análise dos dados de fala controlada, não foram encontrados IPs mediais, de modo que todas as sentenças do *corpus* de fala controlada foram mapeadas em um único sintagma entoacional. Quanto aos IPs finais, foram encontrados tons de fronteira (T%) associados apenas a sua fronteira direita. Em todos os casos em que foi encontrado, é o tom baixo, L%, que aparece associado à fronteira direita de IP final nas sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada do PST.

Nas sentenças em que as sílabas pós-tônicas da palavra prosódica cabeça de IP final não foram realizadas foneticamente, não havendo a formação da curva de  $F_0$ , assumimos que o tom de fronteira existe fonologicamente.

A frequência de associação desse tipo de evento tonal à fronteira direita de IPs finais das sentenças de fala controlada, por informante, é apresentada na Tabela 13.

**Tabela 13:** Frequência de associação de Tom de Fronteira (T%) à fronteira direita de IP final em fala controlada por informante.

Informante	Fronteira direita de IP <sub>final</sub>	]IP <sub>final</sub> <sup>74</sup> sem T% realizado	L%
MAQJ	210 (100%)	–	210 (100%)
NDR	200 (100%)	–	200 (100%)
JRB	155 (100%)	–	155 (100%)
<b>TOTAL</b>	<b>565 (100%)</b>	<b>0 (%)</b>	<b>565 (100%)</b>

<sup>74</sup> A notação ‘]IP’ é usada para representar fronteira direita de IP.

Conforme apresentado na Tabela 13, encontramos um tom de fronteira associado à fronteira direita de IP final em 100% das sentenças de fala controlada produzidas por MAQJ, NDR e JRB.

O exemplo (10), composto pela sentença “A loira falava do namorado” em (10a), seu mapeamento em constituintes prosódicos em (10b) e pela imagem acústica da referida sentença realizada por JRB em contexto neutro dada pela Figura 15, ilustra um caso em que o tom de fronteira está associado ao contorno entoacional na sílaba não realizada foneticamente, sendo anotado entre parênteses (T%). (10)

(10a) “A loira falava do namorado”

(10b)  $[[(\text{a LOIra})_{PW}]_{PhP}] \quad (\text{faLAva})_{PW}]_{PhP} \quad [(\text{do namoRAdo})_{PW}]_{PhP}]_{IP}$   
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$   
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad \quad \quad L^*+!H \quad \quad \quad L^* \quad \quad \quad L\%$

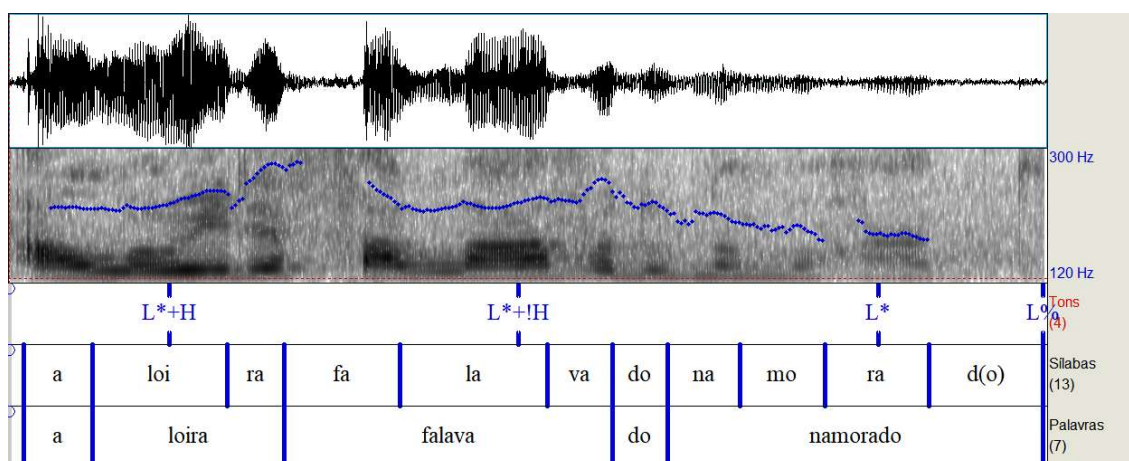


Figura 15: Não realização fonética de T% associado à fronteira direita de IP final da sentença “A loira falava do namorado”, produzida por JRB em contexto de obtenção de fala neutra controlada.

Como podemos verificar na figura 15, no exemplo (10), a última sílaba da palavra prosódica cabeça de IP  $[\text{do } \underline{\text{namorado}}]_{PhP}]_{IP}$ <sup>75</sup> não é realizada foneticamente, não havendo uma realização fonética do contorno entoacional associado a ela. No entanto, essa não realização se deu apenas no momento da enunciação, e não por uma característica entoacional dessa variedade de português que estivesse em sua forma subjacente, visto que, em sentenças em que as sílabas postônicas da PW cabeça de IP foram realizadas foneticamente, foi possível verificar

<sup>75</sup> Neste trabalho, a vogal não realizada foneticamente aparece tachada.

no contorno entoacional a associação de T% à fronteira direita desse último constituinte prosódico.

Tendo descrito e analisado o comportamento dos acentos tonais nucleares na subseção 5.1.1 e do tom de fronteira na subseção 5.1.2.2, partimos para o estudo do contorno nuclear encontrado para as sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada do PST.

#### 5.1.4 Contorno Nuclear

Levando em consideração as descrições e análises dos acentos tonais associados às palavras prosódicas cabeça do último sintagma fonológico de IP (cf. subseção 5.1.1), assim como a descrição e análise dos tons de fronteira associados à fronteira direita de IP final (cf. subseção 5.1.2.2), é possível definir as configurações dos contornos nucleares de IP final. Apresentamos, na Tabela 14, a distribuição das configurações encontradas para os contornos nucleares de IP, por informante, das sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala controlada do PST.

**Tabela 14:** Distribuição das configurações dos contornos nucleares das sentenças neutras em PST por informante.

Configuração	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
L* L%	158 (75,2%)	141 (70,5%)	124 (80,0%)	423 (74,9%)
H+L* L%	51 (24,3%)	59 (29,5%)	30 (19,4%)	140 (24,8%)
L*+!H L%	1 (0,5%)	–	–	1 (0,2%)
!H*+L L%	–	–	1 (0,6%)	1 (0,2%)
<b>Total</b>	<b>210 (100%)</b>	<b>200 (100%)</b>	<b>155 (100%)</b>	<b>565 (100%)</b>

Conforme pode-se observar na Tabela 14, o contorno nuclear baixo com o tom de fronteira baixo foneticamente realizado, L\* L%, é majoritário para todas as informantes, aparecendo em 75,2% (158/210) das sentenças produzidas por MAQJ, em 70,5% (141/200) dos dados de NDR e em 80,0% (124/155) das sentenças de fala controlada realizadas por JRB. Se observarmos os resultados globais, veremos que o contorno nuclear baixo é predominante para as sentenças declarativas neutras do PST, ao menos em fala controlada, ocorrendo em 74,9% (423/565) dos dados analisados.

No exemplo (11), podemos visualizar o contorno nuclear baixo  $L^* L\%$ , preponderante para as sentenças neutras do PST. Nele vemos a sentença “O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro” em (11a), o mapeamento em constituintes prosódicos da mesma sentença em (11b) e a imagem acústica de sua realização por NDR na Figura 16.

(11)

(11a) “O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro”

(11b) [(o namoRAdo)<sub>PW</sub> (megaLÔmano)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(da brasiLEIra)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>  
 $\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$   $\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$   $\begin{array}{c} | \\ (L^-) \end{array}$   $\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$

[(graVAva)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(uma meloDIA)<sub>PW</sub> (maraviLHOsa)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>  
 $\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$   $\begin{array}{c} | \\ L^*+!H \end{array}$   $\begin{array}{c} | \\ L^*+H \end{array}$

(do mariNHEIro)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>  
 $\begin{array}{c} | \\ L^* \end{array}$   $\begin{array}{c} | \\ L\% \end{array}$

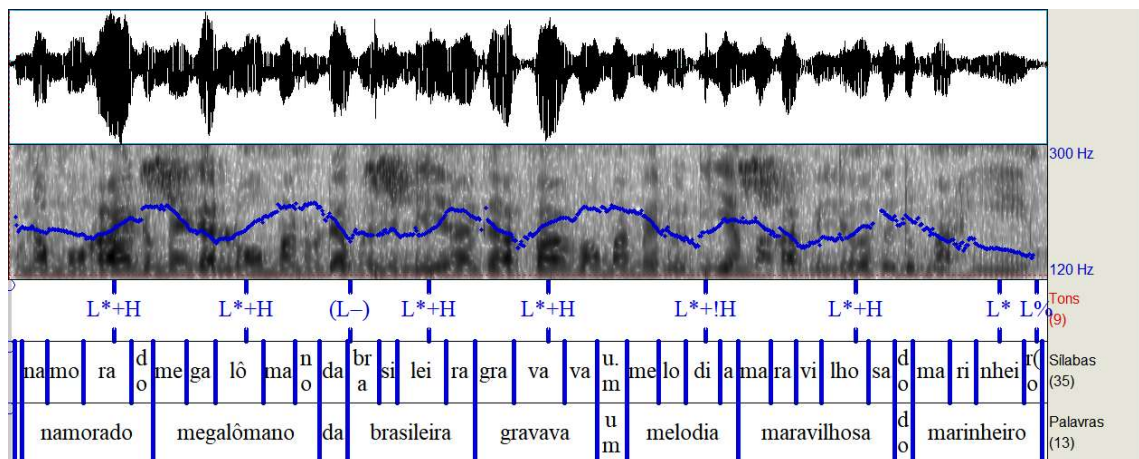


Figura 16: Contorno entoacional da sentença “O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro”, produzida por NDR.

Já o contorno nuclear descendente, embora menos expressivo nos dados de fala controlada, também se mostrou como uma configuração possível para as sentenças declarativas neutras do PST: a configuração  $H+L^* L\%$  apareceu em 24,3% (51/210) das sentenças



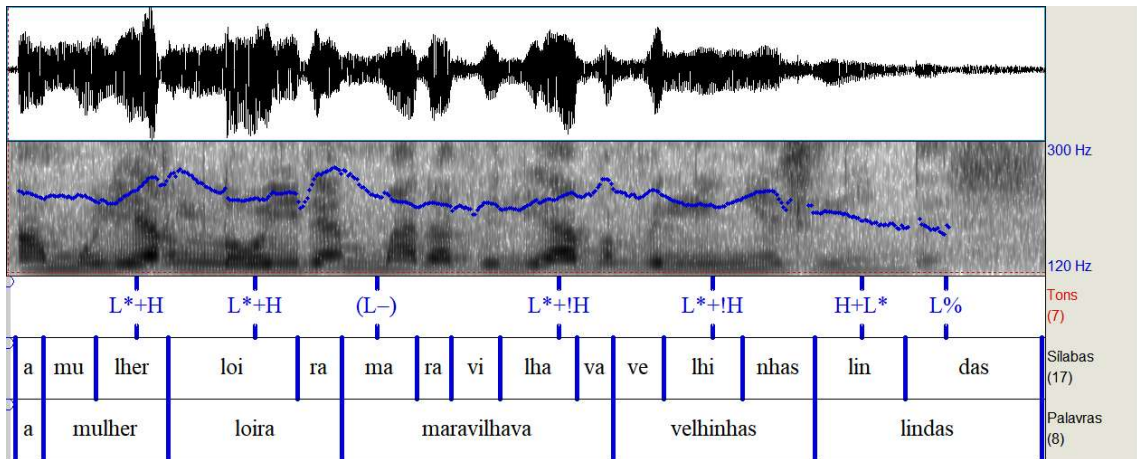
realizadas por MAQJ, em 29,5% (59/200) daquelas realizadas por NDR e em 19,4% (30/155) dos dados de fala controlada produzidos por JRB. Se levarmos em conta os dados globais de fala controlada, veremos que o contorno nuclear descendente aparece em 24,8% (140/565) dos dados analisados, mostrando que, embora não seja muito recorrente em fala controlada, este também é um contorno nuclear que caracteriza as sentenças declarativas neutras do PST.

O exemplo (12) traz o contorno nuclear descendente H+L\* L%. Apresentamos em (12a) a sentença “A mulher loira maravilhava velhinhas lindas”, seu mapeamento em constituintes prosódicos é demonstrado em (12b) e, na Figura 17, visualizamos a imagem acústica da sua produção realizada por JRB.

(12)

(12a) “A mulher loira maravilhava velhinhas lindas”

(12b)  $[[[(a\ mu\ LHER)_{PW} \quad (LO\ Ira)_{PW}]_{PhP} \quad [(maravi\ LHA\ va)_{PW}]_{PhP}$   
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad \quad \quad \quad |$   
 $\quad \quad \quad L^*+H \quad L^*+H \quad (L^-) \quad \quad \quad L^*+!H$   
 $[(ve\ LH\ Inhas)_{PW} \quad (LINDas)_{PW}]_{PhP}]_{IP}$   
 $\quad \quad \quad | \quad \quad \quad | \quad \quad \quad |$   
 $\quad \quad \quad L^*+!H \quad H+L^* \quad L\%$



**Figura 17:** Contorno entoacional da sentença “A mulher loira maravilhava velhinhas lindas”, produzida por JRB.

A descrição da análise dos exemplos em (11) e (12) sintetiza nossas considerações sobre o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST para fala controlada.

Encontramos acentos tonais associados a todas as palavras prosódicas cabeça de sintagma fonológico<sup>76</sup> não final de IP:

- (i) Associação de acento tonal L\*+H à palavra prosódica cabeça dos sintagmas fonológicos não finais de IP [o namorado megalômano]<sub>PhP</sub>, [da brasileira]<sub>PhP</sub>, [gravava]<sub>PhP</sub> e [uma melodia maravilhosa]<sub>PhP</sub>, na sentença em (11b); e
- (ii) Associação de acento tonal L\*+H à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico não final de IP [a mulher loira]<sub>PhP</sub>; e associação de acento tonal L\*+!H à palavra prosódica cabeça dos sintagmas fonológicos não finais de IP [maravilhava]<sub>PhP</sub>, na sentença em (12b).

Encontramos também acentos tonais associados a todas as palavras prosódicas não cabeça de sintagma fonológico<sup>77</sup>:

- (i) Associação de acento tonal L\*+H à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [o *namorado* megalômano]<sub>PhP</sub>; e associação de acento tonal L\*+!H à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [*uma melodia* maravilhosa]<sub>PhP</sub>, na sentença em (11b); e
- (ii) Associação de acento tonal L\*+H à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [*a mulher* loira]<sub>PhP</sub>; e associação de acento tonal L\*+!H à palavra prosódica não cabeça do sintagma fonológico [*velhinhas* lindas]<sub>PhP</sub>, na sentença em (12b);

Além disso, encontramos acentos tonais associados à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico final de IP, ou seja, cabeça de IP:

- (i) Associação de acento tonal L\* à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico final de IP [do marinheiro]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>, na sentença em (11b); e
- (ii) Associação de acento tonal H+L\* à palavra prosódica cabeça do sintagma fonológico final de IP [velhinhas lindas]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>, na sentença em (12b).

---

<sup>76</sup> As palavras prosódicas cabeça dos sintagmas fonológicos estão sublinhadas.

<sup>77</sup> As palavras prosódicas não cabeça dos sintagmas fonológicos estão em itálico.

Ademais, foram encontrados tons de fronteira (T%) associados à fronteira direita de IP, formando, juntamente com o acento tonal associado à PW cabeça de IP<sup>78</sup>, o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras:

(i) Associação de tom de fronteira L% à fronteira direita do IP [o namorado megalômano da brasileira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro]<sub>IP</sub>, formando, junto com o acento tonal L\* associado à palavra prosódica cabeça desse mesmo IP, o contorno nuclear L\* L%, na sentença em (11b); e

(ii) Associação de tom de fronteira L% à fronteira direita do IP [a mulher loira maravilhava velhinhas lindas]<sub>IP</sub>, formando, junto com o acento tonal H+L\* associado à palavra prosódica cabeça desse mesmo IP, o contorno nuclear H+L\* L%, na sentença em (12b).

Por fim, encontramos a possibilidade de associação de acentos frasais à fronteira direita de sintagma fonológico não final de IP:

(i) Associação de acento frasal L<sup>-</sup> à fronteira direita do sintagma fonológico [o namorado megalômano]<sub>PHP</sub>, na sentença em (11b); e

(ii) Associação de acento frasal L<sup>-</sup> à fronteira direita do sintagma fonológico [a mulher loira]<sub>PHP</sub>, na sentença em (12b).

Na seção 5.2, analisaremos dados de fala espontânea, verificando se também nesse tipo de contexto encontramos as características entoacionais apontadas para as sentenças declarativas neutras do PST de fala controlada.

## 5.2. FALA ESPONTÂNEA

Nesta seção, apresentamos os resultados e análises do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras encontradas em nosso *corpus* de fala espontânea. Nosso objetivo é verificar se os eventos tonais encontrados nos dados de fala controlada ocorrem da mesma forma e na mesma proporção em fala espontânea.

Conforme exposto no Capítulo 4 (cf. seções 4.2 e 4.4), os dados de fala espontânea foram obtidos em entrevistas com as mesmas informantes que realizaram a tarefa de leitura do *corpus*

---

<sup>78</sup> As palavras prosódicas cabeça dos sintagmas entoacionais estão sublinhadas.

de fala controlada. Ao todo, foram analisados cerca de 35 minutos de entrevista, somando por volta de 5200 palavras<sup>79</sup>. Para nossa análise, selecionamos apenas sentenças declarativas neutras, ou seja, sentenças que não fossem interrogativas, que não apresentassem estruturas focalizadas ou topicalizadas, não fossem interjeições ou sentenças imperativas. Dessa forma, nossos dados de fala espontânea analisados constituem 40 sentenças declarativas neutras, sendo 15 realizadas por MAQJ, 13 por NDR, e 12 produzidas por JRB. Por conta da pequena quantidade de dados, realizamos aqui uma análise inicial das características entoacionais encontradas na fala espontânea dessa variedade de português, levando em conta principalmente os resultados globais, visto o pequeno número de dados por informante. Em trabalhos futuros pretendemos realizar análises com um número maior de dados, que nos possibilitarão compreender melhor as características prosódicas desse sistema.

Nos nossos dados de fala espontânea encontramos enunciados fonológicos mapeados em até dois IPs. Para identificarmos a fronteira entre IPs nos baseamos em características prosódicas, como a presença de pausas dentro de um enunciado fonológico e de tons de fronteira. Denominamos de ‘*IP medial*’ o primeiro sintagma entoacional das sentenças mapeadas em dois sintagmas entoacionais, e de ‘*IP final*’ o sintagma entoacional mais à direita de um enunciado fonológico. No decorrer dessa seção, trataremos dos eventos tonais encontrados nesses dois tipos de sintagma entoacional.

Dessa forma, nas subseções seguintes, tecemos considerações sobre os acentos tonais (subseção 5.2.1), os tons relacionados à fronteira (5.2.2) e o contorno nuclear de IPs mediais e finais (5.2.3) encontrados nos dados de fala espontânea, sempre contrapondo com os resultados encontrados para a fala controlada.

### **5.2.1 Acentos tonais nas sentenças de fala espontânea**

Ao analisarmos as sentenças declarativas neutras encontradas em nosso *corpus* de fala espontânea, verificamos que nem todas as palavras prosódicas apresentam um acento tonal associado a elas. Na Tabela 15, apresentamos a frequência de associação de acento tonal às

---

<sup>79</sup> MAQJ: 13 min 44s de entrevista, com aproximadamente 1727 palavras; NDR: 9 min 53s de entrevista, com aproximadamente 1597 palavras; e JRB: 12 min 17s de entrevista, com aproximadamente 1893 palavras.

palavras prosódicas (cabeça e não cabeça de IP) das sentenças declarativas neutras encontradas em fala espontânea, por informante.

**Tabela 15:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas (PW) em fala espontânea.

Associação de T* à PW	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW com T* associado	60 (75,0%)	42 (80,8%)	56 (74,7%)	158 (76,3%)
PW sem T* associado	20 (25,0%)	10 (19,2%)	19 (25,3%)	49 (23,7%)
<b>Total de PW</b>	<b>80 (100%)</b>	<b>52 (100%)</b>	<b>75 (100%)</b>	<b>207 (100%)</b>

Como mostrado na Tabela 15, a associação de T\* ocorre em 75,0% (60/80) das PWs presentes nas sentenças declarativas neutras na fala espontânea de MAQJ, em 80,8% (42/52) das PWs encontradas nos dados de fala espontânea de NDR, e em 74,7% (56/75) das PWs nas sentenças analisadas produzidas por JRB. Trataremos das PW em que não são encontrados acentos tonais associados mais adiante.

Comparando com os dados de fala controlada, verificamos que há uma menor associação de acentos tonais a palavras prosódicas em sentenças declarativas neutras produzidas em fala espontânea: 100% das PWs em fala controlada apresentavam T\* associado, enquanto em fala espontânea a associação de T\* (observando os dados globais) ocorreu em 76,3% (158/207) das PWs. As razões que podem ter acarretado a diminuição da associação de T\* podem estar relacionadas à condição discursiva, visto que os dados de fala controlada foram coletados através da tarefa de leitura, ou mesmo à velocidade de fala, embora as sentenças do *corpus* de fala controlada tenham sido realizadas de maneira considerada natural.

Outro motivo que pode ter acarretado a não associação de T\* às palavras prosódicas está relacionado ao comprimento dessas PWs. Nos dados de fala espontânea analisados, encontramos PWs de apenas uma sílaba (verbos de ligação, como o verbo 'é'), acarretando a não atribuição de tons por uma questão de isometria, ou seja, de distribuição regular da localização de acentos tonais (a associação de um acento tonal pré-nuclear se daria a uma certa periodicidade em número de sílabas). A distribuição da associação de acentos tonais às palavras prosódicas cabeça de PhP não final de IP é apresentada na Tabela 16.

**Tabela 16:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas cabeça de sintagma fonológico não final de IP em fala espontânea.

Associação de T* a PW]PhP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW]PhP com T* associado	28 (80,0%)	18 (81,8%)	27 (75,0%)	73 (78,5%)
PW]PhP sem T* associado	7 (20,0%)	4 (18,2%)	9 (25,0%)	20 (21,5%)
<b>Total de PW]PhP</b>	<b>35 (100%)</b>	<b>22 (100%)</b>	<b>36 (100%)</b>	<b>93 (100%)</b>

Os resultados expostos na Tabela 16 mostram que em fala espontânea não foi encontrada uma obrigatoriedade de associação de acento tonal a todas as palavras prosódicas cabeça de PhP não final de IP. Encontramos acentos tonais associados em 80,0% (28/35) das palavras prosódicas cabeça de PhP das sentenças declarativas neutras produzidas por MAQJ em situação de fala espontânea, em 81,8% (18/22) das PWs cabeça de sintagma fonológico nos dados de fala espontânea de NDR e, nas sentenças produzidas por JRB para o *corpus* de fala espontânea, em 75,0% (27/36) das palavras prosódicas cabeça de PhP não final de IP encontramos um acento tonal associado. Ao observarmos os resultados globais, verificamos que 78,5% (73/93) das palavras prosódicas cabeça de PhP apresentam um acento tonal associado. Embora não tenhamos confirmado 100% de associação de acento tonal a PW que ocupe essa posição, como observado também para os dados de fala controlada (cf. subseção 5.1.1), encontramos um alto índice de associação de T\* à palavra prosódica cabeça de PhP não final de IP.

A não associação de acento tonal às PWs cabeça de PhP não final de IP pode estar relacionada, como apontamos anteriormente, a uma questão de isometria e à condição discursiva (fala espontânea). Não podemos deixar de destacar também a velocidade de enunciação, que é maior em uma situação de fala espontânea, sendo que uma fala com uma maior taxa de elocução apresenta uma menor associação de eventos tonais, se comparada a uma fala lenta.

Quanto às palavras prosódicas que não ocupam a posição de cabeça de PhP, verificamos que a frequência de associação de acento tonal é menor do que a associação de T\* às PWs cabeça de PhP. Os resultados da associação de T\* a palavras prosódicas não cabeça de PhP não final de IP são apresentados na Tabela 17.

**Tabela 17:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas não cabeça de sintagma fonológico não final de IP, por informante, em fala espontânea.

Associação de T* à PW não cabeça de PhP	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW não cabeça de PhP com T* associado	12 (48,0%)	7 (53,8%)	14 (58,3%)	33 (53,2%)
PW não cabeça de PhP sem T* associado	13 (52,0%)	6 (46,2%)	10 (41,7%)	29 (46,8%)
<b>Total de PW não cabeça de PhP</b>	<b>25 (100%)</b>	<b>13 (100%)</b>	<b>24 (100%)</b>	<b>62 (100%)</b>

Como podemos ver na Tabela 17, a taxa de PWs sem T\* associado é maior entre as palavras prosódicas que não ocupam a posição de cabeça de PhP, em comparação às que ocupam essa posição. Se levarmos em consideração os dados globais, verificamos que 46,8% (29/62) das palavras prosódicas não cabeça de PhP não final de IP não apresentam um acento tonal associado a elas, contra 53,2% (33/62) das palavras prosódicas que, ocupando uma posição não cabeça de PhP, aparecem com um T\* associado a elas nas sentenças declarativas neutras do *corpus* de fala espontânea de PST.

Comparando com os dados da Tabela 16, verificamos que a associação de acento tonal a palavras prosódicas que ocupam a posição de cabeça de sintagma fonológico é muito maior em relação às PWs que não ocupam tal posição: a associação de acento tonal a palavras fonológicas não cabeça de PhP se dá em 53,2% (33/62) dos casos (como mostra a Tabela 17), enquanto para palavras fonológicas cabeça de PhP a associação de acento tonal é de 78,5% (73/93) (cf. Tabela 16), o que aponta uma maior necessidade de associação de acento tonal a PWs que ocupem essa posição de proeminência dentro do sintagma fonológico.

O exemplo (13) ilustra a associação de acentos tonais às palavras prosódicas nas sentenças declarativas neutras do PST em fala espontânea. A sentença apresentada em (13a) foi realizada por MAQJ com apagamentos que ocorrem com muita frequência em fala espontânea em PB, como o apagamento dos róticos em posição de coda no verbo no infinitivo ('interagir'), o advérbio de negação 'não' sendo realizado como "num", assim como o apagamento da vogal





de PhP não final de IP [quando]<sub>PhP</sub>, [uma língua]<sub>PhP</sub>, e [meio difícil]<sub>PhP</sub>; e acento tonal L+H\* associado à palavra prosódica cabeça do PhP não final [se entende]<sub>PhP</sub>;

- (iii) presença de um acento tonal L\* associado à PW cabeça do último PhP de IP, ou seja, PW cabeça de IP, [interagir]<sub>PhP</sub>, e um tom de fronteira L% associado à fronteira direita do sintagma entoacional, sendo L\* L% a configuração do contorno nuclear dessa sentença;
- (iv) ausência de acento tonal associado às palavras prosódicas cabeça de PhP não final de IP [não]<sub>PhP</sub> e [fica]<sub>PhP</sub>.

Chama-nos a atenção o intervalo entre os acentos tonais associados às PWs dessa sentença. Levando em consideração as sílabas realizadas (*output*), podemos observar uma certa isometria com relação a associação de acentos tonais<sup>81</sup>, pois eles aparecem associados às PWs num intervalo periódico de 4 sílabas (uma sílaba com acento tonal associado seguida de três sílabas sem associação de acento tonal). Tal periodicidade só se desfaz nas duas últimas PWs da sentença, sendo a última a PW em que está associado o acento nuclear de IP.

Essa não é a única sentença em que a periodicidade de três sílabas para associação de acentos tonais aparece em nossos dados de fala espontânea. Entretanto, ainda se faz necessário uma análise que conte com um maior número de dados de fala espontânea para verificar o funcionamento dessa isometria no que tange à associação de acentos tonais em PST..

Na Tabela 18, trazemos um panorama geral das ocorrências de associação de T\* às palavras prosódicas das sentenças declarativas neutras encontradas em fala espontânea de acordo com a posição ocupada no mapeamento em constituintes prosódicos. Vale ressaltar que todas as PWs cabeça de IP medial e PWs cabeça de IP final apresentam um acento tonal associado, como mostraremos mais adiante ainda nesta subseção.

---

<sup>81</sup> Agradeço à Profa. Carolina Serra e à Profa. Luciani Tenani pela observação sobre a relação entre atribuição tonal e isometria silábica.

**Tabela 18:** Frequência da associação de acentos tonais a palavras prosódicas de acordo com sua posição ocupada no mapeamento em constituintes prosódicos em fala espontânea, por informante e no total.

Associação de T* por posição de PW		MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
PW não cabeça de PhP	com T*	12 (15,0%)	7 (13,5%)	14 (18,7%)	33 (15,9%)
	sem T*	13 (16,3%)	6 (11,5%)	10 (13,3%)	29 (14,0%)
PW]PhP não final de IP	com T*	28 (35,0%)	18 (34,6%)	27 (36,0%)	73 (35,3%)
	sem T*	7 (8,8%)	4 (7,7%)	9 (12,0%)	20 (9,7%)
PW cabeça do último PhP de IP medial	com T*	5 (6,3%)	4 (7,7%)	3 (4,0%)	12 (5,8%)
	sem T*	–	–	–	–
PW cabeça do último PhP de IP final	com T*	15 (18,8%)	13 (25,0%)	12 (16,0%)	40 (19,3%)
	sem T*	–	–	–	–
<b>Total de PW</b>		<b>80 (100%)</b>	<b>52 (100%)</b>	<b>75 (100%)</b>	<b>207 (100%)</b>

Partimos então para a descrição e análise das configurações encontradas para os acentos tonais associados às PWs não cabeça do último PhP de IP medial e de IP final, os *acentos tonais pré-nucleares*, e para os *acentos nucleares*, aqueles associados à palavra prosódica cabeça do último sintagma fonológico de IP medial e de IP final.

(i) *Acentos tonais pré-nucleares*

Apresentamos na Tabela 19 as configurações encontradas para os acentos tonais pré-nucleares nos nossos dados de fala espontânea analisados.

**Tabela 19:** Frequência de configurações de acentos tonais pré-nucleares por informante e no total, em fala espontânea.

Configuração	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL	
Ascendente	L*+H	23 (57,5%)	14 (56,0%)	22 (53,7%)	<b>59 (55,7%)</b>
	L*+!H	1 (2,5%)	-	-	<b>1 (0,9%)</b>
	L*+;H	1 (2,5%)	3 (12,0%)	-	<b>4 (3,8%)</b>
	L+H*	2 (5,0%)	1 (4,0%)	-	<b>3 (2,8%)</b>
Alto	H*	6 (15,0%)	4 (16,0%)	4 (9,8%)	<b>14 (13,2%)</b>
Baixo	L*	4 (10,0%)	1 (4,0%)	1 (2,4%)	<b>6 (5,7%)</b>
Descendente	H*+L	2 (5,0%)	-	4 (9,8%)	<b>6 (5,7%)</b>
	H+L*	1 (2,5%)	2 (8,0%)	7 (17,1%)	<b>10 (9,4%)</b>
	!H+L*	-	-	3 (7,3%)	<b>3 (2,8%)</b>
<b>Total</b>	<b>40 (100%)</b>	<b>25 (100%)</b>	<b>41 (100%)</b>	<b>106 (100%)</b>	

Como podemos verificar nos resultados apontados na Tabela 19, os acentos tonais pré-nucleares encontrados nos dados de fala espontânea são majoritariamente ascendentes: 63,2% (67/106) dos acentos tonais pré-nucleares, observando os resultados globais. Comparando com os resultados encontrados para fala controlada (cf. subseção 5.1.1 deste capítulo), em que 94,4% (1834/1944) dos acentos tonais pré-nucleares apresentaram um contorno ascendente, assumimos que este seja o contorno pré-nuclear mais realizado para as sentenças declarativas neutras do PST, indo ao encontro ao que Jun (2005, p. 447) observa para algumas línguas que apresentam alta associação de acentos pré-nucleares. Segundo a autora, em línguas como o espanhol e o grego, em que praticamente todas as PWs pré-nucleares apresentam um acento tonal associado, a configuração desse tipo de acento é praticamente igual, exceto por alguns casos<sup>82</sup>.

A configuração L\*+H é majoritária para o acento pré-nuclear: 57,5% (23/40) nos dados de MAQJ, 56,0% (14/25) nos de NDR e, em 53,7% (22/41) dos acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras de fala espontânea realizadas por JRB, encontramos essa configuração. Observando os dados globais, encontramos o acento tonal L\*+H associado a 55,7% (59/106) das PWs não cabeça de IP. Entretanto, não parece haver diferença entre uma realização com *downstep* (nos dados globais, 0,9% - 1/106) nem com *upstep* (nos dados globais, 3,8% - 4/106) daquelas sem esse tipo de marcação (L\*+H), no caso dos dados de fala espontânea, diferentemente do que mostraram os dados de fala controlada, em que a marcação do acento tonal ascendente com *downstep* (L\*+!H) pode ser vista em 24,1% (468/1944) dos acentos pré-nucleares, o que nos permite levantar a hipótese de que essas diferenças sejam fonéticas, ao menos em fala espontânea. Futuramente, através de um estudo com um número maior de dados, que nos permita realizar testes estatísticos, poderemos confirmar ou refutar essa hipótese.

Embora em menor número de ocorrências, encontramos em nossos dados de fala espontânea acentos pré-nucleares descendentes: 5,7% (6/106) de acentos pré-nucleares com a configuração H\*+L, 9,4% (10/106) com configuração H+L\* e 2,8% (3/106) com o contorno descendente marcado com *downstep*, !H+L\*. Essa maior variabilidade de acentos pré-nucleares

---

<sup>82</sup> Tradução nossa. No original: “In some stress languages like Spanish and Greek, pre-nuclear pitch accent occurs on almost all content words, and the type of pitch accent is basically the same (...) except for a few cases” (JUN, 2005, p. 447).

em fala espontânea confirma o que foi encontrado em outros estudos que também analisaram a fala espontânea em variedades de PB (SERRA, 2009; 2016; CASTRO, 2016; entre outros).

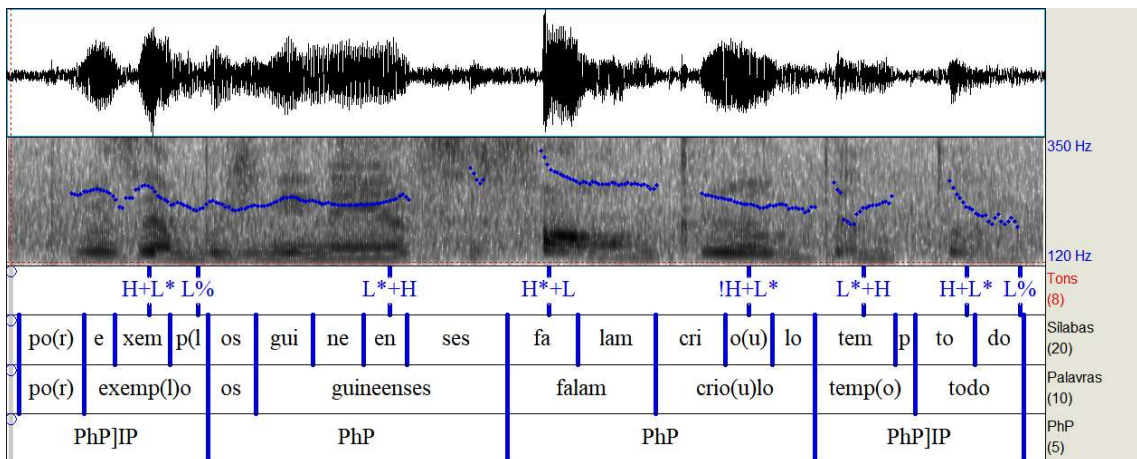
Nos nossos dados de fala controlada de PST, os acentos tonais descendentes só foram encontrados associados às PWs cabeça de IP, configurando acento nucleares das sentenças neutras. Em fala espontânea, o acento tonal descendente foi encontrado geralmente associado à cabeça de PhP, mas ele também pode estar associado a palavras prosódicas não cabeça de PhP, como podemos ver no exemplo (14).

(14)

(14a) “Por exemplo os guineenses falam crioulo o tempo todo”

(14b)  $[[(\text{por eXEMplo})_{PW}]_{PhP}]_{IP}$   $[[(\text{os guineENSses})_{PW}]_{PhP}$   $(\text{FAlam})_{PW}$   
 $\quad \quad \quad |$   $\quad \quad \quad |$   $\quad \quad \quad |$   $\quad \quad \quad |$   
 $\quad \quad \quad H+L^*$   $\quad \quad \quad L\%$   $\quad \quad \quad L^*+H$   $\quad \quad \quad H^*+L$

$[(\text{criOUlo})_{PW}]_{PhP}$   $[(\text{TEMpo})_{PW}$   $[(\text{TOdo})_{PW}]_{PhP}]_{IP}$   
 $\quad \quad \quad |$   $\quad \quad \quad |$   $\quad \quad \quad |$   $\quad \quad \quad |$   
 $\quad \quad \quad !H+L^*$   $\quad \quad \quad L^*+H$   $\quad \quad \quad H+L^*$   $\quad \quad \quad L\%$



**Figura 19:** Contorno entoacional da sentença “Por exemplo os guineenses falam crioulo o tempo todo”, produzida por JRB em fala espontânea.

No exemplo (14), a sentença produzida por JRB em fala espontânea é apresentada em (14a), seu mapeamento em constituintes prosódicos é dado em (14b) e na Figura 19 vemos a imagem acústica de sua realização. Nele, verificamos um acento tonal descendente H\*+L associado à palavra prosódica (FAlam)<sub>PW</sub>, que não ocupa a posição de cabeça do sintagma

fonológico [(FAlam)<sub>PW</sub> (criOUlo)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>, em que está inserido, demonstrando que essa configuração de acento tonal pré-nuclear não é realizada como uma pista da fronteira direita de PhP não final de IP.

Também encontramos em nossos dados de fala espontânea o acento tonal alto (H\*) associado a PWs não cabeça de IP (nos dados globais, 13,2% - 14/105). Comparando com os resultados encontrados para a fala controlada, em que esse tipo de configuração apareceu em 0,6% (11/1944) dos dados globais, vemos que em fala espontânea há uma maior realização desse tipo de acento tonal. Já o acento tonal baixo (L\*) foi pouco realizado tanto em fala controlada (em dados globais, 1,5% - 30/1944) quanto em fala espontânea, aparecendo em apenas 5,7% (6/106) dos acentos tonais pré-nucleares, uma característica entoacional comum entre as línguas acentuais (*stress-accent*), de acordo com Jun (2005, p. 437-438). A autora aponta também que em línguas desse tipo os tons altos ou ascendentes são mais comuns do que tons descendentes<sup>83</sup>, o que nos permite argumentar que o PST apresenta características entoacionais comuns a outras línguas acentuais, corroborando nossa hipótese de que estamos diante de uma variedade que possui características também comuns a outras línguas naturais, não se tratando, portanto, da degradação de um sistema linguístico aprendido de modo defectivo.

(ii) *Acentos tonais nucleares*

Nesta subseção, apontamos algumas características gerais que podem ser observadas nos dados de fala espontânea de PST, embora a quantidade de dados disponíveis para a realização de nossa análise não seja robusta. Em trabalhos futuros esperamos que seja possível analisar um maior volume de dados desse tipo, para que seja possível fazer afirmações categóricas sobre a preferência de acento tonal nuclear em fala espontânea.

Os acentos tonais nucleares encontrados associados às palavras prosódicas cabeça de IP medial são apresentados na Tabela 20, enquanto na Tabela 21 apresentamos as configurações dos acentos tonais nucleares de IP final.

---

<sup>83</sup> Tradução nossa. No original: “Stress-accent languages have multiple types of pitch accent. (...) L\* is the least common (...) high or rising tones (a sequence of L and H) are more common than falling tones” (JUN, 2005, p. 437-438).

**Tabela 20:** Frequência de configurações de acentos tonais nucleares de IP medial (PW cabeça do último PhP de IP medial) por informante e no total, em fala espontânea.

Configuração		MAQJ	NDR	JRB	TOTAL	
Descendente	H+L*	2 (40,0%)	1 (25,0%)	1 (33,3%)	<b>4 (33,3%)</b>	
	!H+L*	-	1 (25,0%)	-	<b>1 (8,3%)</b>	<b>6 (50,0%)</b>
	H*+L	1 (20,0%)	-	-	<b>1 (8,3%)</b>	
Ascendente	L*+H	2 (40,0%)	2 (50,0%)	1 (33,3%)	<b>5 (41,7%)</b>	
	L*+ <sub>i</sub> H	-	-	1 (33,3%)	<b>1 (8,3%)</b>	<b>6 (50,0%)</b>
<b>Total</b>		<b>5 (100%)</b>	<b>4 (100%)</b>	<b>3 (100%)</b>	<b>12 (100%)</b>	

Por conta da pequena quantidade de dados, analisaremos a Tabela 20 levando em consideração apenas os dados globais. Nela, podemos ver que os acentos tonais associados às PWs cabeça de IP medial podem apresentar uma configuração tanto ascendente (L\*+H; L\*+<sub>i</sub>H) quanto descendente (H+L\*; !H+L\*; H\*+L), visto que encontramos 50,0% (6/12) das PWs cabeça de IP medial apresentando a associação de um acento tonal ascendente e 50,0% (6/12) de PWs cabeça de IPs mediais apresentando a associação de acentos tonais nucleares descendentes.

Assim como nos acentos pré-nucleares, a distinção entre um acento nuclear de IP medial sendo realizado com *upstep* ou *downstep* e sem esse tipo de marcação parece ser apenas fonética, visto que contornos anotados dessa forma apresentaram apenas uma ocorrência cada: 8,3% (1/12) dos acentos nucleares de IP medial apresentaram a configuração ascendente L\*+<sub>i</sub>H (com *upstep*), nos dados globais, assim como o acento tonal descendente !H+L\* (com *downstep*), encontrado em apenas 8,3% (1/12) dos acentos nucleares de IP medial. Da mesma forma, o acento nuclear H\*+L, cujo início do tom descendente aparece alinhado à sílaba tônica da PW cabeça de IP medial, não parece representar o contorno nuclear desse tipo de IP em PST, visto que também só foi encontrado em 8,3% (1/12) dos dados de fala espontânea em que encontramos IPs mediais. Entretanto, uma análise mais ampla e amparada por análise estatística se faz necessária para que possamos assumir categoricamente tais características das configurações dos acentos nucleares de IPs mediais em PST.

Ao observarmos as configurações dos acentos pré-nucleares das sentenças de fala espontânea na Tabela 19, observamos que o acento tonal L\*+H (que associado a PW cabeça de IP medial caracteriza um contorno continuativo) é o que mais aparece associado às PWs não

cabeça de IP, seja ele medial ou final. Ainda, se compararmos os resultados encontrados para fala espontânea com aqueles já descritos para fala controlada, apresentados na Tabela 5 (cf. subseção 5.1.1 deste capítulo), verificamos que L\*+H também é a configuração de acento tonal associada às PWs pré-nucleares que mais aparece em nossos dados (70,3%), o que mostra a preferência desse tipo de acento tonal antecedendo a porção nuclear da sentença declarativa neutra em PST, seja em fala controlada ou espontânea.

A outra configuração encontrada para os acentos nucleares de IPs mediais é H+L\*, nos dados globais. Nos dados de fala controlada, esse tipo de contorno aparece associado a PW cabeça de IP final, correspondendo a 24,8% (140/565) dos acentos nucleares de IPs finais.

Quanto à configuração dos acentos tonais que aparecem associados às palavras prosódicas cabeça de IP finais, trazemos, na Tabela 21, os resultados encontrados.

**Tabela 21:** Frequência de configurações de acentos tonais nucleares de IP final (PW cabeça do último PhP de IP final) por informante e no total, em fala espontânea.

Configuração		MAQJ	NDR	JRB	TOTAL	
Baixo	L*	5 (33,3%)	3 (23,1%)	2 (16,7%)	<b>10 (25,0%)</b>	<b>10 (25,0%)</b>
	H+L*	8 (53,3%)	5 (38,5%)	7 (58,3%)	<b>20 (50,0%)</b>	
Descendente	!H+L*	2 (13,3%)	4 (30,8%)	1 (8,3%)	<b>7 (17,5%)</b>	<b>30 (75,0%)</b>
	H*+L	-	1 (7,7%)	2 (16,7%)	<b>3 (7,5%)</b>	
<b>Total</b>		<b>15 (100%)</b>	<b>13 (100%)</b>	<b>12 (100%)</b>	<b>40 (100%)</b>	<b>40 (100%)</b>

Nossa análise dos dados de fala espontânea aponta o acento tonal descendente (nas configurações H+L\*; !H+L\* ou H\*+L) como o principal contorno para o acento nuclear de IPs finais, ocorrendo em 75,0% (30/40) dos dados globais. Outro acento nuclear encontrado em nossa análise de fala espontânea foi L\*, aparecendo associado à PW cabeça de IP final em 25,0% (10/40) das sentenças.

Comparando esses resultados com aqueles encontrados para a fala controlada, vemos que em fala espontânea há uma preferência diferente para o tipo de acento tonal associado à palavra prosódica cabeça de IP final: nos dados de fala controlada (cf. Tabela 6 na subseção 5.1.1 deste capítulo) encontramos majoritariamente o acento tonal L\* associado à PW cabeça de IP final, que aparece em 74,9% (423/565) dos acentos nucleares de IP final; já em fala espontânea, o acento tonal baixo L\* aparece associado à palavra prosódica cabeça de IP final em 25,0%

(10/40) das sentenças neutras. Em contrapartida, o acento tonal descendente H+L\*, que aparece associado à PW cabeça de IP final em apenas 24,8% (140/565) nos dados de fala controlada, é aquele encontrado em 75,0% (30/40) dos acentos nucleares de IPs finais nos dados de fala espontânea, seja na configuração H+L\*, naquela realizada foneticamente com um *upstep* (!H+L\*) ou mesmo naquela em que o início do tom descendente aparece alinhado à sílaba tônica da PW a qual ele é associado (H\*+L).

Ainda sobre a associação de acentos tonais, observamos um fato linguístico interessante nos dados de fala espontânea analisados, que diz respeito à associação de acentos tonais a palavras prosódicas envolvidas nos processos fonológicos de sândi vocálico externo.

#### 5.2.1.1 Algumas considerações prosódicas sobre o sândi vocálico externo em PST<sup>84</sup>

O sândi vocálico externo, segundo Bisol (1992), corresponde a um processo de ressilabação envolvendo vogais adjacentes (VV) de duas palavras distintas sob o domínio do mesmo enunciado. Além disso, sua aplicação leva em consideração a posição ocupada pelo acento primário das palavras envolvidas (cf. TENANI, 2002, p. 158), assim como a proeminência de domínios mais altos.

Nos dados de fala espontânea de PST, encontramos situações em que a associação de acentos tonais parece estar relacionada a processos de sândi vocálico externo que ocorrem em nosso *corpus*. Nossa hipótese é que quando o sândi vocálico ocorre dentro do domínio de PhP reestruturado, a associação tonal (de T\* associado apenas a PW cabeça de PhP) também dá evidências de que houve reestruturação de PhP. Dessa forma, a associação tonal em fala espontânea parece nos revelar a pertinência do domínio PhP em PST.

Nesta análise, faremos um recorte e trataremos apenas dos casos de sândi vocálico externo que envolvam vogais átonas, ou seja, quando o acento primário das palavras prosódicas não recair sobre as sílabas cujas vogais estejam envolvidas nesse processo. Ademais, esse é o contexto mais produtivo para a observação do fenômeno em PE e em PB (cf., entre outros, FROTA, 2000 para o PE, e BISOL, 1996 para o PB).

---

<sup>84</sup> Tomamos ciência do trabalho de Balduino, Bandeira e Freitas (a sair) sobre os processos de elisão e degeminação no PST, mas até a data em que finalizamos esta dissertação ele não havia sido publicado.



$$\begin{array}{lcl} V_1 \text{ (postônica)} & + & V_2 \text{ (pretônica)}^{85} \\ /i, u, a/ & + & /i, u, e, o, a/^{86} \end{array}$$

O processo de sândi vocálico externo, ao menos em PE e em PB, pode resultar em degeminação (DG), elisão (EL) ou ditongação (DT). Nessas variedades de português, o contexto átono em que as vogais estão envolvidas possibilita que os três processos se apliquem. Em linhas gerais, temos que:

- DG ocorre no encontro de duas vogais iguais, acarretando no desaparecimento de uma delas e na reestruturação em uma única sílaba:
  - (a) cas[a] [a]marela → cas[a]marela
  - (b) ferr[u] [u]sado → ferr[u]sado
- EL ocorre quando V<sub>1</sub> for /a/ (c), ou mesmo [+posterior] (d), acarretando no apagamento de V<sub>1</sub> e na reestruturação silábica em que V<sub>2</sub> passa a ser o núcleo dessa nova sílaba:
  - (c) menin[a] [o]rgulhosa → menin[o]rgulhosa
  - (d) menin[u] [e]legante → menin[e]legante
- DT ocorre nos demais contextos, acarretando na conversão de segmentos vocálicos [+alto] em semivogais. Como resultado, podemos ter ditongos decrescentes ou crescentes
  - (e) cas[a] [e]scura → casa[aɪ]scura (ditongo decrescente)
  - (f) sonh[u] [e]terno → sonh[ʊe]terno (ditongo crescente)

Em nosso *corpus* de fala espontânea de PST encontramos ocorrências de degeminação e ditongação<sup>87</sup>. Antes de discorrermos sobre esses dados e analisarmos como a associação de acentos tonais em PhPs envolvidos tanto em degeminação quanto em ditongação parece nos

---

<sup>85</sup> Adaptado de Tenani (2002, p. 159).

<sup>86</sup> Segundo Christofolletti (2013), o PST, assim como o PB e o PE, apresenta apenas três vogais pós-tônicas finais: /i, u, a/ e cinco vogais pretônicas: /i, u, e, o, a/ (cf. seção 2.3 do Capítulo 2 desta dissertação).

<sup>87</sup> Os ditongos foram alvo do trabalho de Christofolletti (2013). Entretanto, o autor tratou apenas dos ditongos decrescentes, não estudando os ditongos crescentes, que surgem no nível pós-lexical, como é o resultado processo fonológico de ditongação apresentado nesta dissertação.

indicar reestruturação de PhP, apresentaremos como se dá a associação de acentos tonais diante desses processos em PB e PE, envolvendo vogais átonas, para podermos realizar a comparação com o que verificamos para o PST.

Os processos de degeminação e ditongação em PB já foram estudados amplamente por Bisol (1992, 1993, 1996a, 1996b, 1996c) e, segundo a autora, PhP é o domínio relevante para a ocorrência dos processos segmentais de sândi externo (cf. BISOL, 1996a).

Tenani (2002, 2004) busca evidências segmentais e entoacionais dos domínios prosódicos superiores à PW na organização da cadeia da fala em PB. Ao analisar o processo segmental de degeminação (DG), Tenani (2002) verificou que ela ocorre, embora não com a mesma frequência, entre as fronteiras de todos os domínios prosódicos (desde PW até U), frisando que, dentro de um mesmo PhP e entre as fronteiras de PhP, o processo ocorreu em todos os dados analisados em seu trabalho. Os resultados de sua pesquisa fazem-na afirmar que a degeminação não corresponde a um processo segmental sensível às fronteiras prosódicas (cf. TENANI, 2002), sendo mais uma evidência segmental de que os processos de sândi vocálico, em PB, não são bloqueados pelas fronteiras de domínios prosódicos.

De acordo com a autora, a DG apenas é bloqueada quando há pausa entre as fronteiras de IP e de U. Em seus dados, a ocorrência de um T% (anotado como Hi) associado à fronteira direita do primeiro constituinte envolvido no processo de degeminação é uma evidência entoacional da existência dessas fronteiras prosódicas. Desse modo, nos casos em que o sândi ocorre há obrigatoriedade da não ocorrência de pausa e de tom de fronteira, sendo que a realização de pausas tende a ocorrer entre as fronteiras de domínios prosódicos mais altos, como IP e U. Além disso, observamos nos dados de PB de Tenani (2002) que as PWs envolvidas no processo de DG apresentam acentos tonais associados a cada uma delas, como podemos observar em (g)<sup>88</sup>:

---

<sup>88</sup> Exemplo adaptado de Tenani (2002, p. 180, exemplo (48.3.iii))

(g) [O Pedro comprou laranja,]U [Alegaram falta de provas.]U<sup>89</sup>

o PEdro	comPROU	laRANj[ <b>a</b> ]leGArAm	falta de	PROvas. <sup>90</sup>
H*	L*	L+H*	L*	H+    L*    L%

Quanto à ditongação (DT), Tenani (2002) afirma que ela também sempre ocorre dentro de um mesmo PhP e entre as fronteiras de PhP. O processo ainda se mostrou produtivo entre todas as fronteiras prosódicas, sendo bloqueado apenas pela pausa, que desfaz o contexto de aplicação de sândi vocálico externo. Tenani (2002) também confirma em seus dados a afirmação de Bisol (1996a) de que há, em PB, uma maior tendência à DG do que à elisão. Quanto aos acentos tonais, verificamos nos dados da autora que as duas palavras envolvidas no processo de ditongação apresentaram um acento tonal associado, mesmo após o processo de sândi e da consequente ressilabação, conforme podemos ver em (h)<sup>91</sup>:

(h) [Fábio vendeu pêssego.]U [Apresentou bons resultados.]U<sup>92</sup>

FÁbio	venDEU	PÊsseg[ <b>ua</b> ]presenTOU	bons resulTAdos. <sup>93</sup>
L*	L	H*	H+L*    L%

De maneira geral, Tenani (2002) confirma as afirmações de Bisol (1996a) para o PB, de que, no domínio de PhP, os processos de sândi vocálico externo sempre são aplicados e que este (PhP) é o domínio preferencial desses processos fonológicos, mas, diferente do que afirma Bisol (1996c), Tenani (2002) demonstra que a aplicação dos processos de sândi vocálico externo pode ocorrer entre Us. Nos processos fonológicos analisados pela autora, as palavras envolvidas apresentavam um acento tonal associado, mesmo após a degeminação e a ditongação.

<sup>89</sup> As vogais envolvidas no processo de degeminação aparecem sublinhadas.

<sup>90</sup> O resultado do processo de degeminação aparece em negrito.

<sup>91</sup> Exemplo adaptado de Tenani (2002, p. 174 e 175, exemplo (47.2.iii) e Figura 3.8. (b))

<sup>92</sup> As vogais envolvidas no processo de degeminação aparecem sublinhadas.

<sup>93</sup> O resultado do processo de degeminação aparece em negrito.

Para o PE, Frota (2000) investiga o que chama de “fusão vocálica”<sup>94</sup> e “semivocalização”<sup>95</sup>, que corresponderiam, respectivamente, à degeminação e à ditongação estudadas para o PB. Quando as duas vogais envolvidas no contexto para a ocorrência de sândi são átonas, os resultados encontrados por Frota (2000) para o PE tanto para fusão vocálica quanto para semivocalização são iguais: os fenômenos ocorrem dentro do domínio de PhP e na fronteira de PhPs, sendo os processos bloqueados apenas quando as duas palavras se encontram em fronteira de IP<sup>max</sup><sup>96</sup>. A pausa bloqueia os processos de sândi vocálico, mas ela não é obrigatória para que o bloqueio ocorra, visto que mesmo sem a ocorrência da pausa os processos fonológicos podem não ser aplicados. Tendo em vista que o trabalho de Frota (2000) utilizou como *corpus* o PE falado em Lisboa, não foi encontrada associação de acentos tonais às PWs envolvidas nos processos de sândi vocálico externo. Segundo Frota (2000, p. 101), o domínio de PhP é entoacionalmente “invisível” em sentenças neutras<sup>97</sup>.

Portanto, na variedade de PE estudada por Frota (2000) (SEP), não há associação de acentos tonais às PWs em contexto de sândi vocálico externo, quer o processo ocorra ou não. Já em PB, mesmo após esses processos de juntura que geram a ressilabação, ainda é possível observar a associação de acentos tonais alinhados às sílabas tônicas das PWs iniciais, como ilustrado nos exemplos (g) e (h), retirados de Tenani (2002).

O que observamos em PST é que quando o sândi vocálico externo ocorre dentro do domínio de PhP encontramos a associação de T\* apenas à segunda palavra envolvida no processo, que ocupa a posição de cabeça desse sintagma fonológico. Só encontramos T\* associados às duas palavras envolvidas no processo de sândi quando estas se encontram em PhPs diferentes, ou seja, quando o processo ocorre na fronteira de PhP.

O exemplo (15) demonstra esse comportamento entoacional do PST diante de sândi vocálico externo envolvendo duas vogais átonas. A sentença apresentada em (15a) aparece mapeada em constituintes prosódicos em (15b). As vogais envolvidas nos processos de sândi

---

<sup>94</sup> No original “*Vowel Merger*”.

<sup>95</sup> No original “*Semivocalization*”.

<sup>96</sup> Tradução nossa. No original: “The I domain that is dominated by the prosodic category of the immediately higher level” (FROTA, 2000, p. 73).

<sup>97</sup> Tradução nossa. No original: “In EP, the absence of segmental evidence correlates with the absence of intonational evidence, as the  $\phi$ -domain, in unmarked sentences, is also tonally ‘invisible’[...]” (FROTA, 2000, p. 101).





O exemplo (17) apresenta tanto o processo de ditongação, em (ii), quanto de degeminação, em (iii), conforme exposto a seguir:

- |      |                      |   |                         |             |
|------|----------------------|---|-------------------------|-------------|
| ii.  | assunto <b>assim</b> | > | assunt[ <b>ɔa</b> ]ssim | Ditongação  |
| iii. | coisa <b>assim</b>   | > | cois[ <b>a</b> ]ssim    | Degeminação |

A ditongação que observamos em (ii) ocorre entre vogais átonas cujas palavras não estão dentro do mesmo PhP, mas sim em fronteiras de PhPs adjacentes: em ‘assunto’, a vogal /o/ é a vogal postônica dessa PW que está na fronteira direita do PhP [(algum)<sub>PW</sub> (assunto)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> e, em ‘assim’, a vogal pretônica /a/ é aquela que aparece alinhada à fronteira esquerda do PhP[(**assim**)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>. Dessa forma, o contexto para a ocorrência do processo de ditongação se dá entre sintagmas fonológicos, como podemos ver no mapeamento prosódico em (ii.a):

(ii.a) [(algum)<sub>PW</sub> (**assunto**)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> [(**assim**)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>

Observamos que, nesse caso, as duas palavras prosódicas apresentam um acento tonal associado à sua sílaba tônica: um acento tonal L\*+H associado à sílaba tônica da PW (assunto)<sub>PW</sub> e um acento tonal H+L\* associado à sílaba tônica da PW (assim)<sub>PW</sub>.

No caso da degeminação observada em (iii), verificamos que as duas vogais átonas adjacentes (contexto para que ocorra o sândi vocálico externo) das palavras envolvidas no processo estão dentro do mesmo PhP, como demonstrado no mapeamento prosódico em (iii.a):

(iii.a) [(**coisa**)<sub>PW</sub> (**assim**)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>.

É possível verificar também que apenas a PW cabeça desse PhP, [... (assim)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub> apresenta um acento tonal, de configuração L\*+H, alinhado à sua sílaba tônica. Além disso, observamos que essa é também a PW cabeça do IP medial [se tiver alguma coisa assim da universidade ou coisa assim]<sub>IP</sub>, de modo que há obrigatoriedade de associação de acento tonal à essa PW, por ela ocupar essa posição dentro desse enunciado fonológico (como veremos na subseção 5.2.3 *Contorno Nuclear*).

Só encontramos esse caso de sândi vocálico externo ocorrendo dentro do domínio de PhP, de modo que não pudemos testar nossa hipótese de que apenas a segunda palavra passa a ter T\* associado quando o sândi vocálico ocorre dentro do domínio de PhP. Ainda são necessários mais estudos sobre os processos fonológicos de sândi vocálico externo nessa variedade de

português e sobre sua possível correlação com a associação de eventos tonais ao contorno entoacional.

### 5.2.2 Tons relacionados à fronteira nas sentenças de fala espontânea

Nesta subseção trataremos dos tons relacionados à fronteira de constituintes prosódicos (a saber: acento frasal,  $T^-$ , e tom de fronteira,  $T\%$ ) encontrados nos dados de fala espontânea analisados.

#### 5.2.2.1 Acentos Frasais em fala espontânea

Embora o acento frasal tenha sido alvo de nossa atenção quando realizamos a análise do *corpus* de fala controlada, na fala espontânea encontramos apenas uma ocorrência desse tipo de evento tonal. Entretanto, a presença desse tipo de tom de fronteira nos dados de fala espontânea indica que suas ocorrências nos dados de fala controlada não se devem ao estilo discursivo, ou seja, à tarefa de leitura, mas sim à possibilidade de associação de acento frasal à fronteira direita de um PhP numa sentença declarativa neutra nessa variedade de português.

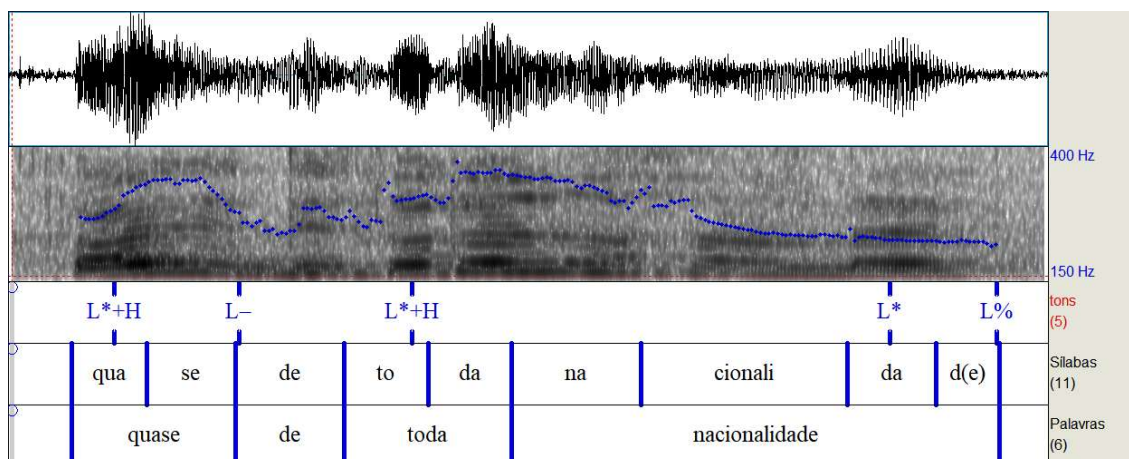
O exemplo (17) traz o enunciado “Quase de toda nacionalidade” em (17a), o mapeamento prosódico do mesmo em (17b) e a imagem acústica desse enunciado realizado por NDR em fala espontânea na Figura 22, em que podemos verificar a associação de acento frasal à fronteira direita de um sintagma fonológico não final de IP.

(17)

(17a) “Quase de toda nacionalidade”

(17b)    [[(QUAse)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>    (de TOda)<sub>PW</sub>    [(nacionaliDAde)<sub>PW</sub>]<sub>PhP</sub>]<sub>IP</sub>  
                           |                          |                          |                          |  
                           L\*+H          L<sup>-</sup>                  L\*+H                          L\*                  L%





**Figura 22:** Contorno entoacional do enunciado “Quase de toda nacionalidade”, produzido por NDR em fala espontânea.

Como podemos ver no exemplo (17), o acento frasal  $T^-$  aparece associado à fronteira direita do sintagma fonológico [quase]<sub>PhP</sub>, que não é ramificado sintático-prosodicamente, constituído por duas sílabas. Esse dado nos mostra que a associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhP de sentenças declarativas neutras é possível em PST, visto que não houve ênfase na produção desse dado. Entretanto, mais estudos sobre associação de acento frasal às fronteiras de sintagmas fonológicos não finais precisam ser realizados.

#### 5.2.2.2 Tons de Fronteira em fala espontânea

Conforme exposto no início desta seção (5.2), em nossos dados de fala espontânea, encontramos sentenças fraseadas em dois IPs distintos, os quais denominamos de ‘IP medial’ e ‘IP final’<sup>98</sup>. Dessa forma, enquanto em fala controlada as sentenças foram mapeadas em um único IP e por isso só havíamos encontrado tons de fronteira alinhados a PWs cabeça de IPs finais, em fala espontânea observamos tons de fronteira associados à fronteira direita de IPs mediais e finais. Trataremos separadamente sobre cada um deles nas próximas subseções.

##### (i) Tom de fronteira medial

Analisando as sentenças de fala espontânea que aparecem fraseadas em dois IPs em nosso *corpus*, verificamos dois tipos de tom de fronteira foneticamente realizado associados à

<sup>98</sup> Para as definições de ‘IP medial’ e ‘IP final’ conferir seção 5.2.

fronteira direita do último PhP desse IP medial. A Tabela 22 traz a distribuição desses dois tipos de tom de fronteira encontrados em nossos dados.

**Tabela 22:** Configuração de Tom de Fronteira associado à fronteira direita de IP medial em fala espontânea por informante e no total.

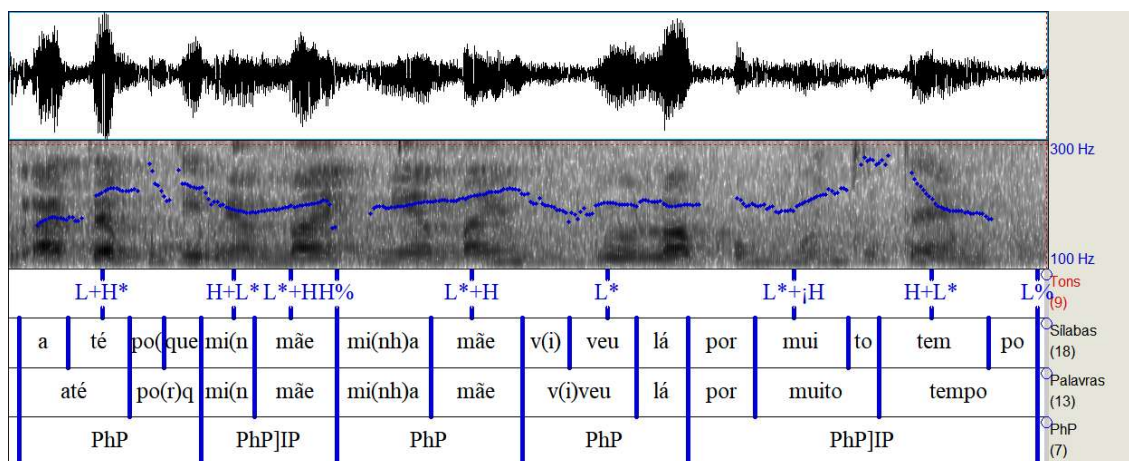
Tom de Fronteira (T%) de IP medial	MAQJ	NDR	JRB	TOTAL
H%	3 (60,0%)	3 (75,0%)	1 (33,3%)	<b>7 (58,3%)</b>
L%	2 (40,0%)	1 (25,0%)	2 (66,7%)	<b>5 (41,7%)</b>
<b>Tons de Fronteira de IP medial</b>	<b>5 (100%)</b>	<b>4 (100%)</b>	<b>3 (100%)</b>	<b>12 (100%)</b>

Como podemos verificar na Tabela 22, em nossos dados de fala espontânea foram encontrados tons de fronteira monotonais alto (H%) e baixo (L%) associados à fronteira direita de IPs mediais. Embora sejam poucos os dados em que encontramos esse tipo de evento tonal, observamos através dos resultados globais que H% aparece associado à 58,3% (7/12) das fronteiras direitas de IPs mediais, enquanto L% aparece associado à 41,7% (5/12) delas. Na subseção 5.2.3 verificaremos como esses resultados têm impacto nos resultados dos contornos nucleares de IPs mediais encontrados em nossos dados de fala espontânea.

(ii) *Tom de fronteira final*

Quanto aos tons de fronteira associados à fronteira direita de IPs finais, foram encontrados apenas os tons de fronteira baixos, L%. Assim como nos dados de fala controlada (cf. subseção 5.1.3.2 deste capítulo), nas sentenças em que as sílabas pós-tônicas da palavra prosódica cabeça de IP final não foram realizadas foneticamente, não havendo a formação da curva de  $F_0$ , assumimos que o tom de fronteira ocorre ali fonologicamente, embora não esteja foneticamente realizado. A frequência de associação de tom de fronteira à fronteira direita de IP final em fala espontânea é apresentada na Tabela 23.





**Figura 23:** Contorno entoacional da sentença “Até porque minha mãe- minha mãe viveu lá por muito tempo”, produzida por NDR em fala espontânea.

No exemplo (18), além do tom de fronteira baixo (L%) não realizado foneticamente, podemos ver: um acento nuclear L\*+H associado à palavra prosódica cabeça do PhP [minha mãe]<sub>PhP</sub>, último PhP do IP medial, assim como o tom de fronteira H% associado à fronteira direita do mesmo IP medial [até porque minha mãe]<sub>IP</sub>. Além disso, podemos visualizar o acento nuclear H+L\* associado à PW cabeça do IP final [minha mãe viveu lá por muito tempo]<sub>IP</sub>.

Tendo descrito os acentos tonais nucleares dos IPs mediais e finais, assim como os tons de fronteira associados às fronteiras direitas dos mesmos, passamos à descrição e análise dos contornos nucleares.

### 5.2.3 Contorno Nuclear nas sentenças de fala espontânea

Os resultados obtidos para os acentos nucleares de IPs mediais e finais, assim como os que encontramos para os tons de fronteira associados às fronteiras direita de IPs mediais e finais, nos ajudam na composição dos resultados alcançados para os acentos nucleares desses dois tipos de sintagmas entoacionais presentes em nosso *corpus* de fala espontânea.

A Tabela 24 traz a distribuição das configurações dos contornos nucleares dos IPs mediais, enquanto na Tabela 25 vemos as configurações presentes nos contornos nucleares dos IPs finais das sentenças declarativas neutras de nosso *corpus* de fala espontânea.

**Tabela 24:** Contorno nuclear de IP medial nas sentenças neutras de fala espontânea por informante e no total.

Configuração		MAQJ	NDR	JRB	TOTAL	
Descendente	H+L* L%	2 (40,0%)	1 (25,0%)	1 (33,3%)	<b>4 (33,3%)</b>	
	!H+L* L%	-	1 (25,0%)	-	<b>1 (8,3%)</b>	
	H*+L L%	1 (20,0%)	-	-	<b>1 (8,3%)</b>	
Ascendente com T% baixo	L*+H L%	-	1 (25,0%)	-	<b>1 (8,3%)</b>	
Ascendente	L*+H H%	2 (40,0%)	1 (25,0%)	1 (33,3%)	<b>4 (33,3%)</b>	
	L*+ <sub>i</sub> H H%	-	-	1 (33,3%)	<b>1 (8,3%)</b>	
<b>Total</b>		<b>5 (100%)</b>	<b>4 (100%)</b>	<b>3 (100%)</b>	<b>12 (100%)</b>	

**Tabela 25:** Contorno nuclear de IP final nas sentenças neutras de fala espontânea por informante.

Configuração		MAQJ	NDR	JRB	TOTAL	
Baixo	L* L%	5 (33,3%)	3 (23,1%)	2 (16,7%)	<b>10 (25,0%)</b>	
	H+L* L%	8 (53,3%)	5 (38,5)	7 (58,3%)	<b>20 (50,0%)</b>	
Descendente	!H+L* L%	2 (13,3%)	4 (30,8%)	1 (8,3%)	<b>7 (17,5%)</b>	
	H*+L L%	-	1 (7,7%)	2 (16,7)	<b>3 (7,5%)</b>	
<b>Total</b>		<b>15 (100%)</b>	<b>13 (100%)</b>	<b>12 (100%)</b>	<b>40 (100%)</b>	

Como podemos ver nos resultados globais apresentados na Tabela 24, 50% (6/12) dos contornos nucleares de IPs mediais são descendentes, sendo ‘H+L\* L%’ a principal configuração encontrada. Conforme mencionado na subseção 5.2.1, parece ser fonética a distinção entre o acento nuclear de IP medial ser realizado como ‘H+L\* L%’, com a marcação de *downstep* (!H+L\* L%) ou mesmo com o início do tom descendente estando alinhado à sílaba tônica da PW cabeça de IP medial (H\*+L L%).

Da mesma forma, o contorno nuclear ascendente, que aparece em 41,7% (5/12) dos contornos nucleares de IPs mediais, não apresenta uma diferença fonológica entre suas possíveis configurações, sendo apenas fonética a distinção entre ‘L\*+H H%’ e a realização com *upstep*, ‘L\*+<sub>i</sub>H H%’.

Dentre os contornos de IPs mediais encontrados em nossos dados de fala espontânea, houve uma única ocorrência de contorno nuclear ascendente com tom de fronteira baixo (L\*+H

L%). A alternância entre tons altos e baixos não é incomum para contornos nucleares de IPs mediais em sentenças neutras em outras variedades de português. Encontramos a configuração ‘H+L\* H%’ nas variedades SEP, NEP (cf. FROTA et al., 2007) e PB (cf. SERRA, 2009).

Em PB, o contorno nuclear de IP final ‘L+H\* L%’ foi encontrado para sentenças assertivas das variedades das capitais da Região Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), em Cardoso et al. (2014), embora Frota et al. tenham encontrado a configuração H+L\* L% para o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras na variedade de Porto Alegre.

Já o contorno nuclear ‘L\*+H L%’ (idêntico ao encontrado para o PST) foi encontrado para as sentenças interrogativas globais (perguntas sim-não) em variedades de PB faladas em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (TRUCKENBRODT; SÂNDALO; ABAURRE, 2009; FROTA et al., 2015, para São Paulo; e CASTELO, 2016, para Rio de Janeiro e Minas Gerais). Porém, a sentença em que encontramos essa configuração para o contorno nuclear de IP medial não é interrogativa, de modo que maiores estudos são necessários para verificarmos se esse tipo de contorno pode ou não caracterizar o contorno nuclear de IPs mediais em sentenças declarativas neutras em PST.

Quanto aos contornos nucleares de IP final, apresentados na Tabela 25, verificamos que o contorno descendente, nas suas configurações ‘H+L\* L%’, ‘!H+L\* L%’ (com *downstep*), e ‘H\*+L L%’ (com o início da descida alinhado à sílaba tônica da palavra prosódica cabeça de IP), é o contorno nuclear majoritário entre as três informantes. Somando todas as configurações descendentes, verificamos que elas correspondem a 75,0% (30/40) dos contornos nucleares dos IPs finais. Nesse aspecto, as sentenças declarativas neutras de fala espontânea se diferenciam daquelas realizadas em fala controlada, que apresentaram majoritariamente um contorno nuclear baixo, L\* L%, para os sintagmas entoacionais finais: 74,9% (423/565).

No exemplo (19), composto pela sentença em (19a), o mapeamento prosódico da mesma em (19b) e a imagem acústica da produção de NDR em fala espontânea na Figura 24, podemos ver o contorno nuclear descendente na configuração mais frequente em nossos dados de fala espontânea.

(19)



### 5.3 COMPARAÇÃO DO PST COM OUTRAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS

Tendo descrito e analisado o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST, passamos à comparação dessa variedade de português com as demais já descritas na literatura sob a luz do mesmo aparato teórico utilizado neste trabalho<sup>100</sup>. Desse modo, compararemos as características entoacionais das sentenças declarativas neutras de PST com as encontradas para o mesmo tipo de sentença nas variedades lusitanas de Lisboa (SEP), Braga (NEP), Porto, (POR), Alentejo (ALE) e Algarve (ALG); variedades brasileiras de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS) e a variedade de Guiné-Bissau (PGB).

Além de apontar semelhanças e diferenças entre essas variedades de português, nosso objetivo é apontar evidências de que o PST possui características entoacionais e prosódicas próprias, que podem ser consideradas como argumentos para sua consolidação como uma variedade que possui, assim como o PB, a sua gramática entoacional, não se tratando de uma produção considerada irregular do português falado em Lisboa (SEP), variedade alvo e considerada como de prestígio em São Tomé e Príncipe.

Em nossas análises de fala controlada, encontramos para o PST uma obrigatoriedade na associação de acentos tonais para toda PW de IP, seja ela cabeça ou não cabeça de PhP, o que nos leva a assumir que PW é o domínio relevante para a associação de acentos tonais nessa variedade. No que concerne ao SEP, Frota; Vigário (2000), Frota (2014), entre outros, apontam que nessa variedade há uma distribuição de acentos tonais esparsa para as sentenças neutras, sendo obrigatória a associação de acento tonal apenas para a PW cabeça do último sintagma fonológico de IP, visto que Sintagma Entoacional é o domínio relevante para a associação de acentos tonais nessa variedade.

Com relação à distribuição de acentos tonais ao longo de uma sentença declarativa neutra nas variedades de PB já descritas entoacionalmente no mesmo quadro teórico assumido neste trabalho – SP, RJ, MG, BA e RS (cf. FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015), tal distribuição se aproxima do que foi encontrado para o PST. Em PB, tanto PW quanto PhP são domínios relevantes na atribuição de acentos tonais, de modo que estes aparecem

---

<sup>100</sup> Conferir Capítulo 3 desta dissertação.



associados a praticamente todas as PWs desse tipo de sentença, embora só haja obrigatoriedade de associação de acento tonal à PW cabeça de PhP. Entretanto, em PB, é possível que palavras com mais de 2 sílabas pretônicas apresentem associadas a elas um tom adicional H que, segundo Tenani (2002) e Fernandes-Svartman (2009), estaria associado à sílaba portadora de acento secundário, algo que não ocorre no PST.

Quanto à distribuição de acentos tonais, o PST também se aproxima do PGB, por também possuir obrigatoriedade de associação de acento tonal à PW cabeça de PhP e ser possível encontrar acentos tonais associados a PW não cabeça de PhP (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015), especialmente em PhPs que constituem o sujeito da sentença (SANTOS, 2015: 114). Assim como em PST, PW é o domínio relevante na atribuição de acentos tonais em PGB.

A associação de  $T^-$  à fronteira direita de PhPs não finais nas sentenças neutras é outra característica do PST que o afasta do SEP e das demais variedades de português já estudadas, com exceção do ALE (cf. CRUZ, 2013) e do PGB (cf. SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; e SANTOS, 2015), que também apresentam esse tipo de evento tonal associado ao contorno de suas sentenças neutras. Para Cruz (2013: 74-76), o acento frasal encontrado em ALE caracteriza-se como um tom baixo, anotado pela autora como  $pL$ , que pode associar-se unicamente à fronteira esquerda do último PhP da sentença neutra. Já o acento frasal encontrado para o PGB, anotado como  $L^-$  em Santos e Fernandes-Svartman (2014) e em Santos (2015), é encontrado associado às fronteiras direitas dos PhPs que se encontram em diferentes posições do contorno entoacional. Entretanto, Santos (2015: 163-167) afirma que há maior incidência de associação desse tipo de evento tonal a PhPs longos (4 sílabas ou mais), não ramificados prosodicamente e que constituam o sujeito da sentença ou que estejam na fronteira que divide os sintagmas do sujeito daqueles que pertencem ao predicado.

Já para o PST, verificou-se que o acento frasal tende a associar-se à fronteira direita de PhPs constituídos de 5 a 6 sílabas, não parecendo importar se estes ocupam a posição de sujeito ou predicado da sentença ou se apresentam ou não ramificações sintático-prosódicas, ou seja, a associação do acento frasal estaria levando em conta apenas o comprimento dos PhPs quanto ao número de sílabas. Embora mais estudos sobre a associação de acentos frasais ao contorno entoacional das sentenças neutras do PST sejam necessários, parece-nos que os falantes podem estar realizando tal evento tonal como uma maneira de marcar as fronteiras de sintagmas fonológicos não finais.

Há também diferenças entre o contorno nuclear das sentenças neutras em SEP e PST: embora a configuração H+L\* L% encontrada para SEP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014, entre outros) também seja possível em PST, ocorrendo em 24,8% (140/565) dos dados de fala controlada (cf. subseção 5.1.4 deste capítulo), o contorno baixo L\* L% é a configuração predominante para o contorno nuclear em PST. Nesse mesmo sentido, outras variedades também se diferenciam do PST por apresentarem o contorno nuclear descendente H+L\* L%, como a variedade falada na região portuguesa de Algarve (ALG) (cf. CRUZ, 2013), as variedades do PB já estudadas (cf. CUNHA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015), e a variedade PGB (cf. SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015), que apresenta majoritariamente a configuração H+L\* L% em seu contorno nuclear.

Entretanto, também no que tange à configuração do contorno nuclear, o PST se aproxima de algumas variedades de PE, visto que o contorno nuclear baixo L\* L%, predominante para as sentenças neutras do PST, é também encontrado nas variedades faladas nas regiões do Alentejo (ALE) e Braga (NEP) (cf. CRUZ, 2013, para ALE, e VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007; CRUZ, 2013, para NEP). Desse modo, o PST aproxima-se das variedades do norte de Portugal (NEP) e do Alentejo (ALE) e distancia-se do SEP, das variedades já estudadas de PB e da variedade africana PGB, quando focamos na configuração do contorno nuclear.

#### 5.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CONTORNO ENTOACIONAL DAS SENTENÇAS DECLARATIVAS NEUTRAS DO PST

Neste capítulo, realizamos a descrição e análise dos eventos tonais associados às sentenças declarativas neutras do PST tanto de fala controlada quanto de fala espontânea, de modo a caracterizar a entoação desse tipo de sentença nessa variedade de português. Além disso, comparamos o PST com variedades de PE (SEP, NEP, POR, ALE, ALG), PB (SP, RJ, MG, BA, RS) e PGB, já descritas sob a mesma perspectiva teórica.

Com relação à nossa análise do *corpus* de fala controlada e à comparação entre esses resultados e os já descritos para as demais variedades de português na literatura, encontramos:

- i. presença de acentos tonais associados a todas as palavras prosódicas cabeça de sintagma fonológico, característica também presente nas variedades de PB e em PGB.

ii. presença de acentos tonais associados a todas as palavras prosódicas não cabeça de PhP. Em PB e PGB a associação de acento tonal às PWs que ocupam essa posição é frequente, mas não sistemática;

iii. associação obrigatória de acento tonal à palavra prosódica cabeça de IP, nas sentenças declarativas neutras de PST, assim como em todas as outras variedades de português estudadas (variedades de PE, PB e no PGB);

iv. tom de fronteira baixo (L%) associado à fronteira direita do sintagma entoacional, assim como nas variedades de PE, PB e no PGB;

v. correspondência entre a configuração do contorno nuclear de IP final nas sentenças declarativas neutras do PST (L\* L% e H+L\* L%) com as configurações dos contornos nucleares de IPs finais das variedades de PE, PB e PGB, sendo que L\* L% foi a configuração mais encontrada em PST, menos encontrada em PGB e a única configuração encontrada para o contorno neutro do NEP, enquanto H+L\* L% foi a configuração menos encontrada em PST, a mais encontrada em PGB e a única configuração encontrada para o contorno neutro das variedades de PB e das demais variedades de PE;

vi. possibilidade de associação de acento frasal L<sup>-</sup> à fronteira direita de sintagmas fonológicos, preferencialmente constituído por 5 ou 6 sílabas, sendo ou não ramificados e podendo pertencer tanto ao sujeito quanto ao predicado. Apenas PGB e ALE partilham dessa mesma possibilidade, sendo que em PGB esse tipo de evento tonal associa-se majoritariamente a PhPs longos, não ramificados prosodicamente e pertencentes ao sujeito das sentenças; e, em ALE, esse evento tonal associa-se à fronteira esquerda do último PhP de IP.

Além disso, ao contrastar os resultados obtidos para as sentenças declarativas neutras em fala espontânea com aqueles encontrados para o mesmo tipo de sentença em fala controlada, podemos apontar:

i. possibilidade de fraseamento das sentenças declarativas neutras em mais de um IP em fala espontânea, ao contrário do que observamos em fala controlada, em que as sentenças eram fraseadas em um único IP;

ii. possibilidade de PWs cabeça e não cabeça de PhP não apresentarem acento tonal associado;

iii. possibilidade de associação de acentos pré-nucleares descendentes, enquanto em fala controlada esse tipo de contorno só é possível para acentos nucleares;

iv. possibilidade de associação de acento frasal à fronteira direita de PhPs não finais, tanto em fala controlada quanto em fala espontânea;

v. contornos nucleares de IPs mediais, encontrados apenas em fala espontânea, apresentando configuração ascendente ('L\*+H H%' ou 'L\*+<sub>i</sub>H H%') como era esperado, mas também configuração descendente ('H+L\* L%', '!H+L\* L%', 'H\*+L L%' ou 'L\*+H L%');

vi. acentos nucleares finais majoritariamente descendentes, também sendo possível a configuração L\*, de maneira oposta ao que foi encontrado nos dados de fala controlada, em que o acento nuclear é majoritariamente baixo, mas também é possível encontrar a associação de tom descendente;

vii. associação de tom de fronteira baixo à fronteira direita de IP final em fala espontânea e fala controlada;

viii. contornos nucleares de IPs finais majoritariamente baixos em fala controlada e majoritariamente descendentes em fala espontânea.

Nos Quadros 6 e 7, sintetizamos o conteúdo deste capítulo: o Quadro 6 traz a comparação dos resultados encontrados para as características entoacionais das sentenças declarativas neutras de PST em fala controlada e em fala espontânea, enquanto o Quadro 7 traz a comparação entre os resultados encontrados em fala controlada para o PST e as características entoacionais das sentenças declarativas neutras das outras variedades de português já descritas em outros trabalhos.

**Quadro 6:** Comparação das características entoacionais das sentenças declarativas neutras de PST em fala controlada e fala espontânea.

<b>Sentenças declarativas neutras de PST</b>	<b>Fala Controlada</b>	<b>Fala Espontânea</b>
<b>Fraseamento</b>	Apenas 1 IP (final)	1 IP (final) ou 2 IPs (medial e final)
<b>Densidade Tonal</b>	100%	Menor que 100%, mas ainda assim alta (%)
<b>Acentos Pré-nucleares</b>	Toda PW não cabeça de PhP com T*	PW não cabeça de PhP sem T* associado
	Toda cabeça de PhP com T* associado	Possibilidade de PW cabeça de PhP sem associação de T*
	Configurações: Alto (H*); Baixo (L*); e Ascendente (L*+H; L*+!H; L*+;H)	Configurações: Alto (H*); Baixo (L*); Ascendente (L*+H); e Descendente (H*+L; !H+L*; H+L*)
<b>Acentos Nucleares de IP<sub>final</sub></b>	L*;  Em menor proporção: H+L*	H+L*; !H+L*  Em menor proporção: L*
<b>T<sup>-</sup></b>	L <sup>-</sup> em fronteira direita de PhP	L <sup>-</sup> em fronteira direita de PhP
<b>T%</b>	Apenas Final (L%)	Medial (H% e L%) e Final (L%)
<b>Contornos Nucleares IP<sub>medial</sub></b>	Não há	Descendente (H+L* L%; !H+L* L%; H*+L L%; L*+H L%)  Ascendente (L*+H H%; L*+;H H%)
<b>Contornos Nucleares IP<sub>final</sub></b>	Baixo (L* L%)  Em menor proporção: Descendente (H+L* L%)	Descendente (H+L* L%; !H+L* L%)  Em menor proporção: Baixo (L* L%)

**Quadro 7:** Comparação das características entoacionais das sentenças declarativas neutras nas variedades portuguesas, brasileiras e africanas de português.

Variedade de português	Densidade tonal <sup>101</sup>	Domínio relevante para a associação de T*	Acento frasal	Contorno Nuclear	
				H+L* L%	L* L%
PE (SEP – <i>standard</i> )	1	IP	-	✓	-
PE (NEP – Norte)	2	PhP	-	-	✓
PE (POR – Norte)	2	PhP	-	✓	-
PE (ALE – centro-meridional)	2	PhP	✓	-	✓
PE (ALG – centro-meridional)	2	PhP	-	✓	-
PB (SP, RJ, MG, BA e RS)	3	PW e PhP	-	✓	-
PGB	4	PW	✓	✓✓ Majoritário	✓
PST	5	PW	✓	✓	✓✓ Majoritário

<sup>101</sup> Densidade tonal graduada de 1 a 5: sendo 1 pouca densidade tonal e 5 alta densidade tonal.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho assumimos como objetivos: (i) descrever e analisar o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST, no que tange à associação de eventos tonais ao contorno entoacional e a relação dessa associação com a formação de domínios prosódicos; e (ii) comparar as características entoacionais encontradas para o PST com aquelas das demais variedades de português já descritas na literatura para esse tipo de sentença (variedades de PE, de PB e do PGB).

Visando a alcançar esses objetivos, descrevemos, no Capítulo 2, o contexto histórico e sociolinguístico da formação de São Tomé e Príncipe, onde o PST surgiu e hoje é considerado a língua materna da maioria da população do país. Entender sua origem em uma nação multilíngue e os motivos históricos pelos quais o português passa a ser L1 de sua população mais jovem, em detrimento das línguas nacionais, nos ajuda a compreender porque o português falado em São Tomé se tornou uma variedade própria, distante do português falado em Lisboa (embora essa seja a variedade alvo), e não uma produção mal realizada de português.

Partimos então, no Capítulo 3, para a apresentação das ferramentas teóricas que utilizamos para a realização de nossas análises sobre o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras em PST, discorrendo sobre o modelo teórico da Fonologia Entoacional, na linha dos trabalhos realizados por Pierrehumbert (1980), Ladd (1996; 2008), entre outros, e sobre a Fonologia Prosódica, seguindo os trabalhos de Selkirk (1984; 1986; 2000) e Nespor e Vogel (1986; 2007), utilizados neste trabalho numa perspectiva integrada. Além disso, expusemos os resultados encontrados para as sentenças declarativas neutras em outras variedades de português já estudadas sob essa mesma perspectiva teórica integrada: variedades de português europeu (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; VIGÁRIO, 2003; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; FROTA et al., 2015, entre outros), variedades de português brasileiro (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; SERRA, 2009; TONELI, 2014; FROTA et al., 2015, entre outros) e a variedade de Bissau de Guiné-Bissau (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2018).

Neste trabalho, fizemos uso de um *corpus* de fala controlada e de um *corpus* de fala espontânea. Tomamos essa providência para ser possível, através do uso do *corpus* de fala controlada, averiguar sistematicamente as variáveis de comprimento (em número de sílabas dos constituintes) e complexidade sintático-prosódica (constituintes com um ou mais núcleos

lexicais) de acordo com nosso objeto de estudo e para confirmar ou refutar nossos resultados através da análise da fala espontânea, buscando verificar se as características encontradas em fala controlada refletem a realidade da língua ou se dizem respeito apenas ao estilo discursivo da tarefa de leitura. A descrição desses *corpora* e a metodologia de coleta e análise foram tema do Capítulo 4.

No Capítulo 5, realizamos a descrição e análise dos dois *corpora* supracitados, além de compararmos os resultados encontrados para fala controlada com aqueles encontrados para outras variedades de português, visto que esse tipo de *corpus*, por ter sido adaptado de um *corpus* de uso comum considerando as variedades estudadas no âmbito do *InAPoP* (PB, PE e PGB), conforme dissemos no Capítulo 4, permite que comparações sistemáticas sejam realizadas. Em nossas análises, verificamos a associação e configuração de acentos tonais, a associação de eventos tonais associados às fronteiras de constituintes prosódicos (acentos frasais associados às fronteiras de sintagmas fonológicos e tons de fronteira, às fronteiras de IPs mediais<sup>102</sup> e finais), os contornos nucleares de IP medial (em fala espontânea) e IP final (tanto em fala controlada quanto em fala espontânea), assim como a densidade tonal do contorno entoacional das sentenças neutras em PST.

Nossa análise das sentenças declarativas neutras em fala controlada nos mostrou que o PST é uma variedade que apresenta uma alta densidade tonal, visto que foram encontrados acentos tonais associados a todas as palavras prosódicas presentes nos dados, sejam elas cabeça de IP, cabeça de PhP não final de IP, ou mesmo PW não cabeça de PhP. Essa característica sugere que PW seja o domínio prosódico relevante para a associação de eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras em PST.

Com relação aos acentos pré-nucleares, verificamos que estes são, quase em sua totalidade, ascendentes, L\*+H, e que a marcação de *downstep*, L\*+!H, é pertinente, posto que sua ocorrência em nossos dados foi considerável, aparecendo associado, na maioria das vezes (mas não necessariamente), à segunda PW da sentença, da esquerda para a direita.

Nossa análise também revelou que, em fala controlada, o fraseamento desse tipo de sentença se dá em um único IP. Dessa forma, o único contorno nuclear encontrado em nossos dados desse tipo de *corpus* é o de IP final. Esse contorno nuclear, por sua vez, pode ser realizado

---

<sup>102</sup> Encontramos IPs mediais apenas nas sentenças de fala espontânea.



em duas configurações distintas:  $L^* L\%$  (configuração majoritária) ou  $H+L^* L\%$  (em menor proporção).

Já em fala espontânea, encontramos sentenças sendo mapeadas em até 2 IPs (IP medial e IP final). Encontramos, para IP medial, contorno nuclear ascendente ( $'L^*+H H\%'$  ou  $'L^*+_iH H\%'$ ), mas também contorno nuclear descendente ( $'H+L^* L\%'$ ,  $'!H+L^* L\%'$ ,  $'H^*+L L\%'$  ou  $'L^*+H L\%'$ ). Já para o contorno nuclear de IP final nas sentenças de fala espontânea, encontramos majoritariamente uma configuração descendente ( $'H+L^* L\%'$ ,  $'!H+L^* L\%'$  ou  $'H^*+L L\%'$ ), sendo o contorno nuclear baixo ( $L^* L\%$ ) aquele que aparece em menor escala, opondo-se ao que foi verificado para fala controlada.

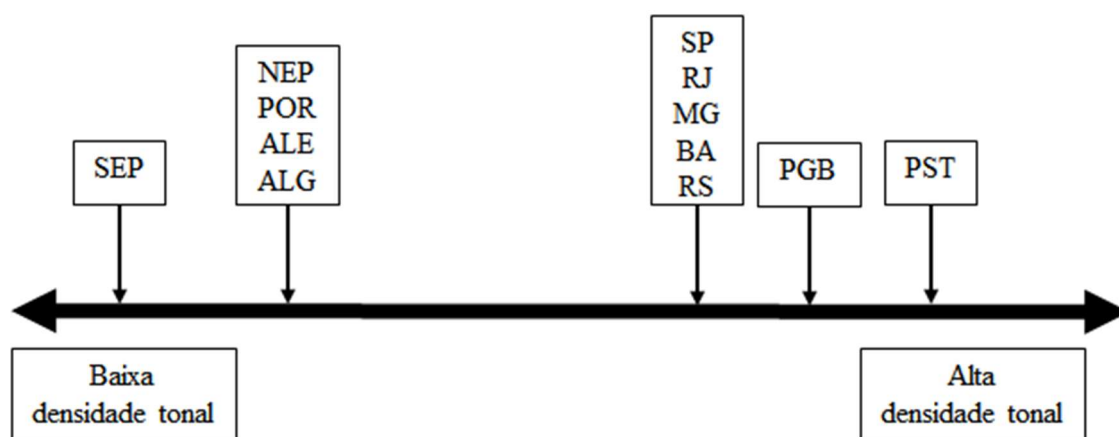
Nossos resultados para fala espontânea também se diferenciam dos encontrados para fala controlada em relação à taxa de associação de acentos tonais às PWs das sentenças neutras de PST: enquanto em fala controlada encontramos acento tonal associado a todas as PWs, em fala espontânea observamos a possibilidade de PWs cabeça e não cabeça de PhP não apresentarem acento tonal associado, embora a densidade tonal encontrada para as sentenças declarativas neutras em fala espontânea também seja alta. Além disso, também encontramos em fala espontânea a associação de acentos tonais pré-nucleares descendentes, algo que, em fala controlada, só foi encontrado para contornos nucleares.

Entretanto, nos dois *corpora* foi encontrada a possibilidade de associação de acentos frasais  $L^-$  à fronteira direita de sintagmas fonológicos não finais de IP. Embora mais estudos precisem ser desenvolvidos para esse tópico, verificamos que parece haver uma preferência desse tipo de evento pela associação à fronteira direita de sintagmas fonológicos que sejam constituídos por 5 ou 6 sílabas, não importando se são ou não ramificados sintático-prosodicamente ou mesmo se formam o sujeito ou o predicado da sentença.

Comparando nossos resultados quanto ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST com aqueles descritos na literatura para o mesmo tipo de sentença para outras variedades de português, pudemos verificar que o PST possui muitas características entoacionais compartilhadas com o PGB e o PB, algumas que o aproximam do NEP e do ALE, mas a maioria delas o afasta do SEP. Dentre as características em comum, encontramos que tanto PST, PGB e PB apresentam associação de acentos tonais a todas as PWs cabeça de sintagma fonológico. A associação de acentos tonais a PWs não cabeça de PhP, encontrada no *corpus* de fala controlada de PST, também aparece em PGB e PB, embora não ocorra em 100% dos casos, como em PST.

O PST, assim como todas as variedades de português já estudadas numa perspectiva integrada entre Fonologia Entoacional e Fonologia Prosódica (SEP, NEP, POR, ALE, ALG, as variedades de PB – SP, RJ, MG, BA e RS – e o PGB), apresenta obrigatoriedade de associação de acento tonal à PW cabeça de IP nas sentenças declarativas neutras. Ademais, em todas essas variedades, também foi encontrado o tom de fronteira baixo (L%) associado à fronteira direita do sintagma entoacional final desse tipo de sentença.

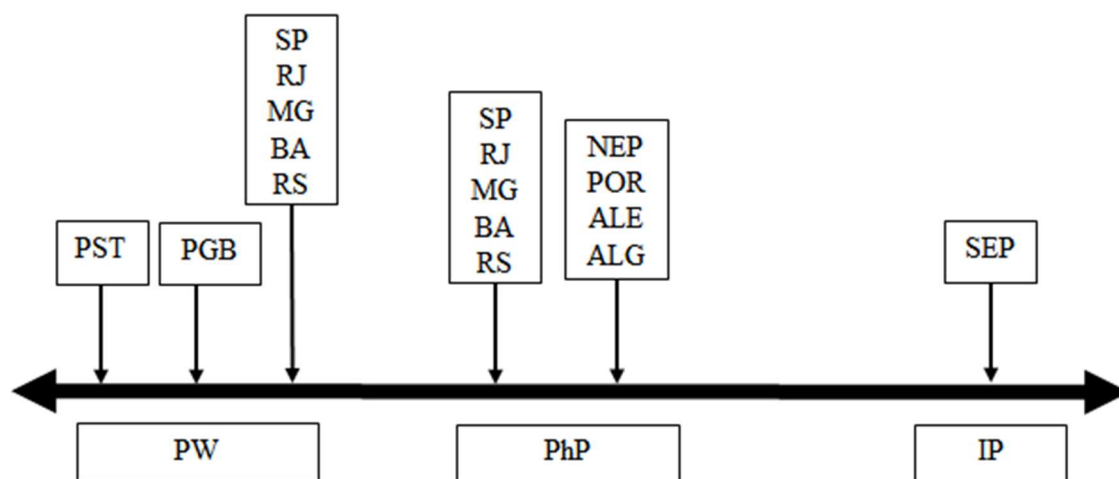
Ao compararmos o PST com variedades de PE, verificamos que, enquanto o PST apresenta uma alta densidade tonal, conforme afirmado anteriormente, SEP apresenta uma densidade tonal baixa, muitas vezes resumindo-se a um acento tonal no início da sentença e o contorno nuclear, opondo-se ao PST. As demais variedades de português europeu (NEP, POR, ALE, ALG), embora também apresentem uma baixa densidade tonal, apresentam uma maior associação de eventos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras. A Figura 25 apresenta a distribuição das variedades de português mencionadas em relação à densidade tonal nas sentenças declarativas neutras.



**Figura 25:** distribuição das variedades de português de acordo com a densidade tonal nas sentenças declarativas neutras.

Como dissemos anteriormente, assumimos que PW é o domínio relevante para a associação de acentos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras em PST por ser alta a taxa de associação de acentos tonais às palavras prosódicas do contorno entoacional neutro. Por motivo semelhante, PW também é considerado como o domínio relevante para a associação de acentos tonais em PGB (SANTOS, 2015) e em PB (FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; TONELI,

2014), embora PhP também seja descrito como o domínio relevante para a associação de acentos tonais em PB (FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002). Essa característica entoacional do PST também o contrapõe ao SEP, cujo domínio relevante para a associação de acentos tonais é IP. As outras variedades de PE (NEP, POR, ALE e ALG), apresentam densidade tonal um pouco maior que SEP e têm PhP como o domínio relevante para a associação de acentos tonais, visto que são encontrados acentos tonais associados a PWs cabeça de PhP ao longo do contorno entoacional, além daqueles que compõem a melodia mínima. Podemos ver o agrupamento das variedades de português de acordo com o domínio prosódico relevante para a associação de acentos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras na Figura 26.



**Figura 26:** agrupamento das variedades de português de acordo com o domínio relevante para a associação de acentos tonais ao contorno entoacional das sentenças declarativas neutras.

Outra característica entoacional que afasta o PST das outras variedades de português, com exceção de PGB e de ALE, é a possibilidade de associação de acento frasal ( $T^-$ ) à fronteira de PhP não final de IP em sentenças declarativas neutras. Conforme afirmado anteriormente, em PST há possibilidade de associação desse tipo de evento tonal à fronteira direita de PhPs não finais, preferencialmente àqueles constituídos por 5 ou 6 sílabas, enquanto que nas variedades SEP, NEP, POR, ALG e nas variedades de PB (SP, RJ, MG, BA e RS) não é possível a associação desse tipo de evento tonal às fronteiras de PhPs em sentenças declarativas neutras. Essa característica só foi encontrada, nas sentenças de foco amplo, para outras duas variedades

de português<sup>103</sup>: ALE e PGB. Em ALE, o acento frasal pode aparecer associado apenas à fronteira esquerda do último PhP de IP, sendo anotado como pL por Cruz (2013). Já em PGB, Santos (2015) assume que esse tipo de evento tonal pode associar-se à fronteira de PhP não final de IP que se encontre em diversas posições dentro da sentença, mas há maior incidência de sua associação a fronteiras de PhPs longos (constituídos por 4 sílabas ou mais), que sejam não ramificados prosodicamente e que constituam o sujeito da sentença ou que estejam associados à fronteira direita de PhPs que estejam antes do verbo. Na Figura 27, podemos visualizar a distribuição das variedades de português citadas neste trabalho de acordo com a possibilidade de associação de acento frasal ( $T^-$ ) à fronteira de PhP não final de IP em sentenças declarativas neutras.

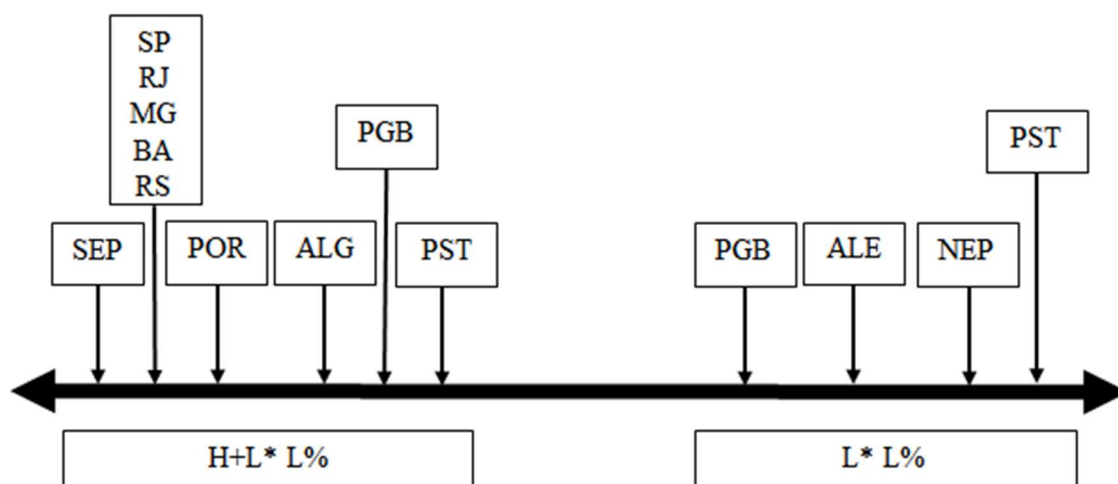


**Figura 27:** distribuição das variedades de português de acordo com a possibilidade de associação de acento frasal ( $T^-$ ) à fronteira de PhP não final de IP nas sentenças declarativas neutras.

Por fim, no que tange ao contorno nuclear final encontrado para as sentenças declarativas neutras em PST, conforme afirmamos anteriormente, verificamos que duas configurações são possíveis: o contorno nuclear descendente  $H+L^* L\%$ , que ocorre em menor proporção, e o contorno nuclear baixo  $L^* L\%$ , majoritário para essa variedade. Nesse ponto, o PST aproxima-se das variedades ALE e NEP, que também apresentam em suas sentenças declarativas neutras o contorno nuclear baixo,  $L^* L\%$ , assim como do PGB, embora, nessa variedade, esse tipo de contorno tenha menos ocorrências. Já as variedades SEP, POR, ALG, as variedades de PB e o PGB (majoritariamente), apresentam um contorno nuclear descendente  $H+L^* L\%$  para o

<sup>103</sup> Em PB, a associação de acento frasal ao contorno entoacional está relacionada à marcação de foco estreito. Cf. discussão na subseção 5.1.3.1 do Capítulo 5.

mesmo tipo de sentença, distanciando-se um pouco do PST, visto que esse tipo de contorno nuclear tem pouca incidência nos dados de fala controlada nessa variedade de português. Podemos visualizar as variedades de português organizadas de forma esquemática de acordo com o contorno nuclear associado ao IP final das sentenças declarativas neutras na Figura 28.



**Figura 28:** distribuição das variedades de português de acordo com o tipo de contorno nuclear de IP final das sentenças declarativas neutras.

Desse modo, verificamos que o PST apresenta muitas características entoacionais que o afastam da variedade de português falada em Lisboa (SEP) e que o aproximam das variedades do norte de Portugal (NEP) e do Alentejo (ALE), assim como do português falado no Brasil (SP, RJ, MG, BA, RS) e ainda mais do português de Guiné-Bissau (PGB), variedade também africana de português.

Tais observações corroboram nossa hipótese inicial, de que o PST é uma variedade distinta da variedade *standard* de PE do ponto de vista entoacional, embora esta seja a variedade considerada de prestígio no país. Através deste trabalho, esperamos ter descrito características prosódicas presentes nas sentenças declarativas neutras de PST que possam dar contributos iniciais para sua consolidação como uma variedade de português que possui uma gramática entoacional própria.

Por fim, acreditamos que os resultados deste trabalho tenham contribuído com o projeto internacional *Atlas Interativo da Prosódia do Português (Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese) – InAPoP*, por apresentar uma descrição entoacional das sentenças declarativas neutras da variedade de português falada em São Tomé, variedade esta que passou a ser a língua

materna da maioria da população desse país multilíngue nos últimos anos. Do mesmo modo, esperamos que nossa contribuição ao projeto *Fraseamento prosódico em português: comparações entre as variedades brasileira e africanas* traga maior entendimento sobre as características prosódicas de variedades transplantadas, abrangendo nosso conhecimento sobre o português na África.

Esperamos que, em trabalhos futuros, seja possível levar em conta outros tipos frásicos, assim como contemplar uma análise mais profunda das características prosódicas do PST, abarcando também uma investigação das possíveis influências decorrentes do contato entre línguas que dividem o mesmo espaço geográfico e sociolinguístico, de modo que seja possível contribuir ainda mais para a ampliação de nosso conhecimento sobre o funcionamento da gramática entoacional dessa variedade de português e das línguas naturais como um todo.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, A. L. S. *Fonologia e método pedagógico do lung'Ie*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AGOSTINHO, A. L.; BANDEIRA, M.; ARAUJO, G. A. O lung'Ie na educação escolar de São Tomé e Príncipe. *Trabalhos em Linguística Aplicada* (UNICAMP), v. 55, p. 591-618, 2016.
- ALEXANDRE, N. et al. A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé. In: COSTA, A.; FALÉ, I.; BARBOSA, P. (Eds.). *Textos seleccionados do XXVI Encontro Nacional da APL 2010*, Lisboa: APL, p.17-34, 2011.
- ALMEIDA MENDES, A. Les réseaux de la traite ibérique dans l'Atlantique nord: Aux origines de la traite atlantique (1440-1640). *Les Annales. Histoire, Sciences sociales*, v. 4, p. 739-768, 2008.
- ARAÚJO, M. B. *A ilha de São Tomé: alguns problemas históricos*. Separata da Revista da Universidade de Coimbra, v. XXXVI, Coimbra, p. 261-276. 1991.
- ARAUJO, G. A.; AGOSTINHO, A. L. S. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v.26, p. 49-81, 2010.
- BALDUINO, A. *A nasalidade no português de STP*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Em preparação.
- BALDUINO, A.; BANDEIRA, M.; FREITAS, S. Os processos de elisão e degeminação no português de São Tomé e Príncipe. *Filologia e Linguística Portuguesa* (Online), 2017. a sair.
- BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BAXTER, A. N. Semicreolization? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 1, p. 7-39, 2002.

- \_\_\_\_\_. The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In: ESCURE, G.; SCHWEGLER, A. (eds.). *Creoles, contact and language change: Linguistics and social implications*. Amsterdã: John Benjamins, p. 97-126, 2004.
- BECKMAN, M.; PIERREHUMBERT, J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 255-310, 1986.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 23, p. 83-101, 1992.
- \_\_\_\_\_. Sândi vocálico externo. *Gramática do Português Falado*. v. 2, p. 21-38. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. Sândi externo: o processo e a variação. *Gramática do Português Falado*. v. 5, p. 55-96. Campinas: Editora da Unicamp, 1996a.
- \_\_\_\_\_. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, n. 31, v. 2, p. 159-168, 1996b.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996c.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* (Version 5.3.82) Computer Program, 2014. Disponível em: <<http://www.praat.org>>.
- BOUCHARD, M. E. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. 2017. Tese (PhD) – New York University, New York.
- BRAGA, G. O padrão entoacional das sentenças neutras do português falado em São Tomé: uma análise preliminar. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 55-70. 2017.
- BRANDÃO, S. F.; PESSANHA, D. B. S.; PONTES, S. P. Róticos na variedade urbana do português de São Tomé. *PAPIA*, v. 27, a sair.
- CÂMARA Jr. J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. 32. ed. Petrópolis: Vozes; 1970.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014.
- CASTELO, J. *A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da costa atlântica*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Lisboa. 2016.



- CIAFACTBOOK. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tp.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe*. Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- COELHO, A. *Zeme ba fotxi*: Fragmentos da tradição oral são tomense, contos e provérbios. São Tomé e Príncipe: Centro Cultural Brasil-São Tomé e Príncipe, 2010. 100 p.
- CUNHA, C. S. *Entoação regional no português do Brasil*. 2000. Tese – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CRUZ, M. *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CRUZ, M.; FROTA, S. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do português europeu: produção e percepção. In: COSTA, A.; BARBOSA, P.; FALÉ, I. (Orgs.). *Textos seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2011. p. 208-22.
- \_\_\_\_\_. Para a prosódia do foco em variedades do Português Europeu. In: COSTA, A.; FLORES, C.; ALEXANDRE, N. (Orgs.). *Textos seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2012. p. 196-216.
- D'IMPÉRIO, M. et al. Intonational Phrasing in Romance: The role of prosodic and syntactic structure. In: FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; FREITAS, M. J. (Eds.) *Prosodies*. Phonetics & Phonology Series. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 59- 97.
- ELORDIETA, G. et al. Effects of constituent length and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences* (ed. by M.J. Solé, D. Recasens & I. Romero). Barcelona: UAB, 2003, p. 487-490.
- ELORDIETA, G.; FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*, v. 59, n. 2-3, p. 110-143, 2005.

- FALÉ, I. *Fragmento da prosódia do português europeu: as estruturas coordenadas*. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva – Fonologia) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- FERNANDES, F. R. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 5-6, p. 91-115, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007b. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38, v. 1, p. 47-58, jan.-abr. 2009.
- FERNANDES-SVARTMAN, F. R. et al. Intonational phrasing across varieties of Portuguese. In: CRUZ, M; OLIVEIRA, P.; FROTA, S. (Eds.). *Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments*. Sheffield-UK: Equinox Publishing. A sair. ISBN 9781781794685.
- FERRAZ, L. I. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. The liquid in the Gulf of Guinea creoles, *African Studies*, v. 46, p. 287-295, 1987.
- FROTA, S. On the prosody of focus in European Portuguese. Workshop on Phonology, 1993. *Proceeding...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1993. p. 45-66.
- \_\_\_\_\_. On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: MARTÍNEZ- GIL, F.; MORALES-FRONT, A. (Eds.). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997, p. 359-392.
- \_\_\_\_\_. *Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.
- \_\_\_\_\_. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*, n. 14, v. 1, p. 113-146, 2002a. Special Issue on Intonation in Romance edited by José-Ignacio Hualde.

- \_\_\_\_\_. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In: GUSSENHOVEN, C.; WARNER, N. (Eds.). *Laboratory Phonology*, n. 7. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b. p. 387-418.
- \_\_\_\_\_. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 2, p. 133-152, 2003.
- \_\_\_\_\_. The intonational phonology of European Portuguese. In: JUN, S.-A. (Ed.). *Prosodic Typology II*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6-42.
- FROTA, S.; CRUZ, M. (Coords.). *InAPoP – Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*. Projeto de investigação científica. Lisboa: Universidade de Lisboa/FCT (PTDC/CLE-LIN/119787/2010), 2012-2015.
- FROTA, S. et al. The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In: PRIETO, P.; MASCARÓ, J.; SOLÉ, M.-J. (Eds.) *Prosodic and Segmental Issues in (Romance) Phonology*. John Benjamins (Current Issues in Linguistic Theory), 2007, p. 131-153.
- FROTA, S. et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: FROTA, S.; PRIETO, P. (Eds.). *Intonation in Romance*. New York: Oxford University, 2015. p. 235-283.
- FROTA, S.; CRUZ, M.; VIGÁRIO, M. *RLD - Romance Languages Database*. Online database for intonational phrasing in Romance (updated version, now including data from Northern European Portuguese). Laboratório de Fonética (CLUL), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. ISBN 978-989-95713-3-4. Disponível em: <<http://rld.fl.ul.pt/>>.
- FROTA, S.; PRIETO, P. (Eds.). *Intonation in Romance*. New York: Oxford University Press, 2015.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (Orgs.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 2000, v.1, p. 533-555.
- \_\_\_\_\_. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In: RIAD, T.; GUSSENHOVEN, C. (Eds.). *Tones and Tunes*, v.1. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 265-291.

- FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; MARTINS, F. Discriminação entre línguas: Evidência para classes rítmicas. *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2002.
- GARFIELD, R. *A history of São Tomé island: 1470-1655. The key to Guinea*. San Francisco: Mellen Research University Press, 1992.
- GONÇALVES, J. S. S. *Contribuições para a caracterização prosódica e entoacional da fala sob suspeição*. Dissertação de mestrado. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas. 2011.
- GONÇALVES, R. M. G. A preposição a no português de S. Tomé. In: BRITO, A. et al. (org.). *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2009*. Lisboa: Edições Colibri, p.475-486, 2010.
- GRØNNUM, N.; VIANA, M. Aspects of European Portuguese Intonation. International Congress of Phonetic Sciences 99, 14., 1999. *Proceeding...* San Francisco: University of California, 1999.
- GHINI, M. F-formation in Italian: a new proposal. In: DYCK, C. (ed.). *Toronto working papers in linguistics*. Toronto: University of Toronto, v. 12, n. 2, p.41-78, 1993.
- GÜNTHER, W. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag. 1973.
- GUSSENHOVEN, C. *The phonology of tone and intonation*. New York: Cambridge University Press, 2004.
- HAGEMEIJER, T. As línguas de São Tomé e Príncipe, *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v.1, p. 1-29. 2009.
- HAGEMEIJER, T.; ALEXANDRE, N. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. *PAPIA*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 233-252, 2012.
- HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. A origem dos crioulos de base lexical portuguesa no Golfo da Guiné. *Romanica Cracoviensia*, Kraków, v.11, p. 177-185, 2012. Disponível em: <<http://www.wuj.pl/UserFiles/File/Romanica%20Cracoviensia%202011/23-Hlibowicka-RC-2011.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.
- HAYES, B. *The prosodic hierarchy in meter*. Ms., Los Angeles: UCLA, 1984.
- HAYES, B.; LAHIRI, A. Bengali intonational phonology. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 9, n. 1, p. 47-96, 1991.

- HELLMUTH, S. The relationship between prosodic structure and pitch accent distribution: evidence from Egyptian Arabic. *The Linguistic Review*, v. 24, n. 2-3, p. 291–316, 2007.
- HOLM, J. *Pidgins and creoles*. v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). *Características Educacional de População, RGPH - 2001*. São Tomé: INE, 2003, 81 p. Disponível em: <<http://www.ine.st/Documentacao/Recenseamentos/2001/RelatoriosTematicosCenso2001/Educacao/Educacao.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Recenseamento 2012*. Disponível em: <<http://www.ine.st/Documentacao/Recenseamentos/2012/TemasRGPH2012/11CARACTERISTICAS%20EDUCACIONAIS%20%20DA%20POPULACAO%20Recenseamento%202012.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2017.
- JUN, S-A. *The phonetics and phonology of Korean prosody: intonational phonology and prosodic structure*. New York: Garland Publishing, 1996.
- \_\_\_\_\_. The accentual phrase in the Korean prosodic hierarchy. *Phonology*, v. 15, p. 189-226, 1998.
- \_\_\_\_\_. The effect of phrase length and speech rate on prosodic phrasing. In: SOLE, M. J.; RECASENS, D.; ROMERO, J. (eds.). *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences*, v. 1, p. 483-486, 2003.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing*. New York: Oxford University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). *Prosodic Typology II: the phonology of intonation and phrasing*. New York: Oxford University Press Inc., 2014.
- LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge, Mass.: CUP, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Intonational Phonology*. 2nd edition. Cambridge, Mass.: CUP, 2008.
- MYERS-SCOTTON, C. *Contact linguistics: bilingual encounters and grammatical outcomes*. Oxford: Oxford University Press. 2002.
- MAURER, P. Tense-Aspect-Mood in Lung'ie. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, D. (Eds.) *The structure and status of pidgins and creoles*, 415-35. Amsterdam: Benjamins, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Lung'ie*. Londres: Battlebridge Publications, 2009.

- MORAES, J. A. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: BARBOSA, P.; MADUREIRA, S.; REIS, C. (Eds.). *Speech Prosody 2008*: fourth conference on speech prosody. Campinas: [S.n.], 2008. p. 389-397.
- MORAES, J. A., WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 23, p. 153-166. 1992.
- NASCIMENTO, A. *Relações de poder e quotidiano nas roças de São Tomé e Príncipe*: de finais de oitocentos a meados do presente século. 2000. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.
- PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. Tese (PhD) – MIT, Cambridge, Mass.
- PIERREHUMBERT, J.; BECKMAN, M. *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: M. I. T. Press, 1988.
- PINHO, I. C. Diversidade lingüística e Identidade: as micro-decisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária. *Contingentia*, v. 3, n. 1, p. 78-94, 2008.
- ROSIGNOLI, C. C. *O padrão entoacional das sentenças interrogativas da variedade paulista do português brasileiro*. 2017. Dissertação (Mestrado em letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ROUGÉ, J. Les langues des Tongas. *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992. p.171-176.
- \_\_\_\_\_. A inexistência de crioulo no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- SÂNDALO, F.; TRUCKENBRODT, H. *Some Notes on Phonological Phrasing in Brazilian Portuguese*. Mass., MIT Working Papers In: *Linguistics*, v. 42, p. 285-310, 2002.
- SANTOS, E. F.; SILVEIRA, A. Análise preliminar da palavra prosódica no português vernacular de São Tomé e Príncipe e no português falado em Angola. *PAPIA*, Brasília, v. 22, n.1, p. 77-89, 2012.

- SANTOS, E. F.; AGOSTINHO, A. L. S.; SILVA, M. L. Concordância de número e gênero: aproximações entre o português de Angola, português do Príncipe e português Kaingang. In: GELIC, IV, 2013, São Paulo. *Caderno de Resumos*. São Paulo: USP, 2013, p. 40-42.
- SANTOS, V. G. *Entoação do contorno neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação com o português brasileiro*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos prosódicos do português do Libolo, Angola: entoação e fraseamento* (título provisório). Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Em preparação.
- SANTOS, V. G.; BRAGA, G. Associação tonal em sentenças declarativas neutras do português de Bissau e de São Tomé. *PAPIA*, v. 27, n. 1, p. 7-32, 2018.
- SANTOS, V. G.; FERNANDES-SVARTMAN, F. R. O padrão entoacional neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação preliminar com o português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, p. 48-63, 2014.
- SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. *Sobre o país: Factos e História do País*. Disponível em: <<http://www.gov.st/data/filestorage/docs/sobrestp02.htm>>. Acesso em: 12 abr. de 2010.
- SEARA, I. C.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C. Metodologia para descrição da entoação na interface sintaxe-fonologia. In: *Revista Intercâmbio*, v. XVI. São Paulo: LAEL/ PUC-SP, ISSN 1806-275X-, 2007.
- SELKIRK, E. O. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Mass.: The MIT. Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 371-405, 1986.
- \_\_\_\_\_. The interaction of constraints on prosodic phrasing. In: HORNE, M. (Ed.). *Prosody: Theory and Experiment*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000, p. 231- 261.
- SELKIRK, E. O.; SHEN, T. Prosodic domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, S.; ZEC, D. (eds.) *The phonologysyntax connection*. Chicago: UCP, p. 313-337, 1990.

- SERRA, C. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. A importância da proeminência da frase fonológica no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 289-318, 2004.
- TENANI, L. E.; FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. In: Fourth Conference on Speech Prosody 2008, 2008, Campinas. *Proceedings of Fourth Conference on Speech Prosody 2008*. Campinas: RG/CNPq, 2008, p. 445-448.
- TONELI, P. *A palavra prosódica no português brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- TRUCKENBRODT, H. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus and prominence*. Tese de Doutorado. Mass.: MIT, 1995.
- \_\_\_\_\_. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*, Mass., v. 30, p. 219-255, 1999.
- \_\_\_\_\_. The syntax-phonology interface. In: DE LACY, P. *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 435-456, 2007.
- TRUCKENBRODT, H.; SANDALO, M. F. S.; ABAURRE M. B. M. Elements of Brazilian Portuguese intonation. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 8, p. 75-114, 2009.
- VIANA, M. C. *Para a síntese da entoação do português*. 1987. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC.
- VIGÁRIO, M. *Aspectos da prosódia do português europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica*. Braga: CEHUM, 1998.
- \_\_\_\_\_. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2003.



VIGÁRIO, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F. R. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: BRITO, A. M. et al. (Orgs.). *XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Seleccionados*. Porto: Tip. Nunes Ltda; Maia, v.1, p. 769-786, 2010.

VIGÁRIO, M.; FROTA, S. The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. Special Issue on Portuguese Phonology edited by W. L. Wetzels, v. 2, n. 2, p. 115-137, 2003.

## ANEXOS

### A. Romance Languages Database

#### Database on phrasing – São Tomé e Príncipe Portuguese

##### CONDITIONS

(S, V, O)

S = short (3 syllables)

L = long (5 syllables)

NON-BRANCHING (S=3 $\sigma$ ; L=5 $\sigma$ ) - 8 cases:

1. SSS A loira mirava morenos
2. LLL A boliviana memorizava uma melodia
3. SLL A loira memorizava uma melodia
4. SSL A loira falava do namorado
5. LSS A boliviana mimava velhinhas
6. LLS A boliviana memorizava dilemas
7. SLS A loira memorizava dilemas
8. LSL A boliviana falava do namorado

SHORT BRANCHING SUBJECT/OBJECT (N+PP=5 $\sigma$ ; N+AP=5 $\sigma$ ) - 24 cases:

##### BRANCHING SUBJECT

9. N+AP SS A nora loira mimava meninos
10. N+AP LL A nora loira memorizava uma melodia
11. N+AP SL A nora loira falava do namorado
12. N+AP LS A nora loira memorizava dilemas

13. N+PP SS A nora da mãe mimava meninos
14. N+PP LL A nora da mãe memorizava uma melodia
15. N+PP SL A nora da mãe falava do namorado
16. N+PP LS A nora da mãe memorizava dilemas

#### BRANCHING OBJECT

17. SS N+AP A nora mirava velhinhas lindas
18. LL N+AP A boliviana maravilhava velhinhas lindas
19. SL N+AP A nora maravilhava velhinhas lindas
20. LS N+AP A boliviana mirava velhinhas lindas
  
21. SS N+PP A mulher levava liras na mala
22. LL N+PP A boliviana manuseava liras na mala
23. SL N+PP A mulher manuseava liras na mala
24. LS N+PP A boliviana levava liras na mala

#### BRANCHING SUBJECT AND OBJECT

25. N+AP S N+AP A nora loira mirava velhinhas lindas
26. N+AP S N+PP A nora loira levava liras na mala
27. N+PP S N+AP A nora da mãe mirava velhinhas lindas
28. N+PP S N+PP A nora da mãe levava liras na mala
  
29. N+AP L N+AP A mulher loira maravilhava velhinhas lindas
30. N+AP L N+PP A mulher loira manuseava liras na mala
31. N+PP L N+AP A nora da mãe maravilhava velhinhas lindas

32. N+PP L N+PP A nora da mãe manuseava liras na mala

LONG BRANCHING SUBJECT/OBJECT (N+PP=10 $\sigma$ ; N+AP=10 $\sigma$ ) - 24 cases:

BRANCHING SUBJECT

33. N+AP SS O boliviano mulherengo mirava morenas  
 34. N+AP LL O boliviano mulherengo memorizava uma melodia  
 35. N+AP SL O boliviano mulherengo gravava uma melodia  
 36. N+AP LS O boliviano mulherengo maravilhava morenas  
 37. N+PP SS O boliviano da brasileira mirava morenas  
 38. N+PP LL O boliviano da brasileira memorizava uma melodia  
 39. N+PP SL O boliviano da brasileira gravava uma melodia  
 40. N+PP LS O boliviano da brasileira maravilhava morenas

BRANCHING OBJECT

41. SS N+AP A loira gravava uma melodia maravilhosa  
 42. LL N+AP A boliviana memorizava uma melodia maravilhosa  
 43. SL N+AP A loira memorizava uma melodia maravilhosa  
 44. LS N+AP A boliviana gravava uma melodia maravilhosa  
 45. SS N+PP A loira gravava uma melodia do marinheiro  
 46. LL N+PP A boliviana memorizava uma melodia do marinheiro  
 47. SL N+PP A loira memorizava uma melodia do marinheiro  
 48. LS N+PP A boliviana gravava uma melodia do marinheiro

## BRANCHING SUBJECT AND OBJECT

49. N+AP S N+AP O boliviano mulhengeru gravava uma melodia maravilhosa
50. N+AP S N+PP O boliviano mulhengeru gravava uma melodia do marinheiro
51. N+PP S N+AP O boliviano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa
52. N+PP S N+PP O boliviano da brasileira gravava uma melodia do marinheiro
53. N+AP L N+AP O boliviano mulhengeru memorizava uma melodia maravilhosa
54. N+AP L N+PP O boliviano mulhengeru memorizava uma melodia do marinheiro
55. N+PP L N+AP O boliviano da brasileira memorizava uma melodia maravilhosa
56. N+PP L N+PP O boliviano da brasileira memorizava uma melodia do marinheiro

## DOUBLE BRANCHING SUBJECT/OBJECT - 20 cases

SHORT DOUBLE BRANCH (3+3+3=9 $\sigma$ )

57. N-AP-PP SS A nora morena da velha levava farelos
58. N-AP-PP LL A nora morena da velha memorizava uma melodia
59. N-AP-PP SL A nora morena da velha gravava uma melodia
60. N-AP-PP LS A nora morena da velha maravilhava meninos
61. SS N-AP-PP O homem mirava a nora morena da velha
62. LL N-AP-PP O namorado maravilhava a nora morena da velha
63. SL N-AP-PP O homem maravilhava a nora morena da velha
64. LS N-AP-PP O namorado mirava a nora morena da velha
65. N-AP-PP S N-AP-PP A nora morena da velha levava dinheiro libanês na mala
66. N-AP-PP L N-AP-PP A nora morena da velha manuseava dinheiro libanês na mala

## LONG DOUBLE BRANCH (5+5+5=15σ)

67. N-AP-PP SS O namorado megalômano da brasileira mirava morenas
68. N-AP-PP LL O namorado megalômano da brasileira memorizava uma melodia
69. N-AP-PP SL O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia
70. N-AP-PP LS O namorado megalômano da brasileira maravilhava morenas
  
71. SS N-AP-PP A loira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro
72. LL N-AP-PP O namorado memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro
73. SL N-AP-PP A loira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro
74. LS N-AP-PP O namorado gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro
  
75. N-AP-PP S N-AP-PP O namorado megalômano da brasileira gravava uma melodia maravilhosa do marinheiro
76. N-AP-PP L N-AP-PP O namorado megalômano da brasileira memorizava uma melodia maravilhosa do marinheiro

## B. Sentenças distratoras em santome

*santome*: ‘Oze N tê kani pa n pô kume.’

*tradução*: Hoje não tem carne para comer.

*santome*: ‘Migu mu sá nũa valanda.’

*tradução*: Meu amigo está em uma varanda.

*santome*: ‘Bô ku fanha ni boka ska da Mali di pó mandjoka.’

*tradução*: Não devemos ser mal agradecidos.

*santome*: ‘Mina Dêsu na ka môlê sê vela fa.’

*tradução*: Quem em Deus crê nunca será abandonado.

*santome*: ‘Wê donu so sa gôdu kabalú.’

*tradução*: Devemos desconfiar de tudo e de todos.

*santome*: ‘Kasô diskunfyadu ka ladla ku po bana.’

*tradução*: Quem muito desconfia não é fiel.

*santome*: ‘Ômê ndala na ka miji ku ponta dê fa.’

*tradução*: Rico e pobre não são iguais.

*santome*: ‘Mina ngê sa dedu lolo.’

*tradução*: Filho alheio é causa perdida.

*santome*: ‘Bô fuji ni zage ba môlê ni dadu.’

*tradução*: Do destino ninguém escapa.

*santome*: ‘Mina di olha lizu na ka bê motxi men dê fa.’

*tradução*: Nada feito com teimosia termina bem

*santome*: ‘Son tê wê matu tê olya.’

*tradução*: Muito cuidado com o que fazes e dizes.

*santome*: ‘Omali pô sa glanji ê na ka nguli kanwa fa.’

*tradução*: Com jeito e virtude faz-se muitas conquistas.

## C. Formulário Perfil do Informante



Faculdade de Letras  
Universidade de Lisboa



Laboratório de Fonética  
Centro de Linguística

### Perfil do Informante

**Nome<sup>1</sup>:**

**Sexo** (pinte o quadrado adequado a preto: seleccionar o quadrado -> ferramentas de desenho -> preenchimento de forma):

F       M

**Idade:**

**Naturalidade:**

**Habilitações literárias/Formação académica:**

**Ocupação profissional:**

**Língua(s) materna(s):**

**Onde viveu nos últimos 10 anos:**

**Algum tipo de alteração auditiva, discursiva ou de escrita/leitura:**

---

<sup>1</sup>A identidade do informante nunca será revelada; qualquer referência ao indivíduo será feita através de um código específico, garantindo sempre o anonimato.



## D. Formulário Termo de Consentimento



Universidade de Lisboa  
FACULDADE DE LETRAS  
Laboratório de Fonética (CLUL)

Alameda de Universidade  
1600-214 Lisboa  
Portugal



Departament de Traducció i  
Ciències del llenguatge  
Universitat Pompeu Fabra

Campus de la Comunicació-Poblenou  
C/ Roc Boronat, 138  
08018 Barcelona, Espanha

---

### Consentimento informado

---

..... (nome próprio e apelidos), maior de idade, com documento de identificação nº ..... e com domicílio em ....., nascido/a a ..... do ano .....

RECONHECE:

Ter sido informado/a de que, em cumprimento da Lei de Protecção de Dados Pessoais (Lei n.º 67/98 de 26 de Outubro), que transpõe para a Ordem Jurídica Portuguesa a Directiva 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do seu Conselho, de 24 de Outubro de 1995, os seus dados pessoais registados em áudio e/ou vídeo pela equipa de investigadores da Universidade de Lisboa, ou por colaboradores desta equipa, devidamente identificados, se destinam ao arquivo de Projectos de Investigação desta universidade. Estes dados apenas serão utilizados com a única finalidade de realizar investigação no âmbito da Linguística.

Autorizar a Universidade de Lisboa, através da equipa de investigação liderada pela Prof. Sónia Frota, Directora do Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), bem como a Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha), através do *Grup d'Estudis de Prosòdia* (coordenado pela Prof. Pilar Prieto), universidade parceira da Universidade de Lisboa no âmbito dos projectos de investigação em prosódia, a reproduzir e publicar por qualquer meio as gravações em que participo, com as finalidades únicas de investigação e ensino, e sem qualquer fim lucrativo. Os dados resultantes dos estudos de prosódia poderão ser tornados públicos no âmbito dos sítios de internet do Atlas Interactivo da Prosódia do Português e do Atlas Interactivo da Entoação das Línguas Românicas, projectos sem fins lucrativos destinados à investigação, ensino e aprendizagem no âmbito da língua portuguesa e das línguas românicas.

Autorizar a cedência dos dados tornados públicos pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Pompeu Fabra a outras instituições de investigação, com a finalidade única de realização de projectos de investigação em ciências da linguagem e sempre que estas instituições não realizem actividades com fins lucrativos que envolvam estes dados.

Ter sido informado/a de que posso exercer os direitos de acesso, rectificação, cancelamento ou contestação mediante uma comunicação escrita, acompanhada de fotocópia de documento de identificação, dirigida a Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda de Universidade, 1600-214 Lisboa.

Para os efeitos acima descritos, assino esta autorização.

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_ .

---

(Assinatura)

## **E. Fala espontânea**

Neste Anexo E estão transcritas as entrevistas realizadas com as três informantes que participaram desta pesquisa. Em E.1 apresentamos a transcrição da entrevista com a informante JRB, realizada em duas partes, em E.2 trazemos a entrevista com a informante MAQJ e, em E.3, a transcrição da entrevista realizada com NDR.

### **E.1 Informante JRB**

#### **Português de São Tomé e Príncipe**

**Entrevistador:** GB (São Paulo, Brasil)

**Participante:** JRB

– **Profissão:** Estudante

– **Local de Nascimento:** São Tomé (São Tomé e Príncipe)

– **Idade:** 23 anos

#### **Parte 1**

**Tópico:** Origem, estudos, família, língua materna

**Duração:** 8 min 22 s

**Entrevistador:** Então, J. Fala p(a)ra mim um po(u)quinho... É:: da sua história em São Tomé. <SIL> Como que era assim, em São Tomé. (Vo)cê nasceu e aí?

**Participante:** <risos>

**Entrevistador:** Você estudo(u) aonde?

**Participante:** Mas sim. É o Merri (?), que é uma localidade do distrito de Água Grande, que é a capital.

**Entrevistador:** Uhum.

**Participante:** Fiz o primário lá também, na cap- na capital... todos os ensinos, primário até o secundário... Aí fui pa(ra) o ISP... também... na capital... tudo na capital. [0:30]

**Entrevistador:** Sempre ficou em Portu- em São Tomé, nunca foi p(a)ra Portugal?

**Participante:** Não, nunca viajei... Só agora <risos> p(a)r(a)o Brasil.

**Entrevistador:** Só agora p(a)r(a)o Brasil.

**Participante:** É.

**Entrevistador:** Por que Letras?

**Participante:** Bem, na verdade... a minha primeira opção era Medicina... MAS... tem aquela coisa que filho de pobre não faz Medicina <risos>. Então... aí eu optei por fazer Letras... Foi muito bom. Gostei muito. Durante os anos que fiz em São Tomé... foi maravilhoso. Aí surgiu a oportunidade da Unilab, então eu vim <risos>. [1:00]

**Entrevistador:** E como conheceu a Unilab?

**Participante:** Uma professora... brasileira. Ela é do Rio. Era minha professora lá... de:: literatura. No IS-

**Entrevistador:** Qual o nome dela?

**Participante:** N.

**Entrevistador:** Eu conheço a N. <risos>

**Participante:** Então foi a professora N. que... envio(u) o:: o... e-mail com o link da inscrição. Então... fui lá p(a)ra Embaixada, me inscrevi. Deu certo. <risos>

**Entrevistador:** E como é o processo p(a)ra vir p(a)ra cá?

**Participante:** Nós inscrevemos... a inscrição online... Depo::is...[1:30] a entrega dos documentos... p(a)ra análise... e por fim um... teste de redação.

**Entrevistador:** E essa redação... é... que nem... como que é essa redação?

**Participante:** É p(a)ra nós... escrevermos um texto. Acho que é dissertativo-argumentativo sobre... um:: tema. Nosso tema era::... Cooperação Sul-Sul. É. Aí... foi legal.

**Entrevistador:** E:: o que (vo)cê acha da Unilab? (Es)tá gostando do cur::so... Da vida aqui no Ceará... É muito diferente...? [2:00]

**Participante:** (Es)to(u) gostando do curso <risos>. Do curso, da universidade... É bem bom. <SIL> A cida::de... a cidade tam(b)ém é boa, é calma, pa(ra) estuda(r)... é ótimo. Só que de longe de casa... Nunca é bom! <risos>

**Entrevistador:** É, é ruim. E (vo)cê já- (vo)cê já foi p(a)ra São Tomé ver seus pais depois que (vo)cê veio p(a)ra cá... ou não?

**Participante:** Não... acho que só vou depois do curso mesmo.

**Entrevistador:** É?

**Participante:** É.

**Entrevistador:** E... (vo)cê tem muito amigos aqui?

**Participante:** Alguns. <risos>

**Entrevistador:** Alguns...

**Participante:** Alguns [2:30] amigos.

**Entrevistador:** É muito difícil se relacionar com brasileiro?

**Participante:** Uhm... nem tanto.

**Entrevistador:** Não?

**Participante:** Até que os brasileiros são... <SIL> uhm:: como posso dizer?... São legais assim amá- amáveis mesmo... principalmente os mais velhos... são mais...é.

**Entrevistador:** Tem alguma inte- alguma coisa engraçada já aconteceu com você aqui no Brasil? Diferente assim...

**Participante:** Acho que não. <risos>

**Entrevistador:** Não? Nenhum caso... nada assim...?

**Participante:** Não! Tem uma coisa bem engraçada de alguém me ve(r) [3:00] e pergunta(r) se fala português. <risos> Não, primeiro a pessoa vem e fala comigo. Depois me pergunta “(es)tá me entendendo?”, mas eu respondi, né? E aí é... <risos> É bem engraçado.

**Entrevistador:** É verdade... e... aqui... aqui na Unilab você- você fica mais com as pessoas de São Tomé:: ou você faz amizade com todo mundo da... dos outros países também, com brasileiros...

**Participante:** Eu acho que eu... da minha nacionalidade... só a m(en)ina- as meninas que moram comigo mesmo... É. E mais uma [3:30] que estuda comigo. Mas de outras guineenses, brasileiro... e angolanos também... angolanos pouco, mas mais... guineenses e brasileiros.

**Entrevistador:** Você acha que é fácil se... se enturma(r)... mais com brasilei::ro ou mais com... outros países africanos?

**Participante:** Eu acho que a... proximidade cultural... entre nós africanos... facilita mais... mesmo não conhecendo... mas eu sei assim algumas coisas... dos brasileiros você não vai sabe(r) o que ofende, o que não ofende, [4:00] o que a pessoa gosta... aí... leva mui::to tempo pa(ra) conhece(r) a pessoa depois, não é? Pa(ra) fica(r) mais à vontade.

**Entrevistador:** Já fez alguma gafe? Uma coisa assim que::... nós- p(a)ra vocês é normal, mas p(a)ra cá é muito feio, ou vo- ou vice-versa?

**Participante:** <risos> Já! É que eu... assim, eu sabia que... dize(r)... É eu cheguei... é... p(a)ra i(r) na farmá::cia... e falei p(a)ra menina... e::... como é que é que eu falei? [4:30] “E::i, moça!” Ela não (es)tava a me ouvi(r). “Moça!”. Ela não ouvia. <risos> Aí eu disse: “Rapariga!”. <risos> Falei! <risos> Depois eu

me retratei <risos>, porque eu lembrei <risos> que... p(a)ra nós é normal, mas aqui:... tem outra conotação.

**Entrevistador:** Sim. Sim. E aqui alguém já falo(u) alguma coisa p(a)ra você, que p(a)ra você... pareceu muito ofensivo, mas... p(a)ra gente fez tipo “ó, desculpa!”?

**Participante:** Não! Ofensivo não foi, mas... eu achei engraçado. É porque uma pessoa nos- nos perguntou [5:00] como é que nós preferíamos ser chamado. Se era “negra” <risos> o(u) “preta”. <risos> P(a)ra nós não faz diferença, <risos> porque:: lá:: toda gente é negra, mesmo preta, então:: não tem essa coisa de dize(r)... mesmo mais claro o(u) mais escuro é preto mesmo. Então:: num... nós... uhm eu não... eu nem sei dize(r) se eu gosto de se(r) chamada ‘negra’ o(u) ‘preta’... p(a)ra mim tanto faz!

**Entrevistador:** Tanto faz! <risos>

**Participante:** E:: as pessoas perguntam, como que se... se fosse nos chamar de alguma forma íamos aborrece(r)- eu não! Porque eu sou negra me(s)mo. <risos> (Es)tá a entende(r)?

**Entrevistador:** (En)tendi. [5:30]

**Participante:** É...

**Entrevistador:** Seus pais fazem o que lá em São Tomé?

**Participante:** Minha mãe é doméstica. Meu pai... era marinhei::ro... mas acho que não vai (es)tá a trabalha(r) nesses dia(s).

**Entrevistador:** Mas de barco grande ou pesque(i)ro?

**Participante:** Grande. É.

**Entrevistador:** E... ele lembre fico(u) em casa ou ele... viajava meses e meses?

**Participante:** <risos> Meses e meses. Viajava muito.

**Entrevistador:** E- Ele vinha com várias histórias de pescador também?

**Participante:** Uhm... Na verdade quando ele vinha nem parava em casa. <risos> [6:00]  
Só... o marinho. <risos> Não ficava muito em casa.

**Entrevistador:** E... <SIL> você fala o- out- outras línguas de São Tomé? Fala forro?

**Participante:** Forro? Acho que mal, mas falo forro.

**Entrevistador:** Fala forro?

**Participante:** Falo.

**Entrevistador:** Como (vo)cê- que que (vo)cê aprende em casa: (vo)cê aprende- (vo)cê aprendia português:: ou (vo)cê aprendia forro? E quando você foi p(a)ra escola você aprendeu o português?

**Participante:** Em casa? Eu acho que p(a)ra maioria... dos santomenses... a língua materna, a primeira língua que nós aprendemos é o português... de São Tomé, nesse caso, [6:30] mas é...

**Entrevistador:** O forro... como- quando que se aprende o forro? Só na rua... assim?

**Participante:** É... bem na rua mesmo... lá pelos oito, nove anos. Ou algumas coisas que os avós, os pais falam, aí pegamos... mas aprende(r) MESmo... é, acho que é bem tarde. E alguns pais... a minha mãe, quando eu (es)tava aprendendo:: crioulo angola- o ‘ngéné’- é ‘angené’?, Ela me fez deixar. O meu irmão (es)tava a me ensina(r), mas ela me fez deixa(r).

**Entrevistador:** Você estava aprendendo ‘angolar’?

**Participante:** Estava! <risos> A fala(r).

**Entrevistador:** Que legal!

**Participante:** É por <que... quando (es)tamos aprende(r) uma língua... [7:00] tendemos a muda(r) o sotaque. <risos> Então eu vinha com aquele sotaque meio... estranho. Ela... começo(u) e disse: “Pode para(r)!”. <risos> Me fez para(r). Depois aprendi o crio(u)lo, mas foi... bem... mais tarde.



**Entrevistador:** Ainda sabe alguma coisa de angolar?

**Participante:** Não! Nada! <risos>

**Entrevistador:** Não? Nada?

**Participante:** Não sei nada! <risos> Só forro mesmo.

**Entrevistador:** Só forro mesmo. E- E... na:: aqui na Unilab vocês falam forro? Não?

**Participante:** <risos> Quando que eles falavam p(a)ra outra pessoa não ouvi(r), né? Mas é isso. Que nem os guine- por exemplo [7:30] os guineenses falam o crio(u)lo o tempo todo. Nós não. Falamos o português mesmo. A não ser:: ... que não... queiramos que alguém... que (es)tá ao lado escute... o que (es)tamo(s) a fala(r). Só isso.

**Entrevistador:** E... se você (es)tá em São Tomé, (vo)cê... uhn... chega a morar com seus avós? Ou <ruído> das pessoas não, mora só com os pais?

**Participante:** É. <SIL> Na verdade só com minha mãe.

**Entrevistador:** E aí não tem nem como aprende(r) o forro com os avós, né? Sua mãe fala forro?

**Participante:** Fala.

**Entrevistador:** E não ensina?

**Participante:** Não. <risos> É porque no dia a dia lá:: ... [8:00] falamos português mesmo. Curiosida::de, essas coisa(s) assim:: ... né? A gente aprende por aí.

**Entrevistador:** Versinhos, lendas... conta em forro?

**Participante:** Uhm?

**Entrevistador:** As- as lendas das tartaru::gas... essas coisas...

**Participante:** Português!

**Entrevistador:** As sóias<sup>104</sup>, tudo?

**Participante:** Mesmo os mais velhos contam em português.

**Entrevistador:** Sério?

**Participante:** É!

**Entrevistador:** Poxa, gente! Vocês têm uma língua linda lá, e fica jogando fora! <risos>

**Participante:** <risos>

**Entrevistador:** Tudo bem. Então (es)tá bom. [8:22]

## Parte 2

**Tópico:** Origem, estudos, família, língua materna

**Duração:** 3 min 55 s

**Entrevistador:** [0:04] Então:: J., conta p(a)ra mim agora então... quais são seus planos...  
<SIL> p(a)ra essas férias. Pretende i(r) p(a)ra São Tomé::? Não::?

**Participante:** Essas? Aqui?

**Entrevistador:** É! Né? É... <risos>

**Participante:** <risos> Acho que eu num... não tenho... <SIL> financeiramente não dá p(a)ra i(r) esse ano.

**Entrevistador:** Não dá p(a)ra i(r) com as bolsas daqui?

**Participante:** É... com as bolsas é possível... é po(r)que... com [0:30] essa bolsa que eu tenho agora, de monitoria, quero comprar um computador. Que eu não

---

<sup>104</sup> Narrativa tradicional.

tenho. Aí... É preciso, né? Aí, quem sabe próximo ano, se eu vo(u)0  
consegui(r) outra bolsa... quem sabe esse dinheiro dá p(a)ra... ajunta(r) ele.

**Entrevistador:** E seus pais não têm vontade de vir p(a)ra cá, ve(r) você?

**Participante:** A minha mãe não tem como vi(r)... meu pai...uhn... na verdade QUEM nos  
criou foi só minha mãe. Então::

**Entrevistador:** Tem irmãos?

**Participante:** Tenho.

**Entrevistador:** Quantos irmãos (vo)cê tem?

**Participante:** Da parte da minha mãe somos três meninas. Meu [1:00] pai tem outros  
tantos... <risos> <SIL> uns dez, doze, bastante... mas é bastante.

**Entrevistador:** E você se dá bem com seus irmãos?

**Participante:** Sim. Nós nos damos bem.

**Entrevistador:** Vocês brigavam bastante quando eram criança ou vocês se davam...

**Participante:** Com as minhas irmãs, porque eu só vivi com as minhas irmãs... eu, a mais  
velha e a mais nova. E... brigávamos, né? <risos> Menina, as três menina(s)  
junta(s)... mas era por coisa(s) simples assim.

**Entrevistador:** E... o que você fazia lá em São Tomé? Assim p(a)ra... saía da- da faculdade  
[1:30], saía da escola e fazia o quê?

**Participante:** Eu:: ... desde muito cedo trabalhava. Ajudava, assim. Algumas pequenas  
negócios, com a minha mãe. Ela é doméstica, mas de vez em quando faz  
algum... po(r)que não dá p(a)ra fica(r) em casa cria(r) as meninas...  
Depo::is... quando (es)tava na décima classe... eu fui trabalha(r) numa  
rádio... Fiquei lá:: ... dois... na verdade três anos... depois eu saí... da rádio...  
e fui leciona(r). Lecionei dois anos, depois de vim p(a)r'aqui... p(a)r(a)o  
Brasil. [2:00]

**Entrevistador:** Gostava de leciona(r)?

**Participante:** É, muito bom! <risos> Eu lemb(r)o.

**Entrevistador:** Que- (vo)cê lecionava português?

**Participante:** Uhum.

**Entrevistador:** Na onde?

**Participante:** Na escola “Desejada”.

**Entrevistador:** Onde que é?

**Participante:** É no distrito de:: ... distrito de... deix’o ver... Lobata.

**Entrevistador:** Lobata?

**Participante:** É... lá.

**Entrevistador:** É perto de São Tomé? Da cidade?

**Participante:** Acho que é quatorze quilômetros. P(a)ra nós é DISTANTE, mas p(a)r’aqui não é nada. É, é um bocado distante. Antes eu lecionei nu::ma outra escola. Do distrito de: ... [2:30] Mé Zoxi. Depois eu mudei p(a)ra:: pa::(ra) ... aquela de Lobata.

**Entrevistador:** E gostava? Dos alu::nos...?

**Participante:** Muito!

**Entrevistador:** P(a)ra que ano lecionava?

**Participante:** Primeiro foi... da primeira séri(e). Se::is, sete anos... Depois eu peguei os de:: nove, dez, onze anos.

**Entrevistador:** E gostava?

**Participante:** Muito! <risos>

**Entrevistador:** Que mais fazia? Gostava de: ... i(r) à praia...

**Participante:** Lá em São Tomé?

**Entrevistador:** É.

**Participante:** É... na verdade eu so(u) bem [3:00] case(i)ra. Casa, escola, trabalho... e igreja. Não ando muito.

**Entrevistador:** E amigos? Namorado?

**Participante:** <risos> Amigas? Tem... amigas. <risos> Não há namorado. <risos>

**Entrevistador:** Nem em São Tomé? Nem...?

**Participante:** <risos> Em São Tomé... BEM, bem, BE::M há muito tempo... dois mil e... DEZ. Por enquanto não. <risos>

**Entrevistador:** <risos> [3:30] (Vo)cê acha que é fá::cil das pessoas de São Tomé... namorarem com as pessoas de outros países? De... sei lá... da Guiné:: ... de Angola...

**Participante:** Acontece bastante aqui.

**Entrevistador:** Você acha que é fácil se da(r) bem?

**Participante:** É! Se dão bem. Santomense tem uma característica que se dão bem com todo mundo. Não tem por aí... santomense conheceu (es)tá amigo, pronto! <risos>

**Entrevistador:** <risos> É uma boa característica.

**Participante:** Né?! <risos> [3:55]

## E.2 Informante MAQJ

### Português de São Tomé e Príncipe

**Entrevistador:** GB (São Paulo, Brasil)

**Participante:** MAQJ

– **Profissão:** Estudante

– **Local de Nascimento:** São Tomé (São Tomé e Príncipe)

– **Idade:** 27 anos

**Tópico:** Origem, estudos, família, língua materna

**Duração:** 13 min 44 s

**Entrevistador:** Então... M., me fala seu nome, sua idade... de onde você veio...

**Participante:** Tudo, né?

**Entrevistador:** Tudo. <risos>

**Participante:** Eu... me chamam de... M. Todo o nome?

**Entrevistador:** Pode falar.

**Participante:** <risos>

**Entrevistador:** Fala o quanto você quiser <risos>

**Participante:** Me chamam de... M. J. Eu tenho... vinte e... sete anos, por aí <risos>. Sou de São Tomé e Príncipe [0:30], mas da cidade de São Tomé. É... sou do curso de Letras, quarto trimestre... e... estudo na UNILAB.

**Entrevistador:** E você... morava em São Tomé desde sempre? Você nasceu lá?

**Participante:** Sim, nasci...

**Entrevistador:** Cresceu...?

**Participante:** Em São Tomé. Nasci em São Tomé. Fiz os meus os meus estudos... preparatórios em São Tomé, o liceal também... Antes de... vir p(a)ra cá, eu estudava num, na... [1:00] hã... no antigo ISP, que hoje é Universidade de São Tomé... aí... tem, hã... sabendo da... da vaga, aqui na UNILAB, que eles ofereciam curso de Letras... então... achei... melhor, nesse caso... suspende(r) a licenciatura e vir... cursar a licenciatura... fora do meu país... assim, aqui eu acho que eu tenho mais... probabilidade de... fazer mestrado.

**Entrevistador:** (En)tendi. [1:30] (Vo)cê fazia... também Letras, lá em São Tomé?

**Participante:** É, é a licenciatura em Língua Portuguesa.

**Entrevistador:** E aqui você faz...?

**Participante:** Letras.

**Entrevistador:** E... é, como você ficou sabendo da UNILAB?

**Participante:** Foi... através de uma professora... de literatura que... é brasileira. Então ela... ela soube, e ela perguntou se eu... queria, se eu... (es)to(u) interessada em... i(r) p(a)r(a)o Brasil <risos> né? Faze(r)... Letras... então eu... [2:00] tsc... aceitei logo, né?

**Entrevistador:** É?

**Participante:** É! <risos> e... outra coisa que eu não falei que eu tenho uma filha... é... antes de vir eu trabalhava, já... lecionava... tinha... é, marido, filha, né? <risos>

**Entrevistador:** E aí?

**Participante:** (Eu) tinha que cuida(r) da... da casa, depois... cuida(r) também... dos alunos que eu lecionava... a disciplina era [2:30] Educação Visual e... Educação Física. E... estudava... Licenciatura e Língua Portuguesa era puxado, era... cansativo... E... aqui... digamos que é mais... não é... quer dizer, cansativo é, mas é melhor, porque... aqui eu só estudo. Lá eu tinha um monte de coisa pa(ra) faze(r), estudo quase que ficava p(ara)o segundo

plano.

**Entrevistador:** Uhum.

**Participante:** Mas aqui eu dedico todo o [3:00] meu tempo só... a estuda(r) mesmo.

**Entrevistador:** Entendi. E o marido, filha, ficaram lá?

**Participante:** Em São Tomé. Tem a questão da saudade, ou coisa assim, mas... eu tá-(es)to(u) cá em há há... um ano. Completei um ano em janeiro. Já... não digo que passou a saudade, mas não (es)tá como... (es)tava, porque... agora tem mais coisa pa(ra) faze(r), (es)to(u) envolvida em mais p(r)ojetos aqui na... na UNILAB [3:30] e... tipo, eu num (es)to(u) com a cabeça vazia <risos>.

**Entrevistador:** É... verdade.

**Participante:** A sentir saudade novamente, mas... tsc... de vez em quando... bate aquela saudade, né? Mas a gente tem que... sabe(r)... anda(r) em frente, vida num para(r) por aqui... é só por algum tempo. Logo logo eu vou volta(r).

**Entrevistador:** (Vo)cê fala sempre com eles?

**Participante:** Ah, sempre sempre não, porque... tem essa... deficiência na comunicação [4:00]. Telefone daqui pa(ra) lá num-nós não conseguimos liga(r). E... o *face*... nem sempre eles (es)tão na linha... (es)tá a ve(r)? Então... tem sempre essa... esse obstáculo, mas... tsc... passa. Nós recebemos notícia dos outros. E... mandamos cumprimentos, né? <risos> pe-pe-pelos outros, nesse caso <risos>, mas... ah, a vida é me(s)mo assim, tem que se(r) assim, né? <risos>

**Entrevistador:** É, mas é, a gente sacrifica agora p(a)ra te-colhe(r) [4:30] mais tarde, né?

**Participante:** **Participante:** Exatamente.

**Entrevistador:** E... eles aceitaram bem, você vir p(a)ra cá, eles te apoiaram?



**Participante:** Apoiaram. Apoiaram sim. (Es)tava com pena é da minha filha, mas... acho eu achei melhor faze(r) esse curso logo, depois... vai ser bem p(a)ra mim, bem p(a)ra ela... uma pessoa formada nesse mundo... vale por mil, nesse caso <risos> então...

**Entrevistador:** E (vo)cê pretende... assim que (vo)cê termina(r)... aqui a UNILAB, você já vai voltar, p(a)ra São Tomé? [5:00] (Vo)cê vai estudar mais um pouco...?

**Participante:** Eu gostaria muito de terminar na UNILAB e... faze(r) o mestrado... mas... eu pretendo ir p(a)ra São Tomé no terceiro ano... assim, no meio do curso... i(r) pa(ra) São Tomé, volta(r)... faze(r) a licenciatura... ve(r) a possibilidade de faze(r) mestrado... Acho que são dois anos, né? E aí... tsc.

**Entrevistador:** Traze(r) todo mundo, talvez?

**Participante:** Num sei <risos> ainda não sei se... [5:30] mai depende... aí é... tudo (es)tá na mão de Deus, nesse caso. Só ele sabe o... futuro.

**Entrevistador:** E aqui... em São... em São Tomé, ó! Aqui, no Brasil. É... quando (vo)cê chego(u)... foi bem recebida? Foi difícil p(a)ra arranja(r) moradia...?

**Participante:** Foi um pouco difícil, sim... a-a-arruma(r) moradia, porque nós... nesse caso eu... falo te-sempre no plural, porque eu moro com a J. Então ela me ajudou(u). <risos>

**Entrevistador:** Vocês são parentes?

**Participante:** Não, somos colega(s) me(s)mo [6:00]. Estudávamos... hã... na universidade, aí surgiu... de pa(ra)... UNILAB, então viemos juntas. <risos> Isso! <risos> E... foi sim, porque... não conhecíamos... os lugar(es), não sabíamos onde... tem casa pa(ra) aluga(r)... quem... tem casa pa(ra) aluga(r)... Então... fico-fico(u) difícil... tem... dizem que... há partes aqui... em Reda-Redenção... que é... é um pouco... er... [6:30] mais ou menos é... tipo, não é não é adequado... p(a)ra mora(r). Tendo em

conta que nós estudamos à noite. Então, sai(r) da universidade à-à noite... ir p(a)r(a)o... i(r) pa(ra) aquele luga(r), lá pode num... não é legal.

**Entrevistador:** Não é seguro.

**Participante:** *Yeah*, não, não é seguro. Então... nós... tsc. Mas depois apareceram assim, pessoas... que é pa(ra) orienta(r). (Es)távamos assim meio tímida, porque não sabíamos com quem fala(r)... todo mundo ficava a olha(r)... assim... pa(ra) nós [7:00] <risos>. Mas... depois... tudo resolveu-se.

**Entrevistador:** E como é sua relação aqui-aqui com os brasileiros? Te receberam bem? (Vo)cê acha muito diferente de santomenses?

**Participante:** Não, nem tanto. Nem tanto. Nós temos... er <ruído> te-tenho, né? Amigos brasileiros, amigas brasileiras. Tenho até uma... tsc... senhora. Eu... considero ela como minha mãe [7:30]. É brasileira. Ela é muito... muito amigável, muito assim... protetora, (es)tá a ve(r)? Tsc, não tenho a... o que... dize(r)... talvez) fala(r)... alguma coisa ruim, por parte dos brasileiros... não. Até, pelo menos até agora, tudo tem... caminhando-caminhado, né? Muito bem! <risos>

**Entrevistador:** Que bom! Fico feliz. E essa relação com... os colegas de outros países [8:00], que também estudam aqui na UNILAB: é boa?

**Participante:** É, é boa. Falamos pouco, porque eles... usam mais o crioulo... o tempo todo <risos>. E... quando não se entende uma língua fica meio difícil de interagir, mas... mas, tipo, falamos... normalmente, “oi”, se tiver algum assunto, assim... da universidade ou coisa assim, nós falamos. Mas assim amizade amizade amizade... [8:30] não.

**Entrevistador:** Só mais com... os brasileiros? Ou com os santomenses?

**Participante:** É... brasileiro, santomense, tem o guine-guineense também.

**Entrevistador:** (Com) guineense tem bastante amizade?

**Participante:** Sim.

**Entrevistador:** (Vo)cê fala crioulo?

**Participante:** *Une petit* <risos>. Um pouco <risos>.

**Entrevistador:** Qual (vo)cê-qual (vo)cê fala? Qual (vo)cê conhece?

**Participante:** É de São Tomé mesmo.

**Entrevistador:** Forro mesmo?

**Participante:** Forro mesmo... só. De São Tomé.

**Entrevistador:** Lung' Ie?

**Participante:** Não.

**Entrevistador:** Angolar?

**Participante:** Também não.

**Entrevistador:** Também não... [9:00] inglês, francês, alemão? <risos>

**Participante:** <risos>

**Entrevistador:** (Vo)cê aprendeu... qual foi a primeira língua que você aprendeu em casa, assim?

**Participante:** É... o português.

**Entrevistador:** Português. Mãe falava português... Pai falava português...?

**Participante:** Uhum.

**Entrevistador:** Me fala um pouco dos seus pais.

**Participante:** Hã... os meus pais são santomenses. Pai e mãe. É... eu gosto muito deles <risos>. (Es)to(u) com muita saudade dele(s)... são legais... não tem como... assim... hum... tipo... um exemplo de vida... minha mãe... [9:30] pela forma que ela é... assim... bem paciente... com as coisas... assim, tem visão mesmo (d)o que é certo, (d)o que é errado... e também

não... esquecendo de fala(r) que é ela que ficou tomando conta da menina  
<risos> pa(ra) mim. <risos>

**Entrevistador:** É uma boa mãe, né? <risos>

**Participante:** Meu pai é... aquele senhor assim todo... [10:00] assim, as pessoas acham que ele é... é malvado, assim... mas não. Meu pai é rigoroso, ele gosta das coisas... na linha. E quando as coisas fogem um pouco, aí... tsc, ele se zanga... mas... eu também admiro muito meu pai.

**Entrevistador:** Tem avós?

**Participante:** Tenho. Estão vivos, graças a Deus. E... a minha relação com eles... é boa. E... isso aí. <risos> [10:30]

**Entrevistador:** Quando-como (vo)cê aprendeu... forro?

**Participante:** Foi ouvindo... dos meus avós. Porque... em casa mesmo não se fala forro. Os meus avós... algumas músicas tam(b)ém... na TV tem alguns programas que falam em... em crioulo... Foi a partir disso.

**Entrevistador:** Mas pai e mãe...?

**Participante:** Fala(r) em casa?

**Entrevistador:** É.

**Participante:** Não. Sim, fala(r)-f... numa conversa, fala(r) [11:00] o crioulo não. Algumas palavras soltas... que nem... hã... por exemplo, se ela disser... “ô M., pegue aquilo p(a)ra mim”. Se eu não entendi, ela diz: “*mina ê! Pega kô a sê da mu*”. É tipo assim, tipo como se ela usasse o crioulo só pa(ra) enfatiza(r) o que ela... o que ela tinha dito. É só isso me(s)mo. <risos>

**Entrevistador:** Por que será?

**Participante:** Mas eu-eu já vi a minha mãe falando crioulo com... ela fala... com as pessoas de rua [11:30], de fora, mas... é um diálogo mesmo... mas em

casa... não, não temos esse diálogo a crioulo.

**Entrevistador:** Engraçado, né? Todo mundo fala isso, assim.

**Participante:** <risos>

**Entrevistador:** Os avós ensinam-aprende... assim, mas vai aprende(r) na rua, mas os pais não...

**Participante:** É... não.

**Entrevistador:** Os avós não ensinaram p(a)r(a)os pais? P(a)ra pode(r) ensinar p(a)r(a)os filhos? (O) que (vo)cê acha? Não tem mais essa... essa coisa de quere(r) fala(r) crioulo, talvez...?

**Participante:** Acho que... os avós... podem até ter ensinado p(a)r(a)os filhos, [12:00] mas quando os filhos crescem, os filhos... tipo, tipo tem outras influências... tem o inglês, há quem quer aprender inglês, que(r) pa-aprende(r) francês... há quem quer... faze(r) outras coisas e... num... acha que essa língua num... num é assim... tão importante. Onde é que vo(u) leva(r)... o crioulo? Crioulo não é língua comercial. Então eles... deixam... Né? Porque, assim, eles fica(m) no esquecimento, ma(s) deixa p(a)ra trás... [12:30] pega mais pa(ra) diversão... pa(ra)... canta(r) ou coisa assim, mas pa(ra)... diálogo mesmo...

**Entrevistador:** E (vo)cê-então (vo)cê que... os pais... da sua geração, já pensavam mais assim, de “não, crioulo não é um(a) boa... é melhor falar português”...

**Participante:** É-é melhor... falar português, porque português... é... é língua que todo mundo fala, que todo mundo entende. E crioulo, crioulo é só entre nós... vamo(s) fala(r) crioulo só entre nós. [13:00] Quando tiver alguém... outra pessoa estranha ou coisa assim, vamo(s) fala(r) português, po(r)que a pessoa não sabe... fala(r) o nosso crioulo.

**Entrevistador:** Uhm... fala bastante crioulo aqui? Em-na UNILAB?

**Participante:** Os santomense(s)?

**Entrevistador:** Você, os santomenses...

**Participante:** Bastan-não. Só entre eles me(s)mo... quando (es)tamo(s) juntos... na verdade há crioulo, mas quando (es)tão... no meio de outros-outras de... outras nacionalidades falamos português.

**Entrevistador:** Português... mas você fala-você consegue fala(r) bastante crioulo aqui... ou não? Com os amigos santomenses... [13:30]

**Participante:** Pouco, porque algumas palavras eu já me esqueci... porque nós não praticamos. Já, diferentemente dos guineense(s)... eles falam bastante.

**Entrevistador:** Falam bastante mesmo. Já vi. Bem bacana. [13:44]

### E.3 Informante NDR

#### Português de São Tomé e Príncipe

**Entrevistador:** GB (São Paulo, Brasil)

**Participante:** NDR

– **Profissão:** Estudante

– **Local de Nascimento:** São Tomé (São Tomé e Príncipe)

– **Idade:** 20 anos

**Tópico:** Origem, estudos, família, língua materna

**Duração:** 9 min 53 s

**Entrevistador:** Então vamo(s) lá: Então... Fala seu nome, sua idade, da onde (vo)cê veio...

**Participante:** Meu nome é Neyla... <SIL> Eu vim de São Tomé e Príncipe... Mais especificamente em [de] São Tomé... e tenho... vinte anos, que vai completar <ruído> ainda poucos dias... E:: ... sou aluna da Unilab, faço Engenharia de Energias... <risos> (es)to(u) em:: terceiro trimestre.

**Entrevistador:** Bacana. E:: ... Você es-estud-fez Liceu em São Tomé? [0:30]

**Participante:** É, fiz.

**Entrevistador:** Nunca estudo(u)... ti-tirando o Brasil, nunca estudou em nenhum outro lugar...?

**Participante:** No Brasil?

**Entrevistador:** Tirando São-São é:: <tsc> Unilab, só... só estudou em São Tomé?

**Participante:** Sim. Só em São Tomé.

**Entrevistador:** E... por que a Unilab?

**Participante:** Porque... acho que foi uma... uma oportunidade que eu vi... e depois, como falava... ah, é um país que::... Brasil é um país que tam(b)ém fala português-ach-e achei:: ... mais... é, mais seguro. [1:00] Mais fácil p(a)ra estuda(r) nele. E tam(b)ém sabendo que a Unilab é um-é uma universidade... lusófona, né? E ia encont(r)a(r) pessoas de outras nacionalidades que também falavam português... é... achei interessante.

**Entrevistador:** E por que engenharia?

**Participante:** Porque... porque sempre gostei de números, né? Mas... o meu sonho MESmo era faze(r) medicina.

**Entrevistador:** Uhm.

**Participante:** Mas... por falta de oportunidade eu... resolvi faze(r) engenharia.

**Entrevistador:** E não pensou em estudar em Portugal?

**Participante:** Já-já pensei. Até po(r)que minha mãe-minha mãe [1:30] viveu lá por muito tempo. Eu até (es)tava-nós estávamos pa(ra) estuda(r) em Portugal, mas só que não deu certo.

**Entrevistador:** Entendi. Aí... surgiu a Unilab...

**Participante:** É, surgiu a Unilab... e eu vim.

**Entrevistador:** Como que (vo)cê conheceu a Unilab, lá em São Tomé?

**Participante:** Na... na embaixada do Brasil... e:: eu tinha... eu já havi-havia conhecido pessoas que já-já tinham vindo antes pa(ra) cá e que me falaram... então eu fui... fui me interessan::do e fui à procura.

**Entrevistador:** Entendi. E:: demoro(u)? P(a)ra consegui(r) vi(r) p(a)ra cá?

**Participante:** Não. <SIL> [2:00] Havia um:: primeiro nós tínhamos que faze(r) a inscrição pelo site... e tam(b)ém na emba(i)xada... entregar os



documentos:: aí... era só:: faze(r) uma prova de readação... simples... e::  
passei na prova... fui selecionada e:: vim.

**Entrevistador:** Que bacana. E (es)tá gostando do Brasil?

**Participante:** (Es)to(u).

**Entrevistador:** O que mais-mais (es)tá gostando daqui?

**Participante:** Das pessoas, né? Acho que é-as pessoas são... mais t-mais simpática(s),  
acolhedora(s)-porque até o lugar me(s)mo [2:30]... é meio assim... <risos>.

**Entrevistador:** Redenção? <risos>

**Participante:** É... Redenção. <risos> Mas as pessoas são... fixi... Os professores são...  
bons... conversa(m) com os aluno(s)-mesmo extracurricular <SIL>. É...  
bom.

**Entrevistador:** É? E que que (vo)cê mais gosto(u) do Brasil até agora?

**Participante:** O que eu mais gostei::? <SIL> Acho que foram as pessoa(s) me(s)mo.

**Entrevistador:** E-o que sente mais falta lá em S-lá de São Tomé? Aqui?

**Participante:** Minha família... [3:00] das nossas:: ... culinárias... hã:: das praias... em São  
Tomé. <SIL> É, é acho que é... o que esses principais são... são essas  
coisas.

**Entrevistador:** Já foi-já viajou aqui-sem se(r) em Redenção? Já fi conhece(r) outros  
lugares?

**Participante:** Já. Já-já co-conheci Belém <SIL>. Estado do Pará. <SIL>

**Entrevistador:** Gostou(u)?

**Participante:** Gostei MUIto <risos>.

**Entrevistador:** O que mais você gostou?

**Participante:** Me deu uma-é uma-uma:: cidade muito LIN::da... e depois... hum... como (es)tá-como fica perto do:: [3:30] da-do Amazônia...

**Entrevistador:** Uhum.

**Participante:** Tem:: muitos parques... zoológico... eu fui conheci... leão:: ... hã... onça pintada... muito bom.

**Entrevistador:** O zoológico! Muito bom. É... e... lá em São Tomé... que-qual língua que (vo)cê fala mais assim...?

**Participante:** Mais fluente é o português. E depois do português é que vem o... f-o crioulo forro.

**Entrevistador:** Mas é... até:: a primeira língua que você aprendeu foi o português [4:00] então...

**Participante:** Foi o português sim.

**Entrevistador:** Em casa a mãe fala...

**Participante:** Uhm... a mãe fala português, o pai fala português, a avó:: é que fala cri-é o crioulo.

**Entrevistador:** E a v- a::- por que que a... eu não entendo isso- as pessoas- todo mundo fala isso que a vó que ensina o forro.

**Participante:** Uhum.

**Entrevistador:** Mas então por que que... a vó não ensina p(a)ra mãe p(a)ra ensina(r) p(a)r(a) o filho?! Sabe?!

**Participante:** <risos> A mãe... a mãe- a mãe sabe... a mãe sabe fala(r), mas só que ela não fala fue- fu- frequentemente como a- os avós, (es)tá a entende(r)? A mãe sabe... [4:30] só que... a- eu acho que:: ... cada vez que nós vamos crescendo vai fican(d)o mais adulto é que vamo(s) t- começanso a... adquirir o que é nosso de verdade.

**Entrevistador:** Uhum.

**Participante:** Po(r)que os jovens... é <SIL> é difícil de encontra(r) jovens assim... que falam... o forro fluemente... mas:: os mais velhos sim.

**Entrevistador:** Uhum.

**Participante:** Eles sabem, mas não falam, não p(r)aticam... uma vez que um... um não pratica então eu não vou fala(r) sozinha, né? Tem que ter...

**Entrevistador:** Mas aqui em São Tomé que tem va- aqui em São Tomé não... aqui na Unilab <risos> que tem vários santomenses... é... (vo)cês conseguem conversar [5:00] em forro?

**Participante:** Uhum... eu- aqui nós falamos Mais do que lá em São Tomé... <risos> talvez porque nós estamos no- no distante do país e como nós... encontramos com alguém... que é do nosso paí então... nós vamos resgatando.

**Entrevistador:** E... talvez p(a)ra fala(r)... porque- tem vários países- tem várias pessoas de vários países aqui, né? E todo mundo fala o próprio crioulo, né? De:: ... Guiné... de Angola.

**Participante:** Cabo Verde.

**Entrevistador:** Cabo verde... talvez p(a)ra separar assim ou não?

**Participante:** Não- não p(a)ra separa(r)... [5:30] mais pa(ra) uni(r)... uni(r) o santomense, né? Po(r)que... a língua que nos une todos é o português, né?

**Entrevistador:** Sim.

**Participante:** Mas o nosso... nosso crioulo nos une... sonto- os santomense... mas tá- às vezes nós ensinamos pa(ra) outras pessoas, eles- eles nos ensinam o- o deles... é bom.

**Entrevistador:** E (vo)cê tem bastante contato com pessoas... de- sem ser de São Tomé? E sem ser brasileiro?

**Participante:** Tenho. <SIL> Tenho- tenho uma amiga cabo-verdiana, moçambicana, angolana <SIL> ahn... guineense também... quase de toda nacionalidade.

**Entrevistador:** É? E (vo)cê acha que é fácil essa rela- é... [6:00] cria(r) um- uma amizade com pessoas que não são de São Tomé?

**Participante:** É <SIL> não é fácil... você vai interessa(r)- vai se interessa(r) em sabe(r) como que... que é a cultu- a cultura deles... como é que eles se:: ... tipo vivem no dia a dia assim... fácil.

**Entrevistador:** É... e você acha mais fácil faze(r) amizade com brasileiro ou com... pessoas...

**Participante:** Com africanos.

**Entrevistador:** Com africano.

**Participante:** <risos>

**Entrevistador:** Por quê?

**Participante:** Num... num sei... <SIL> num sei, só sei que... por exemplo na minha turma... [6:30] isso... tem mais amigos africanos... africano(s) são pouco(s), mas eu tenho mais amigo africano do que... os brasileiro(s). Acho que... os brasileiro(s) são um pouco isolado(s) assim.

**Entrevistador:** Uhm... Por que que (vo)cê acha?

**Participante:** Não sei... acho que eles ficam mais à vontade entre eles do que- é como nós tam(b)ém... ficamo(s) mais à vontade entre nós do que... com ele, mas não que(r) dize(r) que há uma separação... nós somos... assim amigos, mas... assim não- eu so(u) mais amiga dos africanos do que do Brasil.

**Entrevistador:** Entendi. (Vo)cê acha que existe alguma [7:00] coisa parecida entre a cultura de São Tomé e a cultura dos outros países da África que (es)tão aqui?

**Participante:** Existe.

**Entrevistador:** O quê?

**Participante:** Ah <SIL> a forma de pensa(r) <SIL> ahn... a comida, né? Ad- o sotaque, o sotaque da língua... po(r)que da me(s)ma forma que eu falo português não é da me(s)ma forma que ele fala português- há pa- há palavras que em São Tomé significa(m) uma coisa e- e na- a mesma palavra significa o(u)tra coisa... noutros países.

**Entrevistador:** Que legal! O quê? Por exemplo?

**Participante:** Por exemplo... [7:30] tem uma comida que, me- lá em São Tomé nós chamava(mos) pintado. Pintado é:: mistura de arroz e feijão... junto... não separado tipo arroz e jeijoadá, mas... arroz junto com... aqui em Brasil ele chamam baião... né?

**Entrevistador:** Ahn::

**Participante:** Então o vê ali... é pinto <SIL> e:: <risos> em Angola... é rancho.

**Entrevistador:** Rancho.

**Participante:** (Es)tá a entende(r)? Então:: ... é:: diferente.

**Entrevistador:** Entendi. <SIL> É:: lá em São Tomé, seus pais- os seus pais fazem o quê?

**Participante:** O meu pai [8:00] ele é empresário. A minha mãe... ela... não mora em São Tomé... ela mora na Inglaterra... ela... trabalha num hotel.

**Entrevistador:** E seu pai é empresário de quê?

**Participante:** Construção civil.

- Entrevistador:** Uhm... E não quis fazer cons- é- engenharia civil?
- Participante:** Não <risos> não <risos>. Eu quero bem mais especializar em telecomunicações... Curso de engenharia de energia (es)tá mai(s) ligada à telecomunicação do que... o(u)t(r)o tipo de...
- Entrevistador:** É que (vo)cê falo(u) energia- é:: em- engenharia de energia [8:30] eu penso sabe- mexe em petró::leo... sabe?
- Participante:** Uhm... também... petróleo... enge- energia(s) renováveis...
- Entrevistador:** Bacana.
- Participante:** É legal.
- Entrevistador:** Muito bacana... e como foi sua infância lá em São Tomé? (Vo)cê fez o Liceu... lá na... capital? (Vo)cê estudou em outros lugares?
- Participante:** Não... só na capital... e- eu- e:: ... houve um período da minha vida que... eu fui estuda(r) no Príncipe... que é outra ilha... Estudei por um período de:: oito meses assim... depois voltei- po(r)que a minha mãe (es)tava lá- (es)tava morando lá:: ... Então eu estudei no Príncipe, depois voltei pa(ra) capital de novo. [9:00]
- Entrevistador:** E (vo)cê tinha muitos aligos lá em São Tomé?
- Participante:** Muitos <risos>. Muitos me(s)mo- muito
- Entrevistador:** E deixo(u) todo mundo lá e... veio... p(a)ra cá... estuda(r)...
- Participante:** Todo mundo.
- Entrevistador:** (O) que que (vo)cê mais gostava de faze(r) lá em São Tomé?
- Participante:** De fica(r) com os ami::gos... e:: i(r):- i(r) o cinema, passeia(r)... ir à praia... São muita(s) praias de São Tomé.
- Entrevistador:** Qual é sua praia favorita?

**Participante:** Minha praia FAVORITA MÊS::mo... acho que era:: a praia do [9:30]  
Morro Peixe. Você conheceu?

**Entrevistador:** Não... Onde fica?

**Participante:** Fica:: perto do- de Guadalupe... passa Guadalupe um po(u)co... e::... fica  
lá.

**Entrevistador:** Por que que era sua praia favorita?

**Participante:** Po(r)que ela é MUITO LIN::da <risos> muito linda me(s)mo, com o mar...  
cristalino... as ar... a areia muito... muito branca... muito boa.

**Entrevistador:** É? Muito bom. [9:53]